

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS PRATICADOS E SOFRIDOS POR  
JOVENS NO RECIFE EM 2009.**

**Laura Maria Nunes Patrício**

**Recife**

**2012**

**Laura Maria Nunes Patrício**

**CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS PRATICADOS E SOFRIDOS POR  
JOVENS NO RECIFE EM 2009.**

Dissertação elaborada sob a orientação do Prof. Dr. José Luiz  
Ratton, apresentada ao Programa de Pós Graduação em  
Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco.

**Recife  
2012**

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Tony Bernardino de Macedo CRB4-1567

P314c Patricio, Laura Maria Nunes.  
Configurações de homicídios praticados e sofridos por jovens no Recife em 2009 / Laura Maria Nunes Patricio. – Recife : O autor, 2012.  
131 f. ; 30 cm.

.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco,  
Orientador: Prof. Dr. José Luiz Ratton.  
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2012.  
Inclui bibliografia e anexos.

1. Sociologia. 2. Homicídios 3. Jovens 4. Criminalidade I. Ratton, José Luiz (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2012-145)

**ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE LAURA MARIA NUNES PATRÍCIO, DO CURSO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.**

Aos vinte e um dias do mês de agosto do ano de dois mil e doze, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para a **Defesa de Dissertação de LAURA MARIA NUNES PATRÍCIO**, intitulada **JOVENS COMO PROTAGONISTAS DE HOMICÍDIOS: Configurações de Homicídios Praticados e Sofridos por Jovens no Recife em 2009**. A Comissão foi composta pelos Professores: **Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Júnior (Presidente/Orientador); Prof. Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes - Titular Interno; Profa. Dra. Patrícia Bandeira de Melo – Titular Externa (FUNDAJ)**. Dando início aos trabalhos, o **Prof. Dr. José Luiz Ratton** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida, passou a palavra à autora da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar, o **Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Júnior**, presidente da mesa e orientador da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade**. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretário do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 21 de agosto de 2012.

\_\_\_\_\_  
Vinícius Douglas da Silva Nascimento – Secretário

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Luiz de Amorim Ratton Júnior

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Patrícia Bandeira de Melo

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Josimar Jorge Ventura de Moraes

\_\_\_\_\_  
Laura Maria Nunes Patricio

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, que teve muita paciência e deu todo o apoio e o amor possíveis nessa etapa importante da minha formação profissional e pessoal. Ao meu pai, maior inspiração para esta vida acadêmica; à minha mãe, que sempre demonstrou forças suficientes por ela e por mim; aos meus irmãos, melhores companheiros da vida; e ao meu sobrinho, que equilibrou minhas semanas de trabalho com domingos muitíssimo alegres.

Ao “sexteto de mil”, que se faz presente há mais de 13 anos, e que acompanhando toda minha (in)disciplina como estudante, nunca deixou de acreditar que eu seria capaz de concluir mais esse ciclo.

Aos amigos da graduação, que dividem até hoje comigo os anseios dessa vida de cientista social.

Aos amigos do mestrado, principalmente Victor, Mari, Bella e Chico, que compartilharam intensamente todas as angústias da produção de nossos trabalhos e me dão a imensa alegria de ter construído sólidas amizades.

À “formação”, melhor presente dos últimos anos.

Aos demais amigos que me acompanharam e me apoiaram nessa trajetória.

Agradeço especialmente aos que me cederam cantinhos inspiradores para escrever: Natália Santoro, em Barra de Sirinhaém; e Tia Socorro, Tio Ib e Tatinha, em Aldeia.

Aos companheiros de pesquisa do NEPS, que produziram conhecimento comigo, permitindo a elaboração desta dissertação. E, principalmente, ao meu orientador desde o 3º período da graduação em Ciências Sociais, José Luiz Ratton.

## RESUMO

### CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS PRATICADOS E SOFRIDOS POR JOVENS NO RECIFE EM 2009.

**Laura Maria Nunes Patrício**

Esta dissertação tem como objetivo principal compreender a dinâmica dos homicídios praticados e sofridos por jovens no Recife, capital do estado de Pernambuco, em 2009, através de uma análise, por um lado, dos padrões específicos de configurações de homicídio prevalentes (os jovens como protagonistas – vítimas e agressores) e, por outro, das diferenças internas a tais padrões, estabelecendo comparações quanto aos tipos de homicídio em questão. Isto compreende três seguintes objetivos específicos: identificar e analisar, as características sociais de agressores, vítimas e contextos situacionais de homicídio que envolvem jovens; identificar e analisar as configurações prevalentes de homicídios praticados e sofridos por jovens, ou seja, os padrões de interação envolvendo jovens que produzem a morte violenta, assim como as assinaturas únicas destes homicídios; enriquecer a discussão sobre a complexa relação entre juventude e violência. Para tanto, realizar-se-á: análise de dados quantitativos e qualitativos sobre vítimas, acusados e contextos situacionais, coletados nos inquéritos policiais de crimes contra a vida ocorridos em 2009 no Recife; e análise de entrevistas em profundidade, semi-estruturadas, com jovens homicidas, presos no Presídio Aníbal Bruno. Apesar deste trabalho se inserir na agenda de pesquisa que reconhece o homicídio como um fenômeno multicausal e multidimensional, este busca contribuir para a compreensão do homicídio como forma específica de criminalidade violenta. Tal análise será centrada no conceito de *configuração do homicídio*, este definido como a convergência entre o agressor e a vítima em um contexto sócio-espacialmente estruturado, em que a agressão se realiza, bem como a situação em que o evento transcorre. Nesse sentido, a pesquisa fugirá aos modelos correntes de explicação da criminalidade violenta e do homicídio, centrados seja somente sobre características da vítima, seja sobre características dos agressores, ou mesmo sobre a etiologia dos crimes. Esta dissertação se trata de um recorte de uma pesquisa do NEPS (Núcleo de Estudos de Pesquisas sobre Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança Pública), núcleo do qual a autora desta dissertação faz parte, que tem como objetivo fazer um mapeamento dos homicídios cometidos em Recife nos últimos anos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homicídios; Jovens; Criminalidade violenta; Configurações de homicídios; Recife.

## ABSTRACT

### THE CONFIGURATIONS OF HOMICIDES AMONGST YOUNG MALES IN RECIFE IN 2009.

**Laura Maria Nunes Patrício**

This masters' thesis aims to understand the dynamics of homicides amongst young males in the city of Recife, capital of the Brazilian State of Pernambuco, in 2009, throughout an analysis which is on one side, the specific patterns inside the configurations of prevalent homicides (young males as protagonists – offenders and victims) and on the other, the internal differences in such patterns, establishing comparatives between the types of homicides here presented. This involves the three following specific objectives: to identify and analyze the social characteristics of offenders, victims and also the contexts of the homicide situations involving young males; to identify and analyze the prevalent configurations of homicides with young males as offenders and young males as victims, which means the interaction patterns of young males capable of giving their victims violent deaths, and in the other hand, the unique signatures these homicides show; and to enrich the debate on youth's complex relationship with violence. This will be demonstrated by an analysis of both quantitative and qualitative data on victims as well as those charged with the crime and the context involving the situations, taken from the police reports of homicides which took place in 2009 in Recife; and the analysis of semi-structured in-depth interviews with young murderers serving at the Aníbal Bruno Penitentiary. Although this thesis could be seen as research on homicide being a multidimensional phenomenon of varied causes, it also contributes to the understanding of homicide as a specific form of violent criminality. Such analysis is centered on the concept of the *configuration of the homicide*, this being the convergence between offender and victim within a social-spatially structured context in which both the assault and its situation take place. Therefore, this research differs from the current models which explain violent criminality and homicides, centred only upon either the victim's characteristics, the offender's characteristics or even the etiology of the crimes themselves. This master's thesis is an extract from a NEPS (from the Portuguese Núcleo de Estudos de Pesquisas sobre Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança Pública) research, a group of which the author takes part, which aims to map out homicides committed in Recife in the last years.

**KEYWORDS:** Homicides; Young males; Violent criminality; Configurations of homicides; Recife.

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1º CAPÍTULO: OS JOVENS E OS HOMICÍDIOS.....</b>	<b>14</b>
1.1 JOVENS BRASILEIROS .....	15
1.2 HOMICÍDIOS NO BRASIL E HOMICÍDIOS ENTRE OS JOVENS.....	22
1.3 CRIMINALIDADE VIOLENTA NO BRASIL.....	27
1.4 CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS .....	37
<b>2º CAPÍTULO: CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS SEGUNDO DADOS DOS INQUÉRITOS POLICIAIS .....</b>	<b>42</b>
2.1 A DEFINIÇÃO DO UNIVERSO A SER PESQUISADO NO DHPP.....	43
2.2 O TRABALHO DE CAMPO.....	47
2.3 DEFINIÇÃO DO UNIVERSO DESTA DISSERTAÇÃO .....	48
2.4 SOBRE O CONTEXTO SITUACIONAL.....	49
2.5 SOBRE AS VÍTIMAS .....	66
2.6 SOBRE OS INDICIADOS (OS HOMICIDAS) .....	73
2.7 CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS - ALGUNS RESULTADOS.....	78
<b>3º CAPÍTULO: BACKGROUND DOS HOMICIDAS E CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS ATRAVÉS DOS SEUS DISCURSOS .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
3.1 TRABALHO DE CAMPO.....	90
3.2 TÉCNICAS DE ENTREVISTA .....	92
3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	93
3.3.1 Background do agressor .....	95
3.3.1 Características da agressão: Configurações dos homicídios .....	113
3.3.2.1 Início do envolvimento com homicídios .....	113
3.3.2.2 Contexto situacional e motivações dos homicídios.....	115
3.4 CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS – MAIS RESULTADOS .....	128
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>131</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>137</b>

## INTRODUÇÃO

As altas taxas de criminalidade, e mais especificamente de crimes contra a vida, nas regiões metropolitanas do Brasil indicam uma necessidade de tentativas de compreensão do fenômeno social do homicídio, reconhecido por teóricos da sociologia do crime como um fenômeno multidimensional e de alta complexidade. Esta dissertação tem como objetivo principal compreender a dinâmica dos homicídios praticados e sofridos por jovens no Recife, capital do estado de Pernambuco, em 2009, através de uma análise, por um lado, dos padrões específicos de configurações de homicídio prevalentes (os jovens como protagonistas – vítimas e agressores) e, por outro, das diferenças internas a tais padrões, estabelecendo comparações quanto aos tipos de homicídio em questão. Isto compreende três seguintes objetivos específicos: identificar e analisar, as características sociais de agressores, vítimas e contextos situacionais de homicídio que envolvem jovens; identificar e analisar as configurações prevalentes de homicídios sofridos praticados e sofridos por jovens, ou seja, os padrões de interação envolvendo jovens que produzem a morte violenta, assim como as assinaturas únicas destes homicídios; enriquecer a discussão sobre a complexa relação entre juventude e violência.<sup>1</sup>

Antes de se partir para os propósitos da dissertação, é necessário realizar algumas definições de conceitos. Primeiramente, a distinção entre crime e violência. Crime deve ser definido numa abordagem que vai além da definição jurídico-legal, apreendendo a significação sociológica deste conceito. Segundo Misse (2006), o crime é caracterizado através da reação moral à generalidade que define tal curso de ação e o põe nos códigos (legais), institucionalizando sua sanção (sociologicamente e pelos aparelhos de justiça e policiais). Já a violência se refere ao emprego de força física ou até mesmo apenas da intimidação moral por um indivíduo contra outro, causando constrangimento e/ou forçando tal indivíduo a agir contra a sua vontade. Logo, não necessariamente um ato violento se refere a um crime, tampouco um crime será necessariamente violento. Um insulto a alguém numa roda de amigos é uma violência

---

<sup>1</sup> Esta dissertação tomará a coorte etária de 15 a 29 anos para definir a categoria ‘Jovens’, visto que é a utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e adotada pelos estudos desta temática.

não criminosa; enquanto sonegação e imposto é um crime não violento. Crimes violentos se referem aos atos violentos que estão enquadrados na concepção jurídica e legal como criminosos, tornando os indivíduos praticantes destes atos, sujeitos às sanções legais, como o objeto de estudo desta dissertação: o homicídio.

Outra distinção necessária é a existente entre CVLI, Crimes Violentos Letais Intencionais, e Homicídios. CVLI se refere à categoria utilizada pela Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco, em que se encontram: homicídio doloso, roubo seguido de morte (latrocínio), resistência seguida de morte (auto de resistência), lesão corporal seguida de morte, tentativa de morte e outros crimes resultantes em morte. Nesta dissertação, a categoria utilizada preferencialmente será a de Homicídio, que abrange quase todas as categorias apreendidas por CVLI, sendo sinônimo de crimes intencionais contra a vida que resultaram em morte (exclui-se as tentativas de morte/homicídio), mas que é mais comumente utilizado na sociologia do crime.

Ainda que tenham ocorridas melhoras significativas nas taxas de homicídio, registradas desde 2007, a Região Metropolitana do Recife, em 2010, ainda era a 4ª região metropolitana mais violenta do país (WAISELFISZ, 2012). Visto que a ampla maioria dos estudos acadêmicos sobre a violência urbana concentra-se no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, conformando uma situação de carência de dados e análises que possam iluminar especificidades da realidade pernambucana e agregar conhecimento quanto ao fenômeno da violência em sua dimensão nacional, tal carência confere maior relevância aos propósitos desta dissertação.

Tendo em vista que boa parte dos debates acadêmicos concentra-se na identificação de características da criminalidade violenta no Brasil, buscando compreender suas consequências negativas sobre a sociedade, bem como identificar as causas de fenômenos reconhecidamente complexos e multidimensionais; diferentes instrumentos teórico-metodológicos vem sendo acionados no esforço por compreender e explicar as altas taxas de criminalidade violenta no país. No entanto, sob o rótulo de homicídio, estão colocados muitos tipos de transações e situações sociais. (RATTON, 2011) A abordagem aqui proposta busca desvendar e esclarecer estes diferentes tipos de transações e situações, identificando a estrutura e o processo destas. Para isso, pretende-se: identificar os contextos estruturais de produção de homicídios, na cidade do Recife; e realizar análises qualitativas de narrativas de homicídios ocorridos no Recife, com o intuito de compreender os processos sociais nas situações de violência

letal. Pois esta combinação de procedimentos analíticos que enfatizam tanto a estrutura quanto o processo das situações de homicídio permite que sejam investigadas as condições que facilitam a ocorrência de atos violentos (Meyer, Kennedy & Sacco, 2001).

No entanto, apesar do propósito desta dissertação se inserir nessa agenda de pesquisa de reconhecimento do objeto do estudo, o homicídio, como multicausal e multidimensional, esta busca contribuir para a compreensão do homicídio como forma específica de criminalidade violenta. Para tanto, o pressuposto teórico central utilizado, que inspira esta dissertação e que foi detalhadamente utilizado por Miethé & Regoeczi (2004), está centrado nas distintas configurações sociais, produtos de tal modalidade da criminalidade violenta, a partir da tríade que envolve acusado, vítima e situação de homicídio, que possibilita a identificação e compreensão dos padrões de produção de homicídios a partir da análise da sua configuração, com foco nos jovens como vítimas e praticantes do crime de homicídio.

Vê-se que a elevação dos índices de criminalidade violenta nas regiões metropolitanas do país veio acompanhada de uma onda de medo da violência que responde por uma marcante sensação de insegurança, registrada nas pesquisas de opinião e estudada em pesquisas sobre vitimização (BEATO, 1998), ainda incipientes para o contexto recifense. Mudanças de hábitos cotidianos e a reconfiguração do espaço urbano, através, sobretudo da aposição ou reforço de barreiras entre a casa e a rua (o privado e o público) estão dentre algumas consequências oriundas do crescimento do medo da vitimização mais evidenciadas pelos estudiosos (BEATO, 1998). Observa-se que a violência, sob formas distintas, incorporou-se à vida dos jovens das grandes cidades brasileiras. Faz-se necessário saber, contudo, de que modo esse “convívio” e a “participação” em processos sociais que envolvem a violência estão afetando e redefinindo a própria sociabilidade juvenil.

Investigar o jovem, como protagonista (agressor e vítima) da criminalidade violenta, permite testar argumentos utilizados pelos estudiosos da criminalidade urbana no Brasil, para explicar suas causas e determinar suas consequências sobre a vida social em nossos grandes centros urbanos, prestando-se particular atenção ao argumento de Alba Zaluar acerca da formação de um novo mapa simbólico, o *ethos guerreiro* (conceito este originalmente de Norbert Elias), que valoriza e alimenta o comportamento violento. Alba Zaluar (1997) teoriza que o crime organizado em torno

da droga estaria oferecendo um novo mapa simbólico e um novo *ethos* a jovens de diferentes estratos sociais, em que a violência ocupa um lugar de particular destaque. É o que a autora chama de *ethos* guerreiro. Alba Zaluar aborda exatamente a formação de um conjunto de disposições, valores e de asserções sobre o mundo social que se associam e explicam, em parte, a explosão do comportamento violento, no seu limite criminoso, no Brasil ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, se tentará identificar a existência de um *ethos guerreiro* no discurso dos homicidas entrevistados.

Vale ressaltar que esta dissertação se trata de um recorte de tal pesquisa do NEPS (Núcleo de Estudos de Pesquisas sobre Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança Pública), núcleo do qual a autora desta dissertação faz parte, que tem como objetivo fazer um mapeamento dos homicídios cometidos em Recife nos últimos anos.

Para melhor apreender as configurações envolvidas na ocorrência de eventos homicidas, faz-se necessário caracterizar o ambiente e a situação de produção da violência e os seus agentes e vítimas. Assim, a partir de uma tentativa de análise diferenciada do fenômeno dos homicídios cometidos por jovens na cidade do Recife, será possível contribuir com uma nova perspectiva compreensiva do fenômeno em questão, analisando tanto suas singularidades quanto as suas generalidades, utilizando métodos quantitativos e métodos qualitativos. Desta maneira, esta dissertação se propõe a utilizar uma combinação de procedimentos metodológicos, sendo estes basicamente:

a) coleta de dados quantitativos e qualitativos sobre vítimas e acusados nos inquéritos policiais de crimes contra a vida ocorridos em 2009 no Recife, que estão concentrados no DHPP – Delegacia de Homicídios e de Proteção a Pessoa;

b) entrevistas em profundidade, semi-estruturadas, com jovens homicidas, atualmente presos no Presídio Aníbal Bruno.

A justificativa da utilização de tais procedimentos metodológicos nesta dissertação se dá pela ideia de analisar um modelo teórico centrado nas distintas configurações sociais que envolvem acusados, vítimas e situações de homicídio, o que possibilita a identificação e compreensão dos padrões de produção de homicídios a partir da análise da sua configuração, com foco nos jovens como vítimas e praticantes do crime de homicídio. Por um lado, é necessário observar os elementos e as características dos padrões de homicídios praticados e sofridos, através da análise das diversas variáveis quantitativas (e qualitativas) referentes à situação do homicídio; e por

outro, é necessário uma certa imersão no mundo dos jovens homicidas, a partir da análise das suas falas nas entrevistas, tentando compreender a realidade específica na qual estes jovens se encontram inseridos, tentando identificar a existência de um *ethos guerreiro* em seus discursos.

Assim, esta dissertação possibilitará abordar o fenômeno da criminalidade violenta a partir de uma perspectiva que permita a compreensão de dimensões qualitativas inerentes à situação de homicídio. Nesse sentido, a pesquisa realizada fugirá aos modelos correntes de explicação da criminalidade violenta e do homicídio, centrados seja somente sobre características da vítima, seja sobre características dos agressores, ou mesmo sobre a etiologia dos crimes. Ao propor uma análise dos homicídios que se baseia na interação entre características de vítimas, de agressores e de contextos situacionais dos homicídios, esta dissertação espera fornecer contribuições não só para os propósitos das pesquisas na área de sociologia do crime, quando buscam apreender a complexidade do fenômeno do homicídio, como também para a produção de políticas públicas de segurança orientadas para controle e redução de homicídios.

O primeiro capítulo é uma caracterização dos dois principais objetos estudados: os jovens e os homicídios, através de um mapeamento breve dos estudos a esse respeito; e uma explanação da teoria que servirá como lente de análise dos dados obtidos. O segundo capítulo é o de análise dos dados obtidos nos inquéritos policiais e consequente caracterização dos três elementos fundamentais que configuram o fenômeno do homicídio: a vítima, o agressor e o contexto situacional. O terceiro capítulo é o de análise das falas dos homicidas jovens entrevistados no Presídio Aníbal Bruno, principalmente no que concerne às representações destes acerca de suas trajetórias de vida até se tornarem criminosos, homicidas; e em segundo plano, das suas narrativas dos homicídios cometidos, tentando obter o máximo de informações acerca do fenômeno do homicídio em si, especialmente no que se refere às motivações deles para cometimento deste crime.

## 1º CAPÍTULO: OS JOVENS E OS HOMICÍDIOS

De acordo com o objetivo principal da dissertação, de compreender a dinâmica dos homicídios praticados e sofridos por jovens no Recife em 2009, através de uma análise, por um lado, das singularidades dos padrões de configurações de homicídio prevalentes (os jovens como protagonistas – vítimas e agressores) e, por outro, da diversidade de tais padrões, estabelecendo comparações quanto aos tipos de homicídio em questão; é necessário caracterizar os dois objetos de estudo em questão: os jovens brasileiros, e mais especificamente os jovens pernambucanos; e os homicídios, de uma maneira em geral. Este capítulo se propõe a tal.

Este capítulo se divide entre quatro itens, dentre os quais o primeiro pretende caracterizar os jovens, trazendo dados sócio-econômicos da realidade brasileira deste grupo social. O segundo item se refere à caracterização do segundo objeto: os homicídios, trazendo também dados estatísticos, e ainda, sublinhando brevemente algumas contribuições teóricas para este fenômeno social; além de caracterizar os homicídios especificamente quando sofridos e/ou cometidos por jovens, o que configura, afinal, o verdadeiro objeto de estudo. O terceiro item é responsável por uma breve revisão bibliográfica dos principais teóricos acerca da criminalidade violenta no Brasil, demonstrando em que essas contribuições servem para esta dissertação e conseqüentemente suas lacunas. O item final retrata os pressupostos teóricos que servem como orientação principal para esta dissertação, os de Regoeczi & Miethe (2004) ao construir o conceito de *configuração de homicídio*, o qual ilumina a análise de dados obtidos na pesquisa empírica do objeto estudado.

É necessário deixar claro que esta dissertação não trata dos jovens a partir da categoria da juventude em si como um ator social. Esta procura compreender características dos jovens em si mesmos, os que representam a maioria dos ofensores e das vítimas dos homicídios ocorridos em Recife. Portanto, uma Sociologia da Juventude não figura como uma literatura adequada para tal caracterização, pois trata do objeto Juventude de maneira mais plural; logo, os estudos e as pesquisas realizados com o intuito de retratar e caracterizar os jovens brasileiros na atualidade compõem

bibliografia suficiente para uma caracterização destes atores que é, dessa maneira, necessária para a dissertação.

No entanto, ao se tratar de homicídios, a caracterização deve ser mais abrangente, pois ainda que a ideia desta dissertação seja fugir aos modelos correntes de explicação da criminalidade violenta e do homicídio (encontrados na literatura específica sobre homicídios, principalmente na sociologia do crime), centrados seja somente sobre características da vítima, seja sobre características dos agressores, ou mesmo sobre a etiologia dos crimes, é necessário ter uma definição do marco teórico a ser utilizado para estudar os homicídios, deixando claros as categorias e os conceitos que serão utilizados ao longo de toda a dissertação, como *configuração* e *assinatura* (MIETHE & REGOECZI, 2004). *Configuração do homicídio* se refere à convergência entre o agressor e a vítima em um contexto sócio-espacialmente estruturado, em que a agressão se realiza, bem como a situação em que o evento transcorre (Miethe & Regoeczi, 2004). *Assinaturas únicas* se referem às situações particulares de cada homicídio, em que determinados fatores (características do agressor, da vítima e da situação) culminaram em um homicídio.

Antes disso, ainda, será apresentado um mapeamento breve, porém necessário, acerca dos estudos mais importantes sobre a criminalidade violenta no país, sintetizando as principais contribuições para a sociologia do crime, e tentando apontar em quais aspectos essa literatura ainda é insuficiente para apreender toda a complexidade dos homicídios cometidos e sofridos por jovens, e conseqüentemente, porque é necessária a análise deste objeto sob a ótica configuracional apresentada por Miethe & Regoeczi. Ainda no âmbito da criminalidade violenta no Brasil, faz-se necessário também caracterizar, afinal, o homicídio praticado e sofrido por jovens e antecipar algumas das suas especificidades e peculiaridades, de acordo com uma literatura específica sobre o assunto e dados já existentes, numa tentativa de visualização de como este tipo de homicídio se diferencia dos demais.

## **1.1 JOVENS BRASILEIROS**

Este item pretende apontar os principais dados encontrados em estudos e pesquisas realizados sobre jovens no Brasil, que são interessantes para visualizar quem são os jovens do país e conseqüentemente quem são os jovens que estão matando e morrendo assassinados em Recife.

Um estudo feito pelo Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) e pelo Pólis (Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais), entre 2004 e 2005, com jovens brasileiros entre 15 e 24 anos, em sete regiões metropolitanas, inclusive Recife, reúne alguns dados das características sociais desses jovens pesquisados, coletados no IBGE (censo de 2004). Os jovens representam aproximadamente 20% da população brasileira, o que totaliza 34 milhões de jovens brasileiros, e estes caracterizam cerca de 50% da população de jovens da América Latina. A respeito dessa coorte etária, o resumo de alguns achados que se destacam no estudo, na tabela a seguir.

**Tabela 1: Brasil - Características da população de jovens entre 15 e 24 anos, 2004**

Característica	Jovens	
	Vlr. Absoluto (milhões)	Vlr. Relativo (%)
<b>Total</b>	<b>34,10</b>	<b>100,00</b>
Residentes na zona urbana	28,20	82,69
Residentes na zona rural	5,90	17,30
Analfabetos	1,30	3,81
Analfabetos negros	0,90	2,64

Fonte: IBGE

Ainda quanto a esses mesmos dados, no que se refere à criminalidade, tem-se que em relação aos jovens figurando como vítimas, a taxa de mortalidade por homicídios de jovens de 15 a 24 anos no Brasil (45,8 por 100 mil jovens em 1999) já foi a terceira maior do mundo, ficando atrás apenas da Colômbia e de Porto Rico; já em relação aos jovens figurando como praticantes de crimes, em 2001, existiam 10 mil jovens em privação de liberdade. Desse total, 90% eram do sexo masculino e 76% estavam na faixa etária de 16 a 18 anos (e embora esses números tenham se modificado de 2005 a 2011, a proporção continua praticamente a mesma).

Um achado relevante dessa mesma pesquisa foi o fato de que entre os sete fatores citados pelos jovens pesquisados como os mais preocupantes no Brasil está a

Violência, dispersa entre subcategorias como “falta de segurança” e “criminalidade”. Especificamente no Recife, esse foi o tema mais recorrente nas entrevistas e discussões. Ou seja, tal preocupação com a violência é latente entre os jovens, potenciais vítimas de homicídios, provavelmente por estar bastante presente nos seus cotidianos (e isto será verificado no 3º capítulo desta dissertação, na análise das entrevistas realizadas com jovens homicidas, quando estes retratam sua infância e sua adolescência).

Segundo pesquisa coordenada pela Unesco (2002), realizada com jovens de 15 a 24 anos, tanto residentes de capitais como de outros municípios, onde os jovens entrevistados tinham como característica serem membros de famílias que viviam com renda de até três salários mínimos *per capita* e estarem envolvidos em projetos/trabalhos que visavam o afastamento dos jovens da situação de risco; inclusive alguns que já foram moradores de rua e outros que já cometeram atos de delinquência;; o conceito principal para compreensão da realidade dos jovens é o de *vulnerabilidade social*. Este foi utilizado para uma tentativa de explicação da condição dos jovens em situação de risco. Ao que tange a esse assunto, a pesquisa desenvolve o conceito de vulnerabilidade à violência. Considera, afinal, que basicamente a violência é um fator não determinante, mas muito influente na trajetória desses jovens, e atenta não só para políticas públicas que visem o envolvimento de jovens em atividades legais, estudo e emprego, quanto para uma reforma dos valores dos jovens de periferia, que deveriam levar mais em consideração aspectos como a ética, por exemplo.

No entanto, ainda faz uma observação importante a ser levada em consideração, com os devidos cuidados para evitar determinismos sociais, a de que desemprego e baixa escolaridade são apenas possíveis desencadeadores de envolvimento com violências e drogas, reafirmada pela fala de uma diretora de um projeto de uma ONG que trabalha com jovens:

Um problema é o desemprego e o outro é o pessoal não ter a questão da educação, um grande número não está estudando, uma parcela muito pequena que estuda. Desemprego gera o quê? Desmotivação, baixa auto-estima; o fato de não estar estudando deixa eles despreparados para o mercado de trabalho e isso os leva a se envolver com outros tipos de atividades não saudáveis, como drogas e outras coisas. (UNESCO, 2002)

Ou seja, o desemprego um fator que deve ser levado em conta sim ao analisar a trajetória dos jovens para relacioná-la ao envolvimento destes com a violência, mas de maneira cautelosa. Com o cuidado de “relativizar” a ideia de que o desemprego está

associado somente à falta de escolaridade e aos jovens, pondo-se num contexto maior, de que o desemprego é um problema global e da sociedade atual como um todo, que atinge as demais faixas etárias e gerações da população. Quanto à escolaridade, deve também estar claro que o processo de escolarização da maioria dos jovens brasileiros é marcado por desigualdades e oportunidades limitadas, este sim um fator característico apenas da geração dos jovens.

Tal estudo, ao discutir a questão de lazer para os jovens na sociedade brasileira, conclui que não é a falta de equipamentos (parques, cinemas, praças, teatros, quadras de esportes) por si só que pode deixar o jovem ocioso e conseqüentemente vulnerável para sofrer ou praticar um ato violento. O que deve ser levado em consideração é que muitos jovens circulam em meio restrito, segregados nos seus bairros ou comunidades, e não tem como exercer direitos de cidadania social básicos, como o benefício do uso da cidade em que vivem. Isso ilustra uma das explicações para um dado encontrado na análise dos homicídios cometidos em Recife, aqui realizada, a ser revelado devidamente em capítulo posterior: de que os homicídios entre jovens costumam ocorrer entre conhecidos, que fazem parte da mesma localidade, revelando relações de proximidade e de vizinhança como uma característica social do homicídio praticado e sofrido por jovens. Isso também acaba por revelar uma discriminação existente em relação aos jovens, com o estigma de que morar nestes locais isolados e segregados, geralmente na periferia, está associado à miséria, violência e criminalidade, o que muitas vezes é reforçado pela mídia (canal fundamental de construção da imagem dos jovens no Brasil). Tal fato pode acabar culminando em uma realidade de exclusão no trabalho e na escola, anteriormente apontada como característica da realidade de parte dos jovens brasileiros.

Agora segundo dados da Projeção Populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE – revisão 2004), em 2006, os jovens brasileiros com idade entre 15 e 29 anos somavam 51,1 milhões de pessoas, 27,4% da população total; 48,5% maior do que o contingente de 1980, quando havia no país 34,4 milhões de jovens; mas ainda menor do que os 51,3 milhões projetados para 2010. As projeções indicam, no entanto, que a partir daí a tendência de crescimento da população jovem deverá se reverter, havendo uma redução progressiva no número absoluto de jovens no Brasil, que chegará a 2050 em torno de 49,5 milhões.

O IPEA ainda indicou dados de um estudo do Senad/Cebrid, em 2005, os quais revelam que no Brasil, a violência ocasiona uma sobremortalidade nos adolescentes e adultos jovens do sexo masculino, fazendo com que, do ponto de vista sanitário, o período etário de 15 a 29 anos seja considerado de alto risco, quando poderia e deveria ser um dos mais saudáveis do ciclo vital.

Além da alta taxa de mortes de jovens por homicídios, a ser especificado em item posterior, a segunda causa de mortes entre os jovens são os acidentes de trânsito. Dados do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) informam que, em 2006, os jovens com idade entre 18 e 29 anos representaram 26,5% das vítimas fatais e 36,9% das vítimas não fatais de acidentes de trânsito no país.

Segundo dados de um levantamento do Ministério da Justiça, os jovens formam o grupo etário com mais vítimas pelo país em relação a outros tipos de crimes violentos, não fatais. São estes os apresentados na tabela a seguir.

**Tabela 2: Brasil – Taxa de crimes violentos sofridos por jovens de 18 a 24 anos, 2005**

Tipo de crime violento	Taxa de CV <sup>1</sup> sofridos
Lesões corporais dolosas	514,83
Tentativas de homicídios	38,06
Extorsão mediante sequestro	0,78
Roubo a transeunte	33,8

Fonte: Ministério da Justiça

Nota: (1) CV = crime violento por 100 mil habitantes (jovens de 18 a 24 anos)

Já no caso dos jovens de 25 e 29 anos, estes apareceram como as maiores vítimas dos furtos a transeunte (260,0) e do roubo de veículo (32,71). Os adolescentes de 12 a 17 anos foram as maiores vítimas de estupro (35,43) e de atentado violento ao pudor (10,04).

Por outro lado, ainda de acordo com dados do MJ, o mesmo grupo de jovens de 18 a 24 anos que são as maiores vítimas de crimes violentos, representa também os maiores praticantes de atos violentos, pelo menos em relação aos crimes relatados à polícia, além dos homicídios. E em relação ao crime de tráfico de drogas, são os jovens de 25 e 29 anos os maiores infratores, com taxa de 24,47. A tabela a seguir demonstra como os jovens figuram como maiores protagonistas em crimes violentos:

**Tabela 3: Brasil – Taxa de crimes violentos praticados por jovens de 18 a 24 anos, 2005**

Tipo de crime violento	Taxa de CV <sup>1</sup> cometidos
Lesões corporais dolosas	387,74
Tentativas de homicídios	22,32
Extorsão mediante sequestro	0,34
Roubo a transeunte	218,23
Roubo de veículo	20,24

Fonte: Ministério da Justiça

Nota: (1) CV = crime violento por 100 mil habitantes (jovens de 18 a 24 anos)

No entanto, deve-se ter em mente que o envolvimento com a criminalidade e os homicídios de jovens é apenas a expressão extrema da violência que os afeta como autores ou como vítimas, mas não a única e, como se viu, nem sequer a mais comum. (IPEA, 2005) Dessa maneira, ao considerar o processo de construção e afirmação de uma nova identidade, a do jovem, deve se pensar não só as diversas maneiras pelas quais a violência pode se manifestar, como também, afinal, o papel que a violência pode exercer nesse contexto. Se trata de uma fase que os jovens não só começam a exercer diversas responsabilidades quanto a sua autonomia e independência, como também um momento essencial de determinação das suas trajetórias. Por outro lado, a juventude é uma fase em que estes indivíduos estão mais vulneráveis e mais expostos a riscos, pois estão sendo apresentados a vários contextos novos e vivenciando diversas experiências novas. Situados em ambientes em que a violência prevalece, certamente esta se manifestará nas vidas destes jovens, que acabam por ser potenciais vítimas ou potenciais agressores de crimes violentos, inclusive dos homicídios.

Quanto à escolaridade, dados do Pnad/IBGE tratados pelo IPEA, de 2006, mostram que a frequência ao ensino médio na idade adequada ainda não abrange metade dos jovens brasileiros de 15 a 17 anos, e que cerca de 34% deles ainda estão no ensino fundamental. O acesso ao ensino superior é ainda mais restrito, com apenas 12,7% dos jovens de 18 a 24 anos neste. A proporção de jovens fora da escola, por sua vez, é crescente conforme a faixa etária: 17% na faixa de 15 a 17 anos, 66% na de 18 a 24 anos, e 83% na faixa de 25 a 29 anos, tendo muitos destes jovens desistido de estudar sem ter completado sequer o ensino fundamental. Ainda assim, concluído o ensino fundamental, boa parcela dos que têm mais de 18 anos conseguiu completar o ensino médio (cerca de 30%), mesmo que não continuem os estudos no ensino superior. No

caso, é importante mencionar o principal motivo para a desistência dos estudos: entre os jovens homens, foi mais citada a oportunidade de emprego (42,2%).

Quanto a emprego e desemprego, o IPEA aponta algo contrário da hipótese que foi colocada por uma pesquisa da UNESCO, apresentada anteriormente, de que o desemprego seria um problema parecido em todas as gerações e da sociedade atual. Segundo dados do IPEA, é bem maior entre os jovens. Os jovens brasileiros, especialmente entre 15 e 24 anos, apresentam taxas de desemprego substancialmente maiores que as dos trabalhadores adultos; em 2006, enquanto a taxa de desemprego era de 5% entre os adultos de 30 a 59 anos, observavam-se índices de 22,6% entre os jovens de 15 a 17 anos, 16,7% entre 18 e 24 anos, e 9,5% entre 25 e 29 anos. Ou seja, não há nenhuma tendência de aproximação entre as taxas de desemprego de jovens e não-jovens; ao contrário, a taxa de desemprego dos jovens cresce proporcionalmente mais. Um dos fatores é óbvio: há maior rotatividade entre os trabalhadores jovens do que entre os demais, o que se dá pela fase de qualificação e de experimentação de empregos dos jovens, e conseqüentemente aumenta a taxa de desemprego entre estes.

Ainda segundo dados do IPEA, há também diferenças entre os jovens que exercem uma ocupação de trabalho: 89% dos jovens de 15 a 17 anos, quase a metade do grupo de 18 a 24 anos e cerca de 30% do grupo de 25 a 29 eram empregados sem carteira ou trabalhadores não-remunerados. Ou seja, quanto mais jovem, piores as condições de trabalho. Este fator dessa grande quantidade não ter acesso a garantias sociais e trabalhistas deve ser levado em consideração ao se fazer um retrato dos jovens brasileiros, pois isso obviamente influencia na condição e no exercício da cidadania durante a sua carreira de emprego. Ou seja, o problema do desemprego entre os jovens é quanti e qualitativamente distinto das demais gerações.

Apresentados dados sobre os jovens brasileiros, no próximo item caracterizar-se-á os homicídios no Brasil, também através de dados. Finalmente, também será realizada uma caracterização dos homicídios praticados e sofridos por jovens, demonstrando através de sua significância estatística, o porquê deste objeto merecer tanta atenção sociológica.

## ***1.2 HOMICÍDIOS NO BRASIL E HOMICÍDIOS ENTRE OS JOVENS***

Antes de se partir para a apresentação de parte da literatura da sociologia brasileira que se debruça nesta temática (a ser apresentado no próximo item) e para a explanação da teoria que servirá de principal orientação para esta dissertação (conteúdo do último item), é necessário apresentar a realidade dos homicídios no país e também outros pressupostos teóricos que podem complementar a análise de dados nesta dissertação e conseqüentemente uma apreensão da realidade dos homicídios em Recife.

Os dados sobre a violência urbana apontam para um crescimento expressivo da criminalidade violenta nas regiões metropolitanas brasileiras a partir da década de 1980<sup>2</sup>. Tal tipo de criminalidade se dá de maneira desigual entre os diferentes grupos sociais, atingindo preferencialmente os jovens (com idade entre 15 e 29 anos<sup>3</sup>). Logo, os jovens figuram como protagonistas da criminalidade violenta, assumindo igualmente os papéis de vítimas e de agressores. Esse processo vem gerando uma onda de medo da violência que tem consequência direta sobre a configuração, concreta e simbólica, do espaço urbano, bem como sobre as formas de sociabilidade a ele associadas, afetando, inclusive, as vivências da infância e da juventude.

Quando Adorno, Bordini e Lima (1999) se propõem a analisar a crescente participação dos jovens, mais especificamente dos adolescentes, na criminalidade urbana, tanto como vítimas quanto como agressores, estes defendem que tal fato tem origem nas transformações globais das sociedades, como a internacionalização dos mercados e a integração de estruturas sociais em escala quase planetária.

Talvez fosse algo ousado dizer, mas nada impede de aventar a hipótese segundo a qual a própria construção social da adolescência e da juventude esteja sendo submetida à lógica do que vem se convencendo a chamar de processo de globalização, inclusive para o bem ou para o mal sua faceta perversa – o envolvimento com o mundo do crime e com a violência. Tal hipótese, no entanto, não significa ignorar o peso e a influência das particularidades próprias da sociedade brasileira em sua aparentemente infundável capacidade de acompanhar tendências gerais, acentuando-as até o ponto de torná-las dramáticas. (ADORNO, BORDINI, LIMA; 1999)

---

<sup>2</sup> De 1980 a 1999 o homicídio foi a causa que mais contribuiu para o crescimento da mortalidade por violência no país, incrementando-a em 102%. (MATOS, P. *et al.* Análise espaço-temporal dos homicídios nas regiões do Brasil: 1980 a 2005)

<sup>3</sup> Faixa etária utilizada pela classificação do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA).

Ou seja, estes autores consideram fatores macrossociais como parte da origem para o fenômeno das taxas cada vez maiores de delinquência juvenil, principalmente se comparadas ao crescimento de taxas em outras coortes etárias, mas apontam para a necessidade de se analisar especificamente os nuances e as características da sociedade brasileira.

Dados do IPEA revelam que no grupo jovem de 15 a 29 anos, a taxa de mortalidade masculina geral – causas naturais e externas – (2,34 por mil habitantes) é cerca de 3,7 vezes superior à feminina (0,63) em 2000. Além disso, a sobremortalidade masculina nesse grupo foi aumentando gradativamente de 1980 a 2000. A vitimização fatal de jovens no país é de fato caracterizada estatisticamente por taxas altas e preocupantes: enquanto as taxas de mortalidade da população brasileira como um todo vêm decrescendo progressivamente, que segundo o IPEA é uma tendência de longo prazo relacionada à melhoria das condições de vida, o mesmo não ocorre tão intensamente na coorte etária dos jovens, de 15 e 29 anos.

Tal fato é atribuído, de forma geral, às causas externas de morte, que tratam de acidentes e violências, inclusive crimes contra a vida. Ao focar neste grupo, a taxa de mortalidade por causas externas para os homens é maior do que a de causas naturais. Enquanto apenas 8% dos homens de todas as coortes etárias morrem de causas externas; entre os jovens, o percentual é de 74% em 2000, o que significa que de cada 100 mortes de homens jovens, 74 são por causas externas. O perfil da maioria destas vítimas é de jovens do sexo masculino, pobres e não-brancos, com poucos anos de escolaridade, que vivem nas áreas mais carentes das grandes cidades brasileiras.

O homicídio é a principal causa de óbitos entre os jovens de 15 a 29 anos, com cerca de 60% das mortes por causas externas nesse grupo. Os acidentes de transporte e as outras causas externas (inclusive suicídio) vem praticamente empatados em segundo lugar, cada um com cerca de 20% do total dessas causas. Estas agressões são a primeira causa de morte historicamente, desde 1980 e cada vez mais. Em 1980, essas mortes representavam 28,9% e, ao final de 2005, atingiram 56,1% de todos os óbitos por causas externas. Em segundo lugar, temos os acidentes de transporte, e juntas, essas duas causas específicas, que já eram muito relevantes em 1980, totalizaram quase 80% dos óbitos por causas externas em 2005 (MINAYO, 2008).

No nível nacional, dados do Sistema de Informações de Mortalidade do Sistema Único de Saúde (SIM/SUS) apontam que as mortes por homicídios entre os brasileiros

de 15 a 29 anos passaram da média anual de 27.496 no período 1999-2001 para 28.273 no período 2003-2005 (o SIM/SUS justifica a metodologia de média para 3 anos para não se dar indevida atenção às oscilações dos números de um ano para outro), representando 37,8% de todas as mortes nesta faixa etária. As características destas vítimas reafirmam uma das preocupações desta dissertação, a de que a maioria, cerca de 93%, das vítimas de homicídios são homens, dentre estas a maioria são jovens, pois há principalmente os do grupo de 18 a 24 anos (com taxa de 119,09 vítimas por 100 mil habitantes), em seguida o grupo de 25 a 29 anos (107,44) e por final o de 15 a 17 anos (64,59).

Ou seja, tem-se, no contexto da criminalidade urbana no Brasil, elevadas taxas de homicídios de jovens, particularmente entre 15 e 24 anos, ao mesmo tempo em que há aumento expressivo do envolvimento dessa coorte etária em situações de confronto com a lei. No mesmo período (1994-2004) o homicídio de jovens na coorte etária mencionada cresceu 64,2%, justificando a afirmativa de que os avanços recentes da violência urbana no Brasil devem-se quase exclusivamente ao aumento dos homicídios contra a juventude.

Ou seja, as mortes violentas vêm causando grande impacto no perfil da mortalidade da população jovem e adulta. Em Pernambuco, a situação de violência urbana mostra-se particularmente grave, com índices que superam os padrões nacionais de criminalidade. Segundo dados do plano estadual de combate à violência, *Pacto pela vida*, entre 1996 e 2005 aproximadamente 42 mil pernambucanos foram assassinados, fazendo com que desde 1998 as taxas de homicídio do estado se mantenham acima de 50 por 100 mil habitantes (*Pacto pela vida*).

No estado, a Região Metropolitana apresenta o contexto mais violento, com destaque para a capital, Recife, que em 2006 concentrou 42% dos crimes letais ocorridos na RMR. Nesse sentido, é importante sublinhar que os jovens de 15 a 19 anos da RMR, em 2004, tiveram quatro vezes mais chances de morrer violentamente do que os jovens do interior do estado de Pernambuco. Já na faixa dos 20 a 29 anos, essa razão foi de 2 para 1, de acordo com o SIM/MS - Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde. Vê-se, então, que a cidade do Recife ocupa posição de destaque nesse cenário. É o município com maior número de crimes violentos letais de Pernambuco, concentrando 40% de todas as ocorrências dentre os dez municípios mais violentos do Estado.

Ainda em Pernambuco, entre a população com idade de 10 a 39 anos, as mortes por agressão constituíram a primeira causa específica de mortalidade. Em 2005, foram 5.194 mortes nessa faixa etária, das quais 3.555 (68,44%) deveram-se exclusivamente às agressões intencionais. Entre os jovens com idade de 15 a 19 anos, as agressões intencionais responderam por 75,79% das mortes, enquanto que na faixa dos 20 a 29 anos, por 72,99%<sup>4</sup>.

No entanto, como já apresentado anteriormente, o protagonismo dos jovens nos homicídios não se dá só apenas através da participação destes indivíduos como as maiores vítimas deste crime, como também através de sua representação como os maiores praticantes de homicídios no país. Dados do Ministério da Justiça revelam que jovens com idade entre 18 e 24 anos foram os mais frequentemente identificados como infratores por homicídio doloso<sup>5</sup> (17,56 ocorrências por 100 mil habitantes).

Além das contribuições de Miethe & Regoeczi, que servirão como a base teórica fundamental desta dissertação e serão exploradas em item posterior, outros elementos teóricos também são fundamentais para a compreensão da dinâmica dos homicídios. Um deles é a consideração do elemento ‘Vizinhança’ como fundamental para compreender a dinâmica de certos homicídios, ainda mais quando se trata de uma linha interpretativa que se foca simultaneamente na vítima, no agressor e no contexto situacional do homicídio. Uma ideia central de uma teoria que traz a perspectiva do evento criminal em si é que é impossível analisar totalmente as dinâmicas sistemáticas do crime sem levar em consideração como os contextos de vizinhança afetam a probabilidade de que pessoas que são relativamente livres de estruturas de redes sociais definem certas situações como apropriadas para comportamentos ilegais. Ou seja, contextos e relações de vizinhança devem ser analisados como influência nas motivações para os crimes assim como o risco de vitimização dos subgrupos nestes mesmos espaços sociais. (TITTERINGTON, VOLLUM, DIAMOND; 2003) Tais considerações justificam a importância da categoria ‘Vizinhança’, explorada pelos atributos ‘Coabitação’, ‘Vizinho de rua’, ‘Vizinho de comunidade’ e ‘Territórios rivais no mesmo bairro’, ser utilizada para caracterizar a relação entre vítima e agressor nos homicídios ocorridos no Recife em 2009, através da análise de dados em inquéritos policiais, como será visto no capítulo seguinte.

---

<sup>4</sup> Fonte: Datasus - 2005

<sup>5</sup> Homicídio doloso: Onde o agressor quis ou assumiu o risco de matar alguém.

Outro fator que deve ser levado em consideração é que, como Smith (2000) coloca ao analisar a queda de homicídios nos anos 1990, nos Estados Unidos, deve-se verificar as taxas de homicídios por subgrupos. Neste caso, tal queda dos homicídios no país foi seguida por um período de taxas altíssimas no começo dos anos 1990, especificamente de homicídios que tinham como vítimas jovens negros, afro-americanos, e conseqüentemente explicado por uma subcultura de gangues e tráfico de drogas nos quais tais vítimas estavam inseridos. Assim, Smith defende que existem “Síndromes de Homicídios”<sup>6</sup>, e, portanto, é essencial desagregar os homicídios por tipos, para só dessa maneira estes serem alvos de uma prática e pesquisa policial. Pela perspectiva dos pesquisadores de homicídios, recomenda-se, quando possível, fazer a diferenciação entre homicídios de motivações instrumentais e de motivações expressivas. De uma maneira ou de outra, faz-se necessário, tanto em períodos de crescimento de taxas de homicídios, quanto em períodos em que há quedas nestas taxas, desagregar os homicídios por tipos e subgrupos, para observar quais fatores sociais estão relacionados a tais aumentos ou declínios, e construir políticas públicas focadas em públicos específicos. É neste sentido que esta dissertação se propôs e se focou nos homicídios de homens jovens, que como foi visto na análise dos dados obtidos, tem em sua maioria, características e perfis parecidos, das vítimas, dos agressores e uns em relação aos outros.

Sobre a distinção entre Motivações Expressivas e Motivações Instrumentais, temos que as expressivas se referem às disputas e aos confrontos entre ofensores do sexo masculino: geralmente atos não planejados, espontâneos, gerados por emoções como raiva ou frustração, em que a motivação dominante é a violência em si. Já as instrumentais se referem aos homicídios conduzidos com outros objetivos futuros definidos e explícitos: geralmente aquisição de bens ou para melhorar a posição social do agressor, sendo estes crimes premeditados. Neste caso, a morte da vítima é um resultado potencialmente esperado na busca de outro objetivo principal. Enquanto alguns teóricos defendem que crimes instrumentais e crimes expressivos são qualitativamente diferentes, outros defendem que tais tipos se confundem ou se completam no fim das contas. De uma maneira ou de outra, a discussão é bastante complexa. Miethe & Regoezci percebem que há uma linha muito tênue entre os dois

---

<sup>6</sup> Síndromes de Homicídios se referem a sucessivos homicídios em um curto intervalo de tempo, que aumentam as taxas de homicídios consideravelmente naquele período.

tipos de motivações quando se trata especificamente dos homicídios praticados por jovens, em que a maioria dos casos seriam homicídios expressivos, ou ambos tipos de motivações. Desta maneira, eles acreditam que esta dicotomia pode prejudicar e simplificar a caracterização de cada fenômeno do homicídio e acabar não apreendendo toda complexidade de cada evento, tanto no caso das configurações prevalentes ou das assinaturas únicas. Portanto, não faria sentido se preocupar em realizar tal distinção quando se trata deste grupo social. Isto ficará claro na explanação das motivações dos homicídios ocorridos no Recife em 2009 e ainda mais ao explorar a justificativa dos próprios homicidas para o cometimento destes homicídios.

Feitas estas caracterizações, a seguir tem-se uma necessária e breve revisão bibliográfica das contribuições de sociólogos e antropólogos que se preocuparam em caracterizar a criminalidade violenta no país, destacando os pontos teóricos que mais ajudarão na análise de dados no desenrolar desta dissertação.

### ***1.3 CRIMINALIDADE VIOLENTA NO BRASIL***

Após caracterizar o homicídio praticados e sofridos por jovens, além dos homicídios em si e dos jovens particularmente, é necessário refletir sobre as contribuições dos estudiosos da criminalidade violenta no Brasil. No que tange aos estudos sobre criminalidade e violência, as principais polêmicas e divergências de perspectiva teórica e metodológica referem-se às causas da explosão da criminalidade no país, nas últimas décadas. Atualmente, os autores mais reconhecidos da área trabalham com a ideia de que só se pode compreender o fenômeno da violência urbana no Brasil contemporâneo através de uma abordagem multidimensional. Ou seja, há um reconhecimento de que há muitas variáveis determinantes no fenômeno da violência urbana no país, incluindo tanto fatores específicos ao contexto brasileiro, quanto características que configuram a violência urbana como parte da experiência da realidade contemporânea. Conseqüentemente, parte dos estudos dedica-se a entender um ou mais determinantes da violência, enquanto outros tentam explorar as relações de interdependência e correlação entre vários fatores.

Sobre os homicídios no Brasil, tem-se que a maior parte de suas ocorrências se dá em áreas urbanas do país, o que o leva a ser colocado por vários teóricos como um fenômeno eminentemente urbano no país. Gomes (*apud* RAMÃO e WADI, 2008) salienta que há uma segregação socioespacial nos espaços urbanos, característica das transformações urbanas recentes, que facilitam o acontecimento de crimes nestes espaços e conseqüentemente uma segregação também destes crimes.

Cardia, Adorno e Poletto (2003) enumeram uma série de elementos e compõem um cenário que permite relacionar esses bairros pobres à violência: desigualdade de oportunidades, concentração de famílias em dificuldades com rede de proteção social (saúde, educação, segurança etc.) falha ou inexistente, elevada competição entre os habitantes, perfil demográfico com menor proporção de adultos em relação a jovens, reduzindo o supervisionamento destes, falta de exemplos de sucesso para os jovens. As altas taxas de homicídio retroalimentariam a violência ao deteriorar ainda mais a situação nesses locais: aumentam a desconfiança mútua entre moradores e servidores públicos, prejudicam a qualidade do serviço e o atendimento da população, assim como expõem os moradores à violência (inclusive policial). (FERREIRA, ARAÚJO; 2006)

Especificamente no que se refere à realidade do Recife, as comunidades em que ocorrem maior parte dos crimes estão fechadas em suas realidades, distantes da cidadania. Cidadania aqui compreendida como definida por Marshall (1967), como um *status* concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade, onde todos são iguais com respeito aos direitos e obrigações. Ou seja, tal conceito apreende as noções das dimensões de titularidade de direitos e a de pertencimento a uma comunidade cívica. Se tais comunidades estão distantes da cidadania, então, significa que seus membros não tem acesso, e provavelmente sequer conhecimento, a todos os seus direitos e deveres; e nem compartilham um sentimento de pertencimento a uma comunidade cívica maior, para além de suas comunidades específicas.

Esta distância dos moradores das comunidades da cidadania acaba facilitando a penetração dos crimes e dos homicídios nestas estruturas sociais, que enfraquecidas, oferecem mais oportunidades para estes, e se isolam do restante da sociedade, dos demais bairros da cidade. Este fator ficará claro quando observar-se-á que boa parte dos homicídios ocorrem em contextos situacionais dentre estas comunidades, que tem suas dinâmicas específicas, geralmente imersas na violência.

Ainda como característico dos homicídios no Brasil, há uma tendência de crescimento do uso de armas de fogo pela população: 15.460 homicídios por arma de fogo em 1991; 30.855 em 2000; e 36.081 em 2003. As armas de fogo são o instrumento

predominante no cometimento de homicídios em todo o país, tanto para homens quanto para mulheres. Tal crescimento ocorreu na população urbana pobre, masculina, jovem e moradora das periferias das grandes cidades. No caso de um homem de 20 aos 29 anos no Brasil, sua chance de morrer por arma de fogo é quase 20 vezes maior do que a de uma mulher na mesma idade. (MINAYO, 2008).

Uma sensação de impunidade generalizada no Brasil também é característica do retrato dos homicídios no país. Segundo Nóbrega Jr., “aquele que comete o homicídio não é preso, seria vantajoso cometer assassinatos, já que a polícia e o sistema de justiça malogram na inibição deste tipo de crime” (2008, p. 53). Ou ainda, como afirma Gary Becker (1968), os indivíduos também agem de acordo com as oportunidades geradas pela ineficácia das instituições policiais e de justiça. No entanto, não se trata apenas de uma solução através de um maior efetivo de policiais, mas sim de políticas públicas que reformem profundamente estas instituições, podendo reeducar a população com novas percepções e crenças em relação a estas, visto que a confiança do público em suas instituições é fundamental para um funcionamento adequado destas. O estudo realizado por Nóbrega no Nordeste Brasileiro conclui que “a atuação das instituições coercitivas se apresenta como fator significativo na redução da violência, sobretudo dos homicídios. Há uma associação relevante entre baixa eficácia dessas instituições com os altos índices da violência homicida” (2008, p. 65).

Ao discorrer a esse respeito, em pesquisa que analisou dados obtidos da realidade do Rio de Janeiro da década de 1980, Edmundo Campos Coelho (2005) conclui que aumentando as probabilidades de punição, reduz-se as alternativas criminosas e crescem as alternativas não-criminosas. Portanto, uma política redistributiva, focada em mais geração de emprego, renda e educação, diminuiria o envolvimento de indivíduos em atividades criminosas. No entanto, ele mesmo atenta para o fato de que as recompensas da alternativa não-criminosa geralmente situam-se no futuro, enquanto as do crime estão frequentemente muito mais próximas. Logo, políticas públicas anteriormente mencionadas não seriam suficientes para reduzir as taxas de crimes. Desta maneira, não bastam as políticas de punição de indivíduos praticantes de delitos serem certas, elas têm também de serem imediatas, para pesarem mais no cálculo das recompensas de tais crimes. Ou seja, mais do que rigor na justiça dos aparelhos policiais, é necessário rapidez e também eficiência na aplicação das penas.

Coelho (2005) ainda atenta para outro problema na simples associação entre um alto nível de criminalidade e baixas probabilidades de punição:

Se as taxas de criminalidade crescem quando são baixas as probabilidades de punição, ao crescer elas mesmas funcionam como redutores da capacidade dissuasória do sistema de justiça criminal se o nível de recursos (humanos, materiais etc) à disposição deste manteve-se constante ou diminuiu; isto é, a um nível constante ou declinante de recursos, taxas altas de criminalidade sobrecarregam a administração da justiça criminal, tornando-a crescentemente ineficiente. (COELHO: 2005, p. 380)

Para tal problema, ele mesmo se antecipa propondo uma solução, em nível de políticas públicas de segurança, de que os investimentos em políticas públicas se antecipem aos aumentos nas taxas, garantindo maiores recursos financeiros a longo prazo. Ele aponta para mais outro problema tão grave quanto, o de que a ampliação da margem de impunidade acaba transformando em agressores os segmentos mais vitimizados da população, generalizando sentimentos de vitimização e de impunidade nestas comunidades menos favorecidas, o que pode explicar a alimentação da criminalidade violenta pelos próprios moradores destas comunidades imersas em realidades violentas:

O sentimento de vitimização e a percepção da impunidade criam condições de anomia sob as quais se esgarçam tanto a eficácia das leis quanto sua expressão moral; e, onde quer que uma e outra não sejam afirmadas pela aplicação de sanções aos transgressores, esgarça-se a legitimidade do poder institucionalizado, isto é, da autoridade legal. (COELHO: 2005, p. 381)

Ou seja, aponta-se mais uma vez para o fato de que estas comunidades são caracterizadas por realidades muito específicas, em que há muitas condições favoráveis para a multiplicação da criminalidade violenta. Atividades criminosas são apresentadas constantemente aos indivíduos como opções, podendo estimulá-los ao envolvimento com carreiras criminosas. E neste sentido, Campos (2005) atenta para o fato de que, já que é a minoria destes moradores de comunidades menos favorecidas, ou seja, a minoria dos pobres e/ou desempregados, que opta pela carreira criminosa, a questão é que esse reduzido número de criminosos é responsável pela imensa quantidade de crimes, já que por permanecerem impunes, cometem muitos delitos criminosos. E aí é que se conclui que apenas uma intensa reforma no sistema de justiça criminal, transformando os aparelhos policiais e de justiça em instrumentos muito mais eficientes, aliadas a políticas públicas de longo prazo que se focassem em prevenção ao invés de repressão, poderia ter influência nas taxas de criminalidade.

Alba Zaluar (2004) teoriza sobre o envolvimento de jovens na criminalidade por outra perspectiva, e a princípio buscando raízes mais históricas. Ela aponta que um dos fatores decorrentes da modernização após a II Guerra Mundial é o fato de que as drogas e a diversão passaram a ser o objetivo mais importante na vida para muitos setores da população, especialmente os mais jovens. E estes acabam recorrendo ao crime organizado, na realidade das favelas do Rio de Janeiro, o que pode ser interpretado como a criminalidade violenta em geral peculiar às comunidades do Recife, de maneira que: “O crime organizado desenvolveu-se nos atuais níveis porque tais práticas socialmente aceitáveis e valorizadas foram proibidas pela força da lei, possibilitando níveis inigualáveis de lucros a quem se dispõe a negociar com esses bens.” (ZALUAR: 2004, p.32)

Ao tentar compreender o universo dos jovens, Alba Zaluar (1996) defende que em relação aos jovens, há um *ethos guerreiro*, particular deste grupo social. A ideia é que a hipermasculinidade, entre outros estilos de masculinidade, predomina nestes meios específicos, de comunidades mais pobres e mais violentas que as demais. Se refere a uma identidade específica na qual os jovens exibem seus atributos financeiros e de moral, para adquirir mais respeito e consideração pelos demais moradores da comunidade; e que acaba se espalhando entre os jovens que não querem estar socialmente aquém dos demais, e desejem impressionar uns aos outros, se ameaçando e impondo medo – se desrespeitando e se tornando insensíveis ao sofrimento alheio dos seus pares.

Esta moral que é perpetuada dentre a subcultura destes jovens é traduzida por certos valores, e estes fazem com que os jovens que desejam impor suas vontades sobre os demais, conseqüentemente sejam atraídos pela criminalidade e optem pela utilização de violência para resolução de seus conflitos e aquisição de status social em suas realidades específicas – demonstrando sua disposição para matar. Estas constatações se refletem nos dados apresentados anteriormente sobre a participação dos jovens nas taxas de homicídios do país.

Alba Zaluar (2004) também discorre sobre as bases fundamentais da criminalidade violenta organizada no país. É em relação a uma concentrada atenção dada pelos aparelhos da justiça e da polícia aos jovens criminosos que não são os principais donos do tráfico de drogas e de outras modalidades do crime organizado, e uma conseqüente impunidade em relação aos maiores benfeitores destes crimes. E estes

maiores responsáveis são cada vez mais enriquecidos pelas atividades ilegais destes jovens, que são geralmente os únicos a pagar por estes crimes. Neste sentido, ela também atenta para a grande responsabilidade dos policiais em seu trabalho policial diário, que são os responsáveis em determinar por qual crime irão condenar certo jovem que flagraram portando droga – se o enquadrarão como traficante ou usuário – e também por sua responsabilidade em comumente enquadrar o mesmo padrão de jovens: pretos ou pardos e pobres, e muitas vezes desempregados, o que conseqüentemente causa uma superpopulação carcerária com este perfil de presos.

Luiz Antônio Machado da Silva (2008) realiza um estudo dos efeitos da violência criminal e policial sobre a sociabilidade nas favelas do Rio de Janeiro. Muitos de seus achados podem ser levados em consideração para a realidade da criminalidade violenta e urbana mais concentrada em alguns locais específicos do Recife, como poderá ser observado nas análises dos dados obtidos na pesquisa desta dissertação. Inicialmente, um ponto que será bastante recorrente no desenrolar deste trabalho, a concepção de que moradores de comunidades pobres e violentas vivem emparedadas e isoladas em suas realidades, e como o autor determina: vivem sob cerco. Os motivos para tanto são vários e serão descritos, constituindo a principal contribuição teórica deste autor. Vale ressaltar que inevitavelmente, a violência presente cotidianamente nestas realidades, dificulta uma regularidade de interações sociais livres de qualquer manifestação de violência. Isto não significa, no entanto, que necessariamente todos aqueles pertencentes àquela realidade praticarão delitos criminosos, mas, que não só as vítimas diretas destes crimes, como todos os demais moradores destas localidades são constantemente afetados, pois se encontram em cotidianos imersos em contextos violentos.

É necessário, porém, deixar claro que tal confinamento vai além da questão geográfica, e passa também a ser, simbólico, como se bairros vizinhos, por exemplo, fossem mundos à parte, cada qual com sociabilidades muito específicas e distintas, onde o Estado atua qualitativamente diferente – e nisso, não apenas as autoridades policiais como os demais poderes e aparatos públicos. Conseqüentemente, embora a minoria dos moradores destas comunidades periféricas pobres e especialmente violentas pratique atos violentos e criminosos, todos eles sofrem discriminação social, preconceito e estigmatização, ainda que não sejam coniventes com tal realidade violenta, como muitos acreditam, mas, na realidade, forçados a tal vivência. Portanto, como o autor bem

resumiu, são todos os moradores que infelizmente e sofrivelmente pagam, além de segregados, também estigmatizados, por crimes cometidos por uma pequena minoria.

Ainda segundo Machado da Silva (2008), a polícia também contribui para essa segregação sócio-espacial dos moradores das comunidades periféricas, na medida em que reforça as desconfianças entre os diversos segmentos da população, quando funciona como intensificador das distâncias sociais entre esses grupos. A polícia funciona como repressora e impedimento dos encontros entre tais grupos sociais distintos, priorizando uma suposta segurança das classes mais favorecidas em detrimento de segurança aos grupos menos favorecidos, que na verdade, são vistos pela polícia como os criminosos em potencial e por isso são dignos de um comportamento opressor. Dessa maneira, são aumentados os isolamentos destas comunidades e os confinamentos dos seus moradores em suas realidades específicas. Afinal,

Contatos entre representantes de duas formas de vida distintas compartilhando o mesmo território não deveriam ser abordados como se fossem casos triviais de interação, pois eles quase sempre são acompanhados de uma enorme zona de incerteza, preenchida pelas mais variadas formas de mal-entendidos. (MACHADO DA SILVA, 2008: p. 43)

Outros conceitos importantes trabalhados por este autor são os de violência urbana e os de sociabilidade violenta, que se complementam. Primeiro, deve-se partir da ideia de que embora ‘violência urbana’ costume ser erroneamente ligado apenas às atividades criminosas de criminosos, na verdade, este conceito costuma implicar na própria ‘sociabilidade violenta’, que se apresenta de diversas maneiras e pode ser definida da seguinte maneira:

Na “sociabilidade violenta”, as ações são coordenadas quase exclusivamente por referência a escalas de força física (e a suas extensões: armas etc.). Os atores não compartilham valores comuns que poderiam regular o uso de violência na realização de seus desejos, limitando-a, assim, à condição de um meio entre outros para a obtenção de fins. A (quase) única consideração dos atores da “sociabilidade violenta” é a capacidade de resistência do que (outros seres humanos ou coisas) estiver impedindo a realização de seus desejos imediatos. Na “sociabilidade violenta”, quem tem mais força usa os outros, assim como artefatos (armas etc.), para impor sua vontade, sem considerar princípios éticos, deveres morais, afetos etc. (MACHADO DA SILVA, 2008: p. 21)

Ou seja, como muito bem observado, a sociabilidade violenta se faz presente de maneira que é uma forma de vida autônoma e acaba gerando uma própria ordem social, a violência urbana, daquelas comunidades nas quais são submetidos todos os moradores, mesmo os que não se envolvem com atividades criminosas. Este fator é

caracterizado como submissão e não como subordinação, pois sequer há possibilidade de formação de condutas autônomas nem possibilidade de crítica por parte destes moradores, principalmente porque estes não tem acesso a todos os aparatos públicos do estado que deveriam ser seus por direito.

Então, só resta a estes moradores adaptar suas rotinas e suas atividades cotidianas para a ordem social dominante traduzida em sociabilidade violenta. A sociabilidade violenta deixa de ser apenas um meio para obtenção de interesses e se torna o próprio princípio de coordenação das ações daqueles indivíduos. Então, também as relações de vizinhança que deveriam funcionar como intensificadores das interações sociais, acabam sendo enfraquecidas dadas estas condições, em que conseqüentemente imperam o medo e a desconfiança, o que pode explicar a ocorrência de vários homicídios entre conhecidos com relações de vizinhança, o que será visto na análise dos dados obtidos nesta dissertação.

Já no que se refere à violência urbana, visto que ela vai além dos crimes ocorridos, sociologicamente falando, tem-se que esta é uma representação coletiva que dá sentido à experiência vivida nas cidades, e é significada nas ações dos atores sociais. Dessa maneira,

A representação da “violência urbana” indica um complexo de práticas legais e administrativamente definidas como crime, selecionadas pelo aspecto da força física presente em todas elas, que ameaça duas condições básicas do sentimento de segurança existencial que costumava acompanhar a vida cotidiana rotineira – integridade física e garantia patrimonial. “Violência urbana” é, portanto, uma representação que interroga basicamente o crime comum, mas o foco de atenção não é o estatuto legal das práticas consideradas, e sim a força nelas incrustada, que é interpretada como responsável pelo rompimento da “normalidade” das rotinas cotidianas, ou seja, da certeza sobre o fluxo regular das rotinas em todos os aspectos: cognitivo, instrumental e moral. (MACHADO DA SILVA, 2008: p. 36)

É assim que a violência urbana acaba por ser uma ordem social em si. Ela se traduz por um complexo de práticas onde a força é um princípio de coordenação, responsável por sua articulação e relativa permanência ao longo do tempo (2008, p. 37), e não apenas uma violência urbana vista simplesmente como o conjunto de” desvios de conduta caracterizados pelo uso indevido da força como obtenção de interesses. Por isso, os demais moradores destas comunidades, para além dos agressores, acabam se tornando participantes subalternos de duas ordens sociais coexistentes: a violência urbana de sua comunidade e a ordem social vigente de sua cidade. Porque ainda que a sociabilidade violenta seja característica geral das grandes cidades brasileiras, ela afeta

mais intensamente as áreas desfavorecidas e pobres, deve-se provavelmente às formas urbanas típicas destas comunidades, que ainda carecem de vários equipamentos públicos de qualidade, de responsabilidade do Estado.

No entanto, a condição de possibilidade de cometimento de um ato criminoso, numa ordem social violenta, na própria violência urbana traduzida por uma sociabilidade violenta de sua comunidade, por si só, não é causa suficiente para a ocorrência de um crime. E é por aí que as contribuições teóricas mais gerais de Luiz Antônio Machado se encerram e são necessários outros elementos teóricos para apreender o contexto dos homicídios sofridos e cometidos por jovens no Recife, observando outros elementos que culminam no fenômeno do homicídio (características do agressor, da vítima e do contexto situacional) e as trajetórias de vida dos envolvidos. Pois, como Machado da Silva mesmo coloca, não se nasce “portador” da sociabilidade violenta, é preciso “aprender a ser agente” (2008, p. 43).

É importante também lembrar, afinal, a contribuição de Beato (1998), quando considera que mudanças de hábitos cotidianos e a reconfiguração do espaço urbano, através, sobretudo da aposição ou reforço de barreiras entre a casa e a rua (o privado e o público) estão dentre algumas consequências oriundas do crescimento do medo da vitimização mais evidenciadas pelos estudiosos e que conseqüentemente, a violência, sob formas distintas, incorporou-se à vida dos jovens das grandes cidades brasileiras.

Michel Misse (2006) se propõe a desfazer a rasa correlação entre pobreza e criminalidade, demonstrando que a pobreza, por si só, não explica coisa alguma, ou seja, não pode ser uma variável isolada que tenha correlação empírica com o crime – mais uma vez se reafirma a multicausalidade e multidimensionalidade da criminalidade violenta. Concorda com Alba Zaluar (*apud* 1985) quando ela defende que é a “revolta”, causada pela estrutura social que produz também a pobreza e a exploração, que pode levar ao crime, mas que esta perspectiva não encerra esse assunto.

Antes de fazer algumas considerações próprias, no entanto, Michel Misse (2006) tenta explicar alguns fatos que levaram à associação entre pobreza e crime, pelo menos no que se refere ao crime organizado, como principalmente o fato deste ter preferido as favelas para se instalar e lá ter se perpetuado intensamente. O que mais uma vez não explica o fato de a maioria dos moradores destas favelas não optarem pela carreira criminosa. Também atrelada à propagação desta falsa associação, agora com o crime em geral, está o fato da “cultura do medo” que se espalha e se conhece como a “violência

urbana”. Neste sentido, se reconhece que é esta a modalidade criminosa, que produz a maior reação moral e social, e conseqüentemente tem maior visibilidade, até porque é reproduzido constantemente pela mídia e na política brasileiras.

Misse (2006) resume seus argumentos em relação a esta criminalidade violenta que tem os pobres como maiores agentes de maneira que tais constatações podem ser diretamente aplicáveis ao objeto desta dissertação:

O fato de que, historicamente e até hoje, as penitenciárias e cadeias brasileiras tenham uma população carcerária quase que totalmente constituída de pobres não significa: a) que a maioria dos criminosos brasileiros seja de pobres; b) que a pobreza é a principal causa da criminalidade em geral. (...) Porque pode significar: a) que os aparelhos de resposta ao crime selecionam mais certos tipos de ação e de agente, do que outros; b) que os crimes selecionados são também os que provocam maior reação moral e social; c) que os crimes que provocam maior reação moral e social são os chamados crimes violentos, i. é, aqueles cujos agentes, dispondo ou não de outros meios de poder, utilizam-se da coação física imediata (ou sua ameaça), ou que executam o aniquilamento físico do outro em seu desenvolvimento; d) que os agentes “pobres” (ou com poucos recursos alternativos) que operam diretamente a ação criminal, por limitação social na escala de seleção de meios e de preferências criminais, mas também por outras razões, tendem a estar mais sujeitos ao emprego da violência como meio criminal. (MISSE, 2006: p 23)

Desta maneira, Misse reconhece o fato de que pessoas que tem recursos e meios limitados, ou seja, tem menos opções de resolução de seus conflitos e de obtenção de seus fins, conseqüentemente estão sujeitos a maiores riscos, utilizando, por vezes, meios mais violentos, num círculo vicioso que se perpetua nas favelas e nas comunidades. Desta maneira, crimes praticados em situações de pobreza tem dinâmica, contextos e causas específicos, onde os indivíduos envolvidos tem um maior nível de sujeição criminal, e conseqüentemente são vistos como potenciais criminosos, e tais crimes, por vários motivos já explicitados, são mais reproduzidos na sociedade brasileira. Pois, ainda segundo Misse,

Afinal, o “crime” não é um privilégio de classe. Existem “práticas criminais” efetivamente associadas às condições de vida, sociabilidade e habitação de segmentos “marginalizados” nas grandes metrópoles brasileiras, que a representação social privilegia como objeto principal do “medo da violência” atualmente existente. (MISSE, 2006: p. 34)

Quando se trata de homicídios, que ao decorrer desta dissertação veremos que são estes sujeitos mais pobres (e também homens e jovens, como apresentado inicialmente) que são protagonistas tanto como agressores, como vítimas, Misse considera que estes indivíduos estão sujeitos a uma pena de morte, ilegal, sem direito de

defesa, nem tribunal, nem julgamento político, nem sentença legítima, através dos homicídios que sofrem. E para apreender a complexidade de tal fenômeno, só se é possível quando se compreende estes indivíduos e suas realidades. O que só pode se iniciar com uma pesquisa de campo, até porque as pesquisas estatísticas que fazem associações entre pobreza e crime não explicam como uma variável por si só pode aplicar tal efeito. É necessário o reconhecimento de diversas variáveis atuando juntas para produzir tal efeito (como será apresentado no 2º capítulo desta dissertação), como também a compreensão das trajetórias de vida destes sujeitos (presente no 3º capítulo).

Apresentadas as principais contribuições destes intelectuais brasileiros quando discorreram sobre criminalidade violenta no país, e conseqüentemente as lacunas de suas contribuições teóricas, será caracterizada a perspectiva teórica que orienta principalmente esta dissertação, a de *configurações de homicídios*, difundida por Miethe & Regoeczi (2004).

#### ***1.4 CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS***

Antes de partir para a perspectiva teórica central desta dissertação, é necessário tentar encaixá-la numa agenda de pesquisa da área, com propósitos definidos para contribuir com os avanços da literatura da sociologia do crime em relação aos estudos sobre homicídios. Segundo Smith (apud RATTON, 2011), a despeito dos avanços alcançados em diversas áreas da sociologia do crime, há uma lacuna central no que se refere à compreensão dos homicídios como um fenômeno social. Sendo assim, uma agenda de pesquisa sobre o assunto poderia ser resumida às seguintes perguntas: a) *o que não se sabe sobre homicídio que com pesquisas apropriadas poderia ser apreendido?* b) *o que não se sabe sobre homicídios que, caso pudesse ser apreendido, poderia sofisticar consideravelmente nossa compreensão sobre a criminalidade violenta?*

Na tentativa de contribuir para algumas destas lacunas, e apresentadas as teorias acerca da criminalidade violenta no Brasil, dentro de suas limitações, a perspectiva teórica que orienta esta pesquisa, elege como unidade de análise a *configuração do homicídio*, investigando a estrutura e o processo subjacentes a este evento. É uma

perspectiva diferenciada de análise, holística, pois vê a situação do homicídio como um todo, com uma unidade de análise situacional e configuracional. Reforça-se, como apresentado no início da dissertação, que *configuração do homicídio* se refere à convergência entre o agressor e a vítima em um contexto sócio-espacialmente estruturado, em que a agressão se realiza, bem como a situação em que o evento transcorre (Miethe & Regoeczi, 2004). Trata-se de uma análise da combinação entre ofensor, vítima e situação, através da articulação e integração desses elementos. Busca-se, desta maneira, superar abordagens centradas exclusivamente no agressor ou na vítima, investigando o que distinguiria *qualitativamente* as situações de homicídio que envolvem jovens na cidade do Recife. Pode se traduzir tal perspectiva, também, em uma visão dos eventos criminosos letais intencionais como fenômenos sociais complexos, que envolvem interação entre lugar, pessoa, momento e ação. *Assinaturas únicas* se referem às situações particulares de cada homicídio, em que determinados fatores (características do agressor, da vítima e da situação) culminaram em um homicídio.

Desta maneira, fica claro que o objetivo dos autores, que também é um desta dissertação, é o de identificar as situações de homicídio prevalentes e as diferentes combinações de atributos (variáveis) que formam distintas e específicas situações. Em outras palavras, por um lado, observa-se os padrões das situações, as configurações de homicídio mais comuns; e por outro, as assinaturas únicas dos homicídios. A pesquisa por eles realizada também envolve um estudo da mudança e estabilidade na natureza dessas estruturas particulares ao longo do tempo. No caso, tal estudo com análise através do tempo não será possível, pois esta pesquisa se refere apenas aos homicídios que ocorreram no ano de 2009.

Miethe & Regoeczi (2004), para chegar nessa perspectiva inovadora em relação aos homicídios, reconheceram alguns fatores que caracterizam o homicídio. Inicialmente, para eles, a situação do homicídio é um aspecto que não foi estudado sistematicamente e adequadamente. Então, reconhecem a existência de qualidades de homicídios que os diferenciam, portanto, qualitativamente. Parte-se também do pressuposto que crimes violentos são distintos de outros crimes, como por exemplo, crimes de propriedade, porque consistem obrigatoriamente em interação de no mínimo duas partes, dois atores sociais, que se dão por situações dinâmicas de troca de palavras e de ações. Por isso, atos violentos são vistos como transações e são explicáveis ou

compreendidos por uma abordagem situacional, imerso em uma sociologia do interacionismo.

Tais teorias podem contribuir para a análise situacional do crime do homicídio inicialmente porque segundo seus pressupostos, permitem analisar um evento prestando atenção aos significados da ação para os atores sociais envolvidos. Logo, tal abordagem teórica permite que analise o crime focando atenção no significado da situação para os atores, buscando relação entre a motivação do ofensor e a oportunidade para cometer o ato em tal situação; e considerando crime e desvio como resultados precários de uma situação.

A justificativa para tal abordagem interacionista dos homicídios é que a confiança e a aposta em um tratamento separado destes elementos essenciais que formam um homicídio produziu um corpo fragmentado de literatura sobre o assunto que falha em desenvolver uma compreensão adequada do evento do homicídio como um todo. Tais estudos geralmente focavam nos diversos efeitos de variáveis individualmente, ao invés de nos efeitos interativos da combinação destas variáveis nas situações. Ou seja, costumavam ignorar a importância do contexto da situação e consequentemente não capturam a complexidade do evento do homicídio. Só como os autores propõem é que se pode analisar de que maneira tais elementos que compõem um homicídio, interativamente, combinam/resultam em uma ação violenta, a partir do reconhecimento dessa culminação em configurações prevalentes de homicídios e assinaturas únicas destes.

Essa abordagem permitiu que os autores fizessem uma abordagem integrada para estudar o homicídio, ainda que se focando nos diferentes tipos existentes de homicídio. Tomaram uma perspectiva de que o contexto situacional do homicídio pode ser examinado por dois aspectos distintos, mas interligados: estruturas e processos. Para tal, realizaram primeiramente um método comparativo (o QCA, Qualitative Comparative Analysis, a ser explicado a seguir) para identificar os contextos estruturais comuns e os únicos, dos homicídios ocorridos nos Estados Unidos (onde se deu o estudo) nas últimas três décadas, o que faz do estudo também uma análise temporal e comparativa. Para dar conta dos elementos processuais dos homicídios, realizaram uma análise qualitativa das narrativas de homicídios em cidades americanas.

Transportando tal metodologia para esta dissertação, as estruturas dos homicídios (que envolvem vítima, agressor e contexto situacional) serão analisadas a

partir do banco de dados construído com os dados obtidos em inquéritos policiais de homicídios; e os elementos processuais serão analisados pelo discurso dos homicidas, conteúdo analisado a partir das entrevistas realizadas com estes. Desta maneira, esta dissertação terá limitações ao não realizar um estudo temporal, que permita analisar as mudanças qualitativas na natureza da tendência dos homicídios, assim como os autores propõem, pois tratará apenas dos homicídios ocorridos na cidade do Recife no ano de 2009.

Para a configuração do homicídio, que é a unidade de análise, definida pela combinação entre ofensor, vítima e contexto situacional, os autores consideram essenciais: gênero, raça e idade, para os atores envolvidos; motivo e/ou circunstância na qual o homicídio ocorreu, a relação entre vítima e ofensor, o número de ofensores, a arma utilizada e o contexto físico do crime, para a situação. Combinados, revelam a natureza das dinâmicas interpessoais que resultaram em um homicídio. Tais variáveis/atributos, e ainda mais, estão sendo utilizados nesta dissertação, pois foram objetivamente coletados nos inquéritos policiais, o que será demonstrado em capítulo posterior.

O QCA, método utilizado por Miethe & Regoeczi, que será a inspiração para a lógica geral da análise das variáveis obtidas no trabalho da dissertação, reconhece que determinados resultados (do evento criminoso) são produzidos por variáveis atuando juntos, ou seja, a partir da interação destes – e este será o princípio teórico que orientará a análise dos dados. O QCA permite uma análise das configurações dos homicídios, através da combinação dos atributos que geram o homicídio. Variação no QCA se refere à diversidade de condições únicas, medidas caso por caso pelas diferentes combinações existentes. Dessa maneira, o QCA, ao reconhecer que um homicídio ocorre por variáveis atuando juntas, está afirmando que qualquer variável em específico pode produzir efeito diferente em diferentes situações, ou seja, que seu efeito varia em cada caso, por causa das outras variáveis que devem e são levadas em consideração. Tanto o QCA não quer individualizar as variáveis, que não há variável dependente e variável independente, ao contrário de demais estudos quantitativos que são orientados por uma espécie de hierarquia das variáveis.

O QCA, desta maneira, se diferencia das abordagens tradicionais que se baseiam na premissa de que eventos podem ser descritos por uma explicação simples ao contrário de uma explicação via vários caminhos que dão no mesmo resultado. O QCA

demonstra que tais eventos são, na verdade, multicausais e multidimensionais, com vários fatores e caminhos, que integrados, culminam em um resultado específico em cada caso. Ou seja, não simplifica o evento criminoso em questão, e sim, preserva a complexidade de tais situações. Segundo os autores, basicamente, tal método leva em consideração dois aspectos sociais de tal fenômeno social: suas causas são uma conjuntura típica, que devem culminar juntas em determinado tempo e espaço pra gerar o fenômeno; e que o mesmo resultado pode ser gerado por diversas combinações de causas (no caso, variáveis e seus atributos). São estes os princípios básicos do QCA que serão utilizados na metodologia de análise dos dados obtidos na dissertação.

Realizadas as caracterizações dos objetos pesquisados e uma revisão bibliográfica breve acerca da literatura sobre criminalidade violenta no país fica claro porque esta literatura não é suficiente para os propósitos desta dissertação. Desta maneira, a apresentação do arcabouço teórico central desta dissertação deixa claro que a perspectiva desta dissertação toma o homicídio como um fenômeno social, resultante de uma configuração que se forma pelo encontro e tríade entre os elementos agressor, vítima e contexto situacional. Cada elemento com seus próprios atributos, que podem ser os mais variados, reforçando a multidimensionalidade do homicídio, e mais especificamente do homicídio jovem, e reconhecendo que tal fenômeno é também multicausal. Desta maneira, pode-se avançar para a análise dos dados obtidos, nos capítulos seguintes.

## **2º CAPÍTULO: CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS SEGUNDO DADOS DOS INQUÉRITOS POLICIAIS**

Relembrando que esta dissertação busca utilizar um modelo teórico que tem como premissa que para compreender o fenômeno do homicídio é necessário o reconhecimento de que este é formado pela tríade homicida, vítima e contexto situacional do homicídio, este capítulo se dedica a caracterizar os três objetos desta tríade a partir dos dados coletados nos inquéritos policiais, concentrados no Departamento de Homicídios e Proteção a Pessoa (DHPP)<sup>7</sup>, de homicídios cometidos e sofridos por jovens no Recife em 2009. Primeiramente, será explicado como foi definido o universo de inquéritos a ter uma amostra pesquisada; no item seguinte, o percurso da pesquisa até o trabalho de campo, e como este foi realizado; e também a definição do universo da pesquisa desta dissertação, que é mais restrito do que a pesquisa do NEPS, para a qual a pesquisa de campo foi inicialmente realizada. Finalmente, a análise dos dados obtidos em relação ao contexto situacional do homicídio, aos homicidas e às vítimas – dividida por categorias e atributos que compõem cada elemento da tríade da configuração do homicídio.

Após a coleta de dados no âmbito da pesquisa do NEPS, se deu a organização destes dados em uma matriz do SPSS (que distribuiu todas as variáveis em relação aos homicidas, às vítimas e aos contextos situacionais) e a geração de tabelas com tais dados. Desta maneira, este capítulo realiza a devida descrição destas tabelas e destes dados; bem como uma análise destes achados, que permitirão identificar as características sociais de agressores, vítimas e contextos situacionais de homicídio que envolvem jovens (primeiro objetivo específico desta dissertação) e identificar as configurações prevalentes de homicídios sofridos praticados e sofridos por jovens, ou seja, os padrões de interação envolvendo jovens que produzem a morte violenta, assim

---

<sup>7</sup> O DHPP foi criado em 2006, integrando-se à estrutura da Polícia Civil de Pernambuco. Atualmente é formado por uma delegacia de proteção à pessoa, seis delegacias de polícia de homicídios, uma delegacia de polícia que atua em regime de plantão e um grupo de operações táticas (GOT). Às delegacias de homicídio compete proceder à apuração e à investigação de todos os homicídios dolosos de autoria não imediatamente identificada ocorridos nas áreas de segurança definidas pela SDS, que abrange atualmente toda a cidade do Recife, cabendo o mesmo, em casos especiais, à delegacia de proteção à pessoa e ao GOT, que atua em casos de homicídios múltiplos e chacinas.

como as assinaturas únicas destes homicídios (segundo objetivo específico desta dissertação); objetivos estes que serão complementados pelas falas dos homicidas, analisadas no capítulo seguinte.

Antes de partir para a descrição e posterior análise dos dados encontrados, é necessário, entretanto, lembrar o referencial teórico a ser utilizado para análise dos dados e fazer um breve relato do trabalho de campo de coleta dos dados.

A análise dos dados quantitativos coletados em inquéritos policiais será inspirada no QCA, método já caracterizado no quarto item do primeiro capítulo (**1.4 Configurações de Homicídios**). Miethe & Regoeczi (2004) aplicam o método QCA sobre o grupo social dos jovens, em relação aos homicídios sofridos por estes nos Estados Unidos, usando dados de 1976 a 1998. As conclusões tiradas referem-se ao fato de que homicídios praticados por jovens podem ser especificamente diferentes dos cometidos por adultos, envolvendo geralmente homens ofensores, utilizando armas de fogo, com vários ofensores envolvidos em cada caso e com condições sócio-econômicas urbanas. Os autores concluíram que os processos por trás desse fenômeno envolvem a competitividade masculina, honra, respeito e o desejo de vingança ou de resolver pessoalmente ofensas cometidas contra si, contra membros de suas gangues, contra familiares ou contra amigos. Isso acontece pela constatação feita de que os crimes acontecem geralmente entre conhecidos, da mesma vizinhança, em comunidades com altos índices de violência.

A seguir, a descrição dos passos para a coleta e organização dos dados encontrados nos inquéritos policiais, para finalmente se partir para a análise destes, dentro dos objetivos da dissertação.

## ***2.1 A DEFINIÇÃO DO UNIVERSO A SER PESQUISADO NO DHPP***

Esta etapa da pesquisa foi realizada no âmbito da pesquisa do NEPS, que tem como objetivo fazer um mapeamento dos homicídios cometidos em Recife nos últimos anos. Antes de entrar em contato com os inquéritos policiais em si, havia de se definir a amostra a ser pesquisada. Para isso, tinha de se saber qual era o número total de

homicídios ocorridos em Recife em 2009 e qual era o número de inquéritos policiais que atingia os critérios das pesquisas, do NEPS e desta dissertação (a ser demonstrados posteriormente).

Para saber quantos casos de crimes contra a vida ocorreram no Recife em 2009, foi necessário trabalhar com dois bancos de dados: o Banco de Dados do Sistema de Informação Policial, Infopol, da Secretaria de Defesa Social de Pernambuco (SDS) e o Banco de Dados do DHPP (que consta dos inquéritos policiais existentes). O Banco de Dados do Infopol reúne todos os Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) – homicídio, latrocínio e lesão corporal seguida de morte, de acordo com a denominação da SDS – ocorridos em Pernambuco desde 2004. Inclui variáveis relacionadas às características do crime, das vítimas e dos agressores, mas não registra informações sobre motivações. É deste banco que se extraem e são divulgadas as informações oficiais para o monitoramento da política de segurança pública. Já o Banco de Dados do DHPP toma como fonte os inquéritos policiais e, por isso, apresenta um maior detalhamento em suas informações, incluindo as motivações dos crimes, de acordo com as conclusões dos policiais envolvidos no processo de investigação. A ideia de se trabalhar com os dois bancos de dados figura com o objetivo de superar as limitações das fontes. Ambos os bancos foram convertidos para o formato SPSSWIN 17.0.

No entanto, a alimentação do Banco de Dados do DHPP só passou a ser feita paralelamente ao acontecimento dos homicídios em meados do ano de 2009. O que ocorreu é que vários inquéritos policiais tiveram seus dados inseridos neste banco de dados por um número muito alto de policiais, em um curto espaço de tempo, pois foi uma demanda governamental urgente, de ordem da segurança pública, sem um treinamento e uma padronização devidos, pelo menos a nível do que se considera adequado para uma pesquisa acadêmica, gerando algumas deficiências neste banco de dados. Isso porque os dados foram categorizados e coletados de maneira não suficientemente apropriada para se buscar neste banco de dados as características sociais da vítima, do agressor e do contexto situacional. Foi desta maneira que se julgou necessária a construção de um novo banco de dados, através de uma nova busca por dados nos inquéritos policiais, feita por mim e demais membros do NEPS, com acréscimo de algumas variáveis diferentes das coletadas pelos policiais no banco do DHPP e com maior atenção dada às narrativas das testemunhas e dos acusados.

No universo do Banco de CVLI da SDS, foram encontrados 818 casos de homicídios – 746 com vítimas do sexo masculino e 72 com vítimas mulheres -, que correspondem ao total de casos ocorridos em Recife, em 2009. Em seguida, era necessária a identificação dos inquéritos policiais que investigaram os casos de homicídios encontrados. A construção do universo de inquéritos foi feita a partir de consultas ao banco de dados do DHPP, que é alimentado atualmente a partir das ocorrências de morte violenta em Recife. Os critérios utilizados para a seleção dos casos incluídos no primeiro universo, da pesquisa do NEPS, que objetivava coletar uma amostra dos homicídios cometidos contra homens no Recife em 2009, foram os seguintes (RATTON, *et al*; 2010), de acordo com o quadro 1 a seguir.

**Quadro 1: Critérios de seleção utilizados no primeiro universo de pesquisa**

Critério de seleção	Descrição
Temporal	Inquéritos policiais cujos crimes ocorreram em 2009 e foram remetidos à justiça até abril de 2010, de modo a contemplar os casos ocorridos nos últimos dias de 2009.
Tipos penais	A base do DHPP classifica os crimes em três grandes categorias - CVLI, crimes violentos contra o patrimônio (CVP) e outros. Inicialmente, trabalhou-se com CVLI e outros nas seguintes subcategorias: homicídio doloso (com 1, 2 3 ou mais vítimas), roubo seguido de morte, resistência seguida de morte, lesão corporal seguida de morte, tentativa de morte, outros crimes resultantes em morte e mortes a esclarecer. Para a análise final, foram excluídas as tentativas de morte e as mortes a esclarecer.
Tipo de finalização do procedimento	Interessavam apenas os inquéritos policiais que foram concluídos com autoria. A análise configuracional precisa de informações sobre vítimas, agressores e circunstâncias do crime, sendo assim inquéritos com narrativas em aberto, ou com autoria desconhecida não seriam úteis para atingir os objetivos de nossa análise. Os inquéritos policiais que foram remetidos com autoria, mas devolvidos para diligências adicionais e requisitórios também ficaram de fora de nosso universo.
Área	Apenas os inquéritos policiais de responsabilidade do DHPP e que tinham em suas numerações o código 901, que identifica, na base, os inquéritos da alçada das diferentes áreas do DHPP. Inquéritos avocados de delegacias distritais, que preservaram em suas numerações os códigos das delegacias de origem, ficaram fora de nosso universo.
Qualificação dos sujeitos	Informações apenas sobre vítimas, suspeitos e imputados.
Espacial	Apenas inquéritos cujos crimes ocorreram na cidade de Recife.

**Fonte: Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)**

É importante ressaltar que algumas dessas decisões foram tomadas diante das opções e, por vezes, restrições impostas pela estrutura da base de dados. Ou seja, os critérios para a seleção de nosso universo não foram arbitrários e livres, mas sim, por

um lado estavam de acordo com os objetivos da pesquisa, e por outro, foram limitados pelas condições dos dados oferecidos.

Estabelecidos esses critérios, foi realizada uma consulta que utilizava como chave os nomes das vítimas dos inquéritos. Com isso, gerou-se um banco com 1552 vítimas de ambos os sexos, que foi importado para o formato Excell e, em seguida, para o SPSSWIN. Foram identificadas sobreposições, ou seja, inquéritos policiais com mais de uma vítima, cujos dados se repetiam no banco e totalizam 746 casos no banco de CVLI da SDS. Feita a limpeza dos dados, chegou-se ao número de 595 inquéritos policiais cujas vítimas eram homens. Ao retirar os casos de tentativas de homicídio e de mortes a esclarecer, ficou o número final de 367 casos em que as vítimas eram homens. Esses números correspondem a 49,1% dos casos de homicídios de homens, registrados no Banco de Dados de CVLI da SDS. O Quadro 2 apresenta esses dados.

**Quadro 2: Universo de pesquisa de acordo com as fontes de informação**

Fonte de informação	Vítimas de sexo masculino
Banco de CVLI da SDS - A	746
Banco do DHPP – B	367
% (DHPP / CVLI-SDS)	49,2

**Fonte: Elaboração própria.**

Ressalte-se que para a pesquisa e a dissertação, é válido trabalhar tanto com casos consumados como casos de tentativas. Assim, os dados abaixo expostos dizem respeito não apenas aos crimes violentos letais intencionais que resultaram efetivamente em morte, mas também às situações em que a vítima sobreviveu. Isso porque as tentativas de homicídios podem possuir configurações muito semelhantes aos de homicídios consumados, afinal o resultado morte, a princípio, só não ocorre por acaso. Assim, somando as tentativas, chegou-se ao universo de 522 inquéritos policiais de vítimas homens.

Assim, no âmbito da pesquisa do NEPS, optou-se por uma amostra estatística para os casos de tentativa e morte de homens, que gerou uma amostra de 227 inquéritos policiais. Tal amostra foi calculada como demonstrado no Anexo 1. Após o cálculo estatístico, foram sorteados, dentre os 522 casos, os 227 que formaram a amostra da pesquisa do NEPS.

Assim, definido o universo da pesquisa, pôde-se passar para o trabalho de campo de coleta dos dados nos inquéritos policiais, a ser descrito no próximo item.

## **2.2 O TRABALHO DE CAMPO**

Definido o universo com o qual se trabalharia, passou-se ao trabalho de coleta dos dados nos inquéritos policiais<sup>8</sup>. Este trabalho foi realizado durante os meses de maio a julho de 2010. Tal atividade deu-se no espaço do próprio DHPP. Identificou-se, através de um código no número do inquérito, qual a delegacia responsável por cada inquérito. Os pesquisadores, ao chegarem ao DHPP, dirigiam-se aos cartórios das delegacias, pegavam os inquéritos que trabalhariam no dia e ao final devolviam-nos. Esse contato era feito com o escrivão responsável por cada DP, quando este não estivesse realizando nenhuma atividade. Por isso, a agilidade na coleta dependia tanto do grau de organização dos cartórios, quanto da disponibilidade do escrivão; o que fazia com que alguns dias fossem bem menos produtivos do que outros. Precisou-se, inclusive, ressortear inquéritos, a fim de substituir alguns que não foram encontrados, por desorganização do cartório ou por não conseguirmos entrar em contato com o delegado, que poderia ter retido o inquérito em outro local.

A coleta dos dados foi feita através de uma máscara que mescla variáveis numéricas, categóricas e nominais, bem como elementos qualitativos, como o resumo do fato, e de controle interno e metodológico, como o campo para as observações do pesquisador, conforme anexo 2. Os dados foram coletados por um lado nas observações dos policiais e nas elaborações dos relatórios narrativos por estes; e por outro nos depoimentos dos envolvidos e das testemunhas; e ainda nas fichas de antecedentes criminais dos envolvidos (quando havia) ou demais cópias de documentos oficiais, que quando raramente anexadas, geralmente eram dos indiciados.

---

<sup>8</sup> É importante ressaltar a influência dos pesquisadores na coleta destes dados. Por mais que o trabalho tenha sido feito cuidadosamente, é impossível os pesquisadores realizarem tal coleta sem contaminar, de certa forma, tais dados com visões próprias sobre as situações dos homicídios. Logo, fica claro que a maneira que os dados foram construídos depende diretamente do trabalho de coleta de dados, realizado pelos pesquisadores. Como Costalonga (2012) coloca, o pesquisador participa diretamente do processo de criação dos dados.

Ao todo trabalhou-se com 31 variáveis quantitativas:

- Sobre o **inquérito**<sup>9</sup>, que servem para controle na coleta de dados: 1 - delegacia responsável, 2 - número, 3 - tipo penal, 4 - data de conclusão;
- Sobre **características da ofensa** (contexto situacional do homicídio): 5 - data do fato, 6 - hora, 7 - dia da semana, 8 - nº de vítimas, 9 - nº de autores, 10 - local do crime, 11 - endereço, 12 - arma utilizada, 13 - relação do crime com droga, 14 - motivação, 15 - se houve crime de mando;
- Sobre **vítimas e indiciados**<sup>10</sup>: 16 - nome, 17 - codinome, 18 - nome do pai ou da mãe, 19 - sexo, 20 - idade, 21 - residência, 22 - cor, 23 - profissão, 24 - ocupação, 25 - se estava trabalhando na época do crime, 26 - estado civil, 27 - escolaridade, 28 - prole, 29 - histórico criminal, 30 - distância entre residências de vítima e indiciado e 31 - interação entre vítima e indiciado.

Vale ressaltar que os dados foram coletados desta maneira que pode ser observada na máscara (vide anexo 2) e descrita anteriormente, mas que foram recategorizados quando na construção do banco de dados, conforme a necessidade, já pensando nos dados como categorias de análise. Ou seja, existem algumas versões da matriz no SPSS (primeiramente preencheu-se a matriz com os dados como se coletou nos inquéritos) até chegar à matriz final, que corresponde ao modo aparentemente mais viável de analisar as variáveis, fazendo combinações destas entre si.

No entanto, houve mais uma etapa antes de se tratar especificamente dos dados para esta dissertação, como será explicado a seguir, a de definição do universo pesquisado para esta dissertação, já que a pesquisa de campo foi realizada em âmbito maior, da pesquisa do NEPS.

### ***2.3 DEFINIÇÃO DO UNIVERSO DESTA DISSERTAÇÃO***

---

<sup>9</sup> Inquérito policial é a documentação de todo o procedimento policial destinado a reunir elementos necessários à apuração da prática de uma infração penal e de sua autoria (Art. 4 do CPB)

<sup>10</sup> Indiciados se referem aos acusados formal e legalmente na investigação, submetidos a inquéritos policiais.

Como explicitado no item anterior, o universo pesquisado no DHPP é mais abrangente do que interessa a esta dissertação, pois se trata de uma amostra dos homicídios ocorridos contra todos os homens no Recife em 2009. Então, para o universo desta dissertação, na matriz final do SPSS contendo todos estes casos, aplicou-se um filtro para observar só os sujeitos jovens (de 15 a 29 anos – excluindo, assim, os casos em que a idade não era informada), o que gerou um total de 420 sujeitos (vítimas e indiciados). Antes eram 595, incluindo os que não eram jovens, o que significa que jovens são 70% dos envolvidos em homicídios, vítimas e agressores, na amostra realizada de todos os homicídios ocorridos no Recife em 2009.

Assim, criou-se mais duas matrizes do SPSS: uma só de homens jovens vítimas (para verificar as características sociais destes), com 153 indivíduos (eram 234, o que significa que jovens eram 65% das vítimas da amostra total), e uma só de homens jovens agressores (com o mesmo objetivo), com 267 sujeitos (antes eram 361, então jovens eram 74% dos agressores da amostra total). Como todo estudo criminológico, a unidade de análise é a vítima, então a matriz a ser utilizada para observar as características sociais do terceiro elemento da tríade do fenômeno do homicídio, o contexto situacional, será a matriz dos homens jovens vítimas.

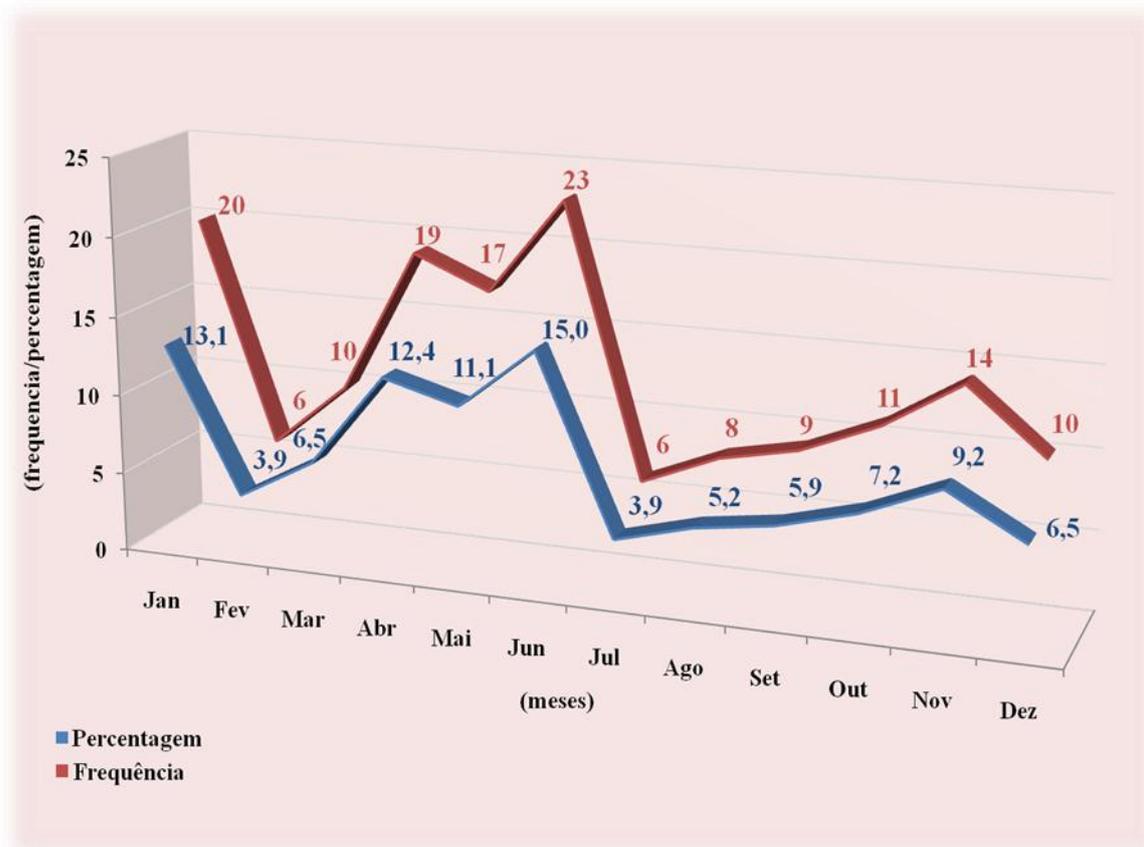
A seguir, dar-se-á início à exposição dos dados encontrados e das tabelas geradas no SPSS com tais dados, para posterior análise destes. Alguns destes dados serão apresentados por gráficos, e nestes casos, as tabelas geradas pelo SPSS com todos os valores absolutos estarão presentes no anexo 3.

## ***2.4 SOBRE O CONTEXTO SITUACIONAL***

Este item se refere à apresentação dos dados e dos elementos coletados nos inquéritos policiais que compõem e determinam o contexto situacional do fenômeno do homicídio: mês do crime; turno do crime; dia da semana do crime; número de vítimas em cada caso; número de indiciados em cada caso; local do crime; arma do crime; se há relação do crime com drogas; se há, qual a relação do crack com o crime; se há, qual a relação de outras drogas ilícitas com o crime; se há, qual a relação do álcool com o

crime; distância entre residência da vítima e do indiciado; se vítima e indiciado se conheciam antes do homicídio; qual era especificamente a relação entre vítima e indiciado antes do homicídio; qual a motivação principal para o homicídio; qual a motivação associada/secundária; se houve crime de mando. Embora seja um item com fim descritivo, ao longo dele, já serão possíveis algumas breves reflexões a respeito do homicídio de jovens no Recife.

**Gráfico 1: Recife - Vítimas de homicídios por mês de ocorrência, 2009**



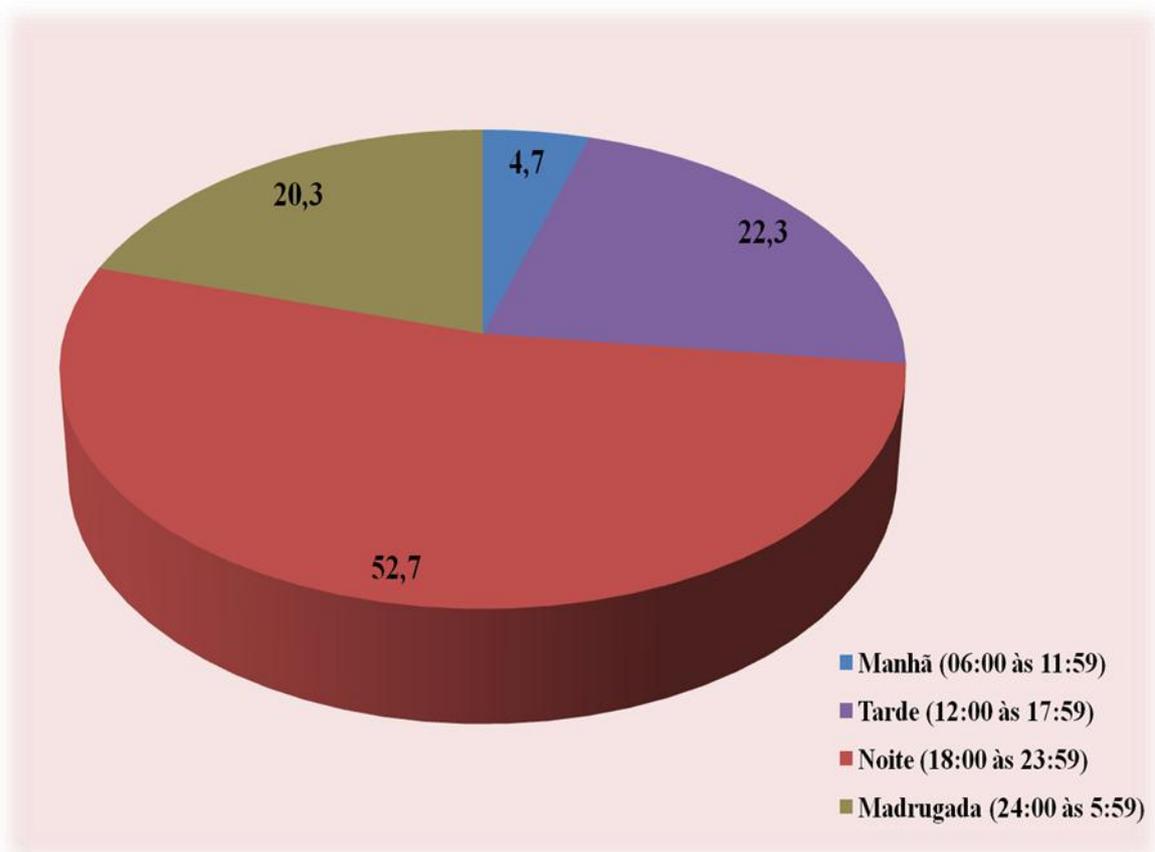
Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

Conforme o gráfico acima (a tabela está no anexo 3), os meses de maior concentração de vítimas de homicídio em 2009 foram junho, janeiro e abril. Os homicídios no mês de junho poderiam ser associados, a primeira vista, pela ocorrência destes nas proximidades com o feriado de São João (a maioria ocorreu na segunda quinzena do mês), no entanto, ao se checar cada um dos resumos das narrativas desses homicídios (feitos pelos pesquisadores no preenchimento das máscaras, com os

elementos encontrados nos inquéritos), observa-se que uma associação da maior ocorrência de crimes em junho ao São João seria errônea, pois apenas 1 dos 23 crimes ocorridos em junho foi em tal contexto. Em relação ao mês de janeiro, é um mês de férias e de verão, o que aumenta a ocorrência de festas e demais eventos. A associação entre festas e maior número de homicídios se dá pelo fato de que em festas há maior concentração e conseqüente maior interação de indivíduos, que estão mais agitados pelo ambiente, alguns até mesmo mais excitados sob efeito de álcool ou de outras drogas, o que facilita a ocorrência de interações mais explosivas que podem se desenrolar em desentendimentos. Devido à grande circulação de armas de fogo entre os indivíduos da população brasileira, esses meros desentendimentos podem acabar se transformando em lesões corporais mais graves e em homicídios.

Já em abril, assim como em junho, não há como se justificar um maior número de homicídios em relação aos outros meses do ano. Talvez um estudo comparativo destes homicídios com os de outros anos poderia observar uma tendência maior à ocorrência de homicídios de jovens nestes meses para se tentar tecer uma análise e uma explicação devidas.

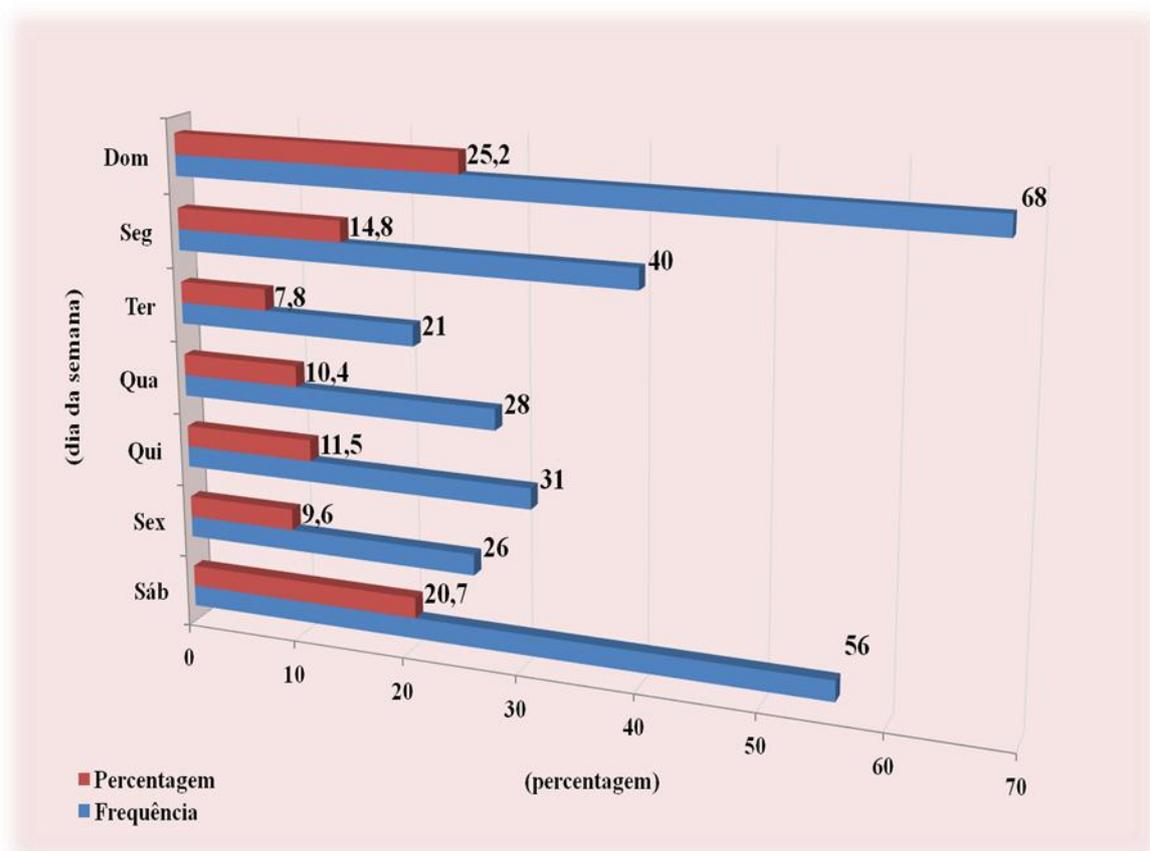
**Gráfico 2: Recife - Vítimas (%) de homicídios por turno do dia de ocorrência do crime, 2009**



Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Em relação ao turno, a maioria das vítimas sofreu homicídio no período da noite, como seria de se esperar, compreendendo 52,7% das vítimas. É o período em que se espera mais homicídios, pela influência de ser um período em que há menor vigilância por parte dos aparelhos policiais, menor presença de testemunhas e consequente maior dificuldade para identificação dos agressores e, portanto, uma prisão destes. Tal dado será complementado pelo que identifica maior ocorrência destes crimes em vias públicas. Em seguida, o período da tarde, com 22,3% das vítimas; e não pela madrugada, como também se esperaria, embora a diferença tenha sido mínima, pois trata-se de 20,3% das vítimas. Os três turnos se justificam por ser encontrados muito mais nos fins de semana, como será observado a seguir (noites, tardes e madrugadas do sábado e do domingo, bem como a madrugada da segunda-feira).

**Gráfico 3: Recife - Vítimas de homicídios por dia da semana de ocorrência do crime, 2009**



Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

Os dias em que as vítimas sofreram mais homicídios foram o domingo (25,2%), o sábado (20,7%) e a segunda-feira (14,8%), o que se justifica por abranger o final de semana inteiro. Totalizam mais da metade dos homicídios ocorridos na semana, restando 39,3% para os quatro dias restantes.

**Tabela 4: Recife - Número de homicídios por número de vítimas do crime, 2009**

Número de vítimas	Frequência	Porcentagem geral	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Uma vítima	116	75,8	75,8	75,8
Duas vítimas	23	15	15	90,8
Três vítimas	11	7,2	7,2	98
Quatro vítimas	3	2	2	100
Total	153	100	100	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

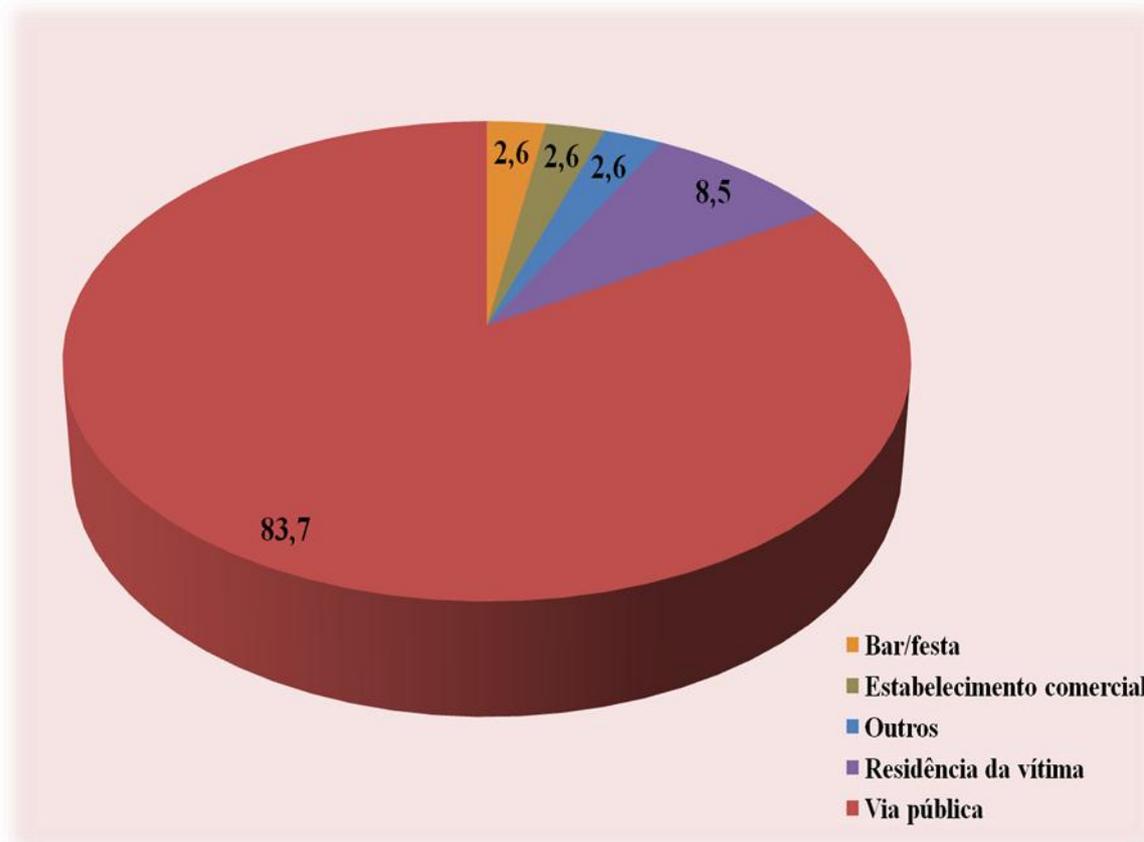
**Tabela 5: Recife - Número de homicídios por número de indiciados pelo crime, 2009**

Número de indiciados	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Um indiciados	73	47,7	47,7	47,7
Dois indiciados	33	21,6	21,6	69,3
Três indiciados	33	21,6	21,6	90,8
Quatro indiciados	5	3,3	3,3	94,1
Cinco indiciados	4	2,6	2,6	96,7
Seis indiciados	4	2,6	2,6	99,3
Sete indiciados	1	0,7	0,7	100
Total	153	100	100	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Segundo a tabela 4, a grande maioria das vítimas (75,8%) sofreu o homicídio em situações em que eram a única vítima em questão. Por outro lado, segundo a tabela 5, a maioria dos casos se refere à ação de múltiplos ofensores (52,3%), envolvendo 2 ou até 7 homicidas; contra 47,7% das vítimas que foram assassinadas por apenas um homicida.

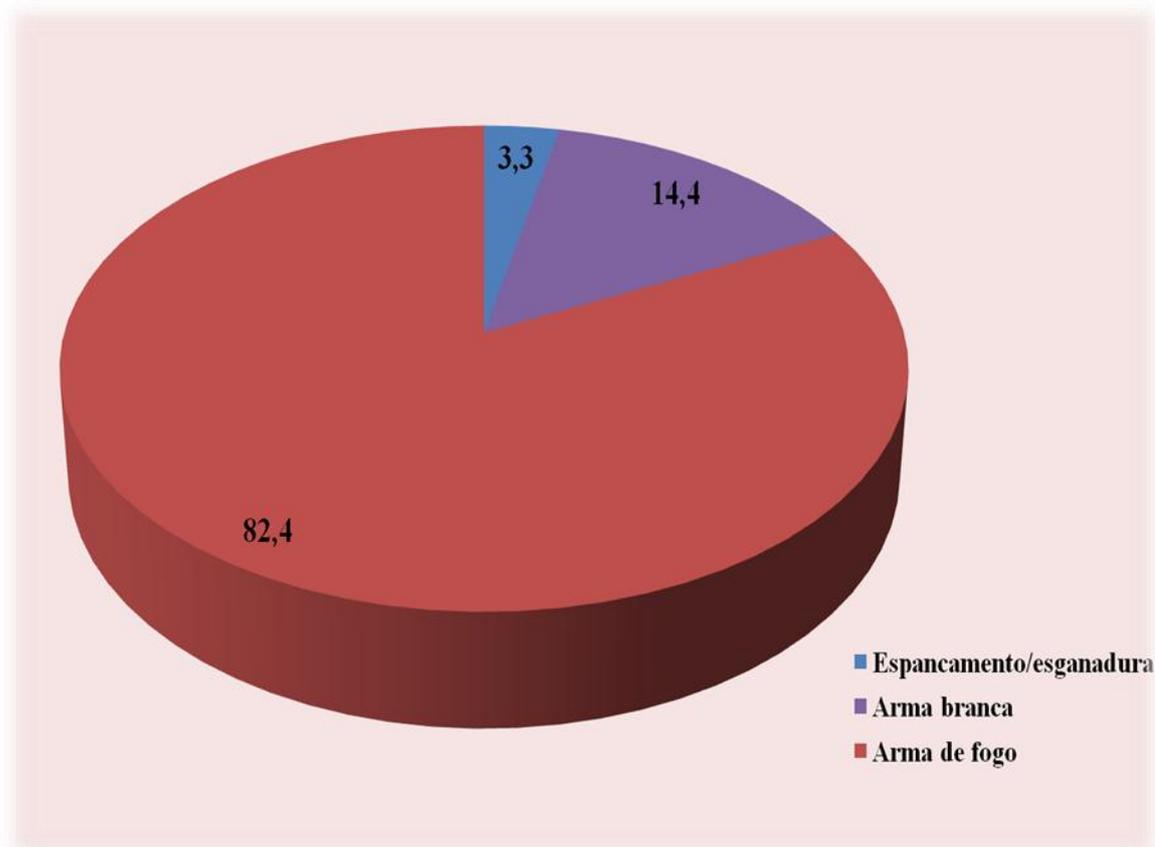
**Gráfico 4: Recife - Vítimas (%) de homicídios por local de ocorrência do crime, 2009**



Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

A imensa maioria das vítimas sofreu o homicídio em via pública (83,7%), seguindo o padrão dos homicídios em Pernambuco nos últimos anos. No entanto, é importantíssimo deixar claro que este é o local em que o crime é consumado, mas ao se checar os resumos das narrativas do homicídio, observa-se que muitas discussões que dão origem ao homicídio se iniciam em festas privadas ou em bares. Porém, com o desenrolar da situação, a morte acaba ocorrendo em via pública.

**Gráfico 5: Recife - Homicídios (%) por tipo de arma utilizada no crime, 2009**



Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

Quanto à arma utilizada, também seguindo o padrão dos homicídios no país e no estado, a grande maioria das vítimas sofreu o crime com arma de fogo, 82,4%. Em seguida, uma parcela pequena, mas ainda significativa de vítimas que foram assassinadas com arma branca: 14,4%. Neste sentido, é importante ressaltar que Alba Zaluar atenta em suas obras para a facilidade de acesso às armas de fogo no país, inclusive para os jovens. Isso também será observado em falas de jovens homicidas (no 3º capítulo).

**Tabela 6: Recife - Número de homicídios por condição de relação do crime com as drogas, 2009**

Relação com as drogas	Frequência	Porcentagem geral	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Sim	104	68	68	68
Não	45	29,4	29,4	97,4
Não informado	4	2,6	2,6	100
Total	153	100	100	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

A tabela anterior refere-se a um trabalho de busca nas falas/narrativas das testemunhas e dos acusados nos inquéritos, pra perceber se existia alguma relação do crime com as drogas. A princípio, qualquer crime poderia ser relacionado com as drogas, porque a maneira que os interrogatórios das ouvidas dos escrivãos para com as testemunhas são realizados poderiam levar a essa precipitada conclusão, pois uma das perguntas iniciais feitas aos acusados e às testemunhas ligadas aos acusados e às vítimas é se estes eram viciados ou usuários de drogas. Assim, é necessário fazer um trabalho cuidadoso nessa busca.

Desta maneira, se observou que, de algum modo, 68% das vítimas sofreram homicídio em contextos relacionados a drogas. Entretanto, esta relação se dá de maneiras diferentes e é fundamental distinguir isso. As relações entre as drogas e os homicídios foram categorizadas da seguinte forma: ‘Crime sob efeito da droga’; ‘Crime gerado pelo vício’; ‘Crime gerado pela dinâmica do tráfico’; ‘Presença nas narrativas sem ser localizado como motivação’. É importante deixar claro, porém, que nesse caso a categoria ‘Não informado’ significa que não foi encontrado presença da droga nas narrativas, o que provavelmente significa que não havia presença de tal droga no contexto do crime; e não simplesmente que faltou informação a respeito. As tabelas a seguir demonstram os achados em relação ao crack, a outras drogas ilícitas em geral e ao álcool.

**Tabela 7: Recife - Número de homicídios por condição de relação do crime com o crack, 2009**

Relação com o crack	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Crime cometido sob efeito do crack	2	1,3	1,3	1,3
Crime gerado pelo vício	6	3,9	3,9	5,2
Crime gerado pela dinâmica do tráfico	24	15,7	15,7	20,9
Presença nas narrativas sem ser localizado como motivação	24	15,7	15,7	36,6
Não informado	97	63,4	63,4	100,0
Total	153	100,0	100,0	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

No caso do crack, a maioria das vítimas, 63,4%, morreu em contextos em que esta droga não figurava. Quando o crack estava no contexto de tais homicídios, em 20,9% dos casos (32 vítimas) apareceu como ‘Crime gerado pela dinâmica do tráfico’, ‘Crime gerado pelo vício’ e ‘Crime cometido sob efeito do crack’, ou seja, categorias

diretamente ligadas à motivação. Neste sentido, é necessário relativizar a influência do crack nos homicídios e compreender que esta é uma droga que se diferencia das demais por figurar em contextos muito específicos de dinâmicas próprias do crack. Algumas referências ao crack serão vistas nas falas dos homicidas entrevistados, no próximo capítulo, e poderá se observar que tal droga é sempre vista por eles como pior que as demais, por causar efeitos mais graves na saúde física dos usuários, conseqüentemente um vício muito mais degradante, e efeitos que podem estar associados a comportamentos violentos para obtenção da droga e sustentação do vício.

**Tabela 8: Recife - Número de homicídios por condição de relação do crime com outras drogas ilícitas, 2009**

Relação com drogas ilícitas <sup>1</sup>	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Crime cometido sob efeito de drogas	2	1,3	1,3	1,3
Crime gerado pela dinâmica do tráfico	33	21,6	21,6	22,9
Presença de drogas nas narrativas sem ser localizado como motivação	34	22,2	22,2	45,1
Não Informado	84	54,9	54,9	100,0
Total	153	100,0	100,0	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

Nota: (1) “Crime gerado pelo vício”: esta categoria não apareceu nenhuma vez nesta variável.

No caso de outras drogas ilícitas, a maioria das vítimas, 54,9%, foram mortas em contextos que estas não foram citadas como elementos importantes. Quando apareceram, por outro lado, uma parcela significativa de vítimas, 22,9%, morreu em contextos do ‘Crime gerado pela dinâmica do tráfico’ e ‘Crime cometido sob efeito de drogas’, enquanto praticamente a mesma proporção, 22,2%, morreu em contextos categorizados como ‘Presença de drogas nas narrativas sem ser localizado como motivação’.

**Tabela 9: Recife - Número de homicídios segundo a presença do crack e de outras drogas nas narrativas, 2009**

Presença nas narrativas de homicídio	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Ambos	33	21,6	21,6	21,6
Só crack	23	15,0	15,0	36,6
Só outras drogas	36	23,5	23,5	60,1
Não informado	61	39,9	39,9	100,0
Total	153	100,0	100,0	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

**Tabela 10: Recife - Número de homicídios segundo a motivação do crime pela presença do crack e outras drogas, 2009**

Motivação do crime pela presença das drogas	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Sim	57	37,3	62,0	62,0
Não	35	22,9	38,0	100,0
Relação total	92	60,1	100,0	-
Não informado	61	39,9	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Como havia casos com presença tanto do crack quanto de outras drogas, julgou-se necessária a verificação do total do envolvimento de qualquer droga ilícita e obteve-se a percentagem de 60,1% dos casos. Do total, 21,6% se tratavam de casos em que aparecia tanto o 'Crack' quanto 'Outras drogas', 15% apenas o crack e 23,5% apenas outras drogas.

Ainda assim, é necessária mais uma vez verificar em quantos desses casos, tais drogas simplesmente apareceram nas narrativas, sem estar associadas às motivações dos homicídios e principalmente, em quantos estavam relacionadas à motivação distribuída entre as categorias (já exploradas anteriormente especificamente em relação ao crack e especificamente em relação a outras drogas): 'Crime cometido sob efeito da droga', 'Crime gerado pelo vício' e 'Crime gerado pela dinâmica do tráfico'. Assim, obteve-se que dentre os casos em que as drogas apareceram nas narrativas, em 62% a presença do crack e de outras drogas estava relacionado à motivação de alguma maneira, e em 38% dos casos não. Lembrando que a categoria 'Não informada' nesse caso significa que as drogas não foram mencionadas nas narrativas, é bom verificar tais percentagens na totalidade, contando com a percentagem de 39,9% dos casos em que as drogas não apareceram. Assim, resta que na realidade, em 37,3% dos casos, o crack e outras drogas ilícitas estiveram ligados à motivação do homicídio.

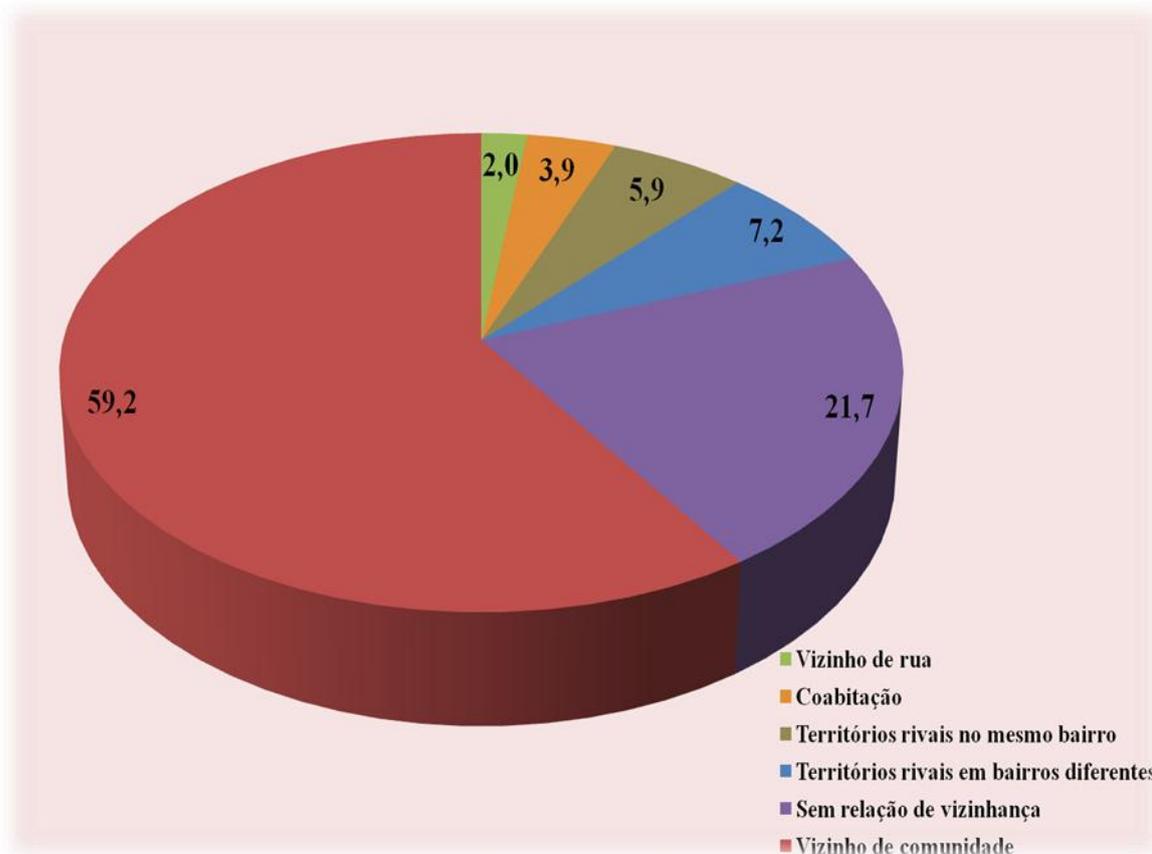
**Tabela 11: Recife - Número de homicídios por condição de relação do crime com o uso de bebida alcoólica, 2009**

Relação com o álcool	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Crime cometido sob efeito do álcool	9	5,9	5,9	5,9
Presença de álcool nas narrativas sem ser localizado como motivação	18	11,8	11,8	17,6
Não informado	126	82,4	82,4	100,0
Total	153	100,0	100,0	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

No caso do álcool, a parcela de casos em que o álcool estava relacionado com a motivação foi mínima, de apenas 5,9% dos casos.

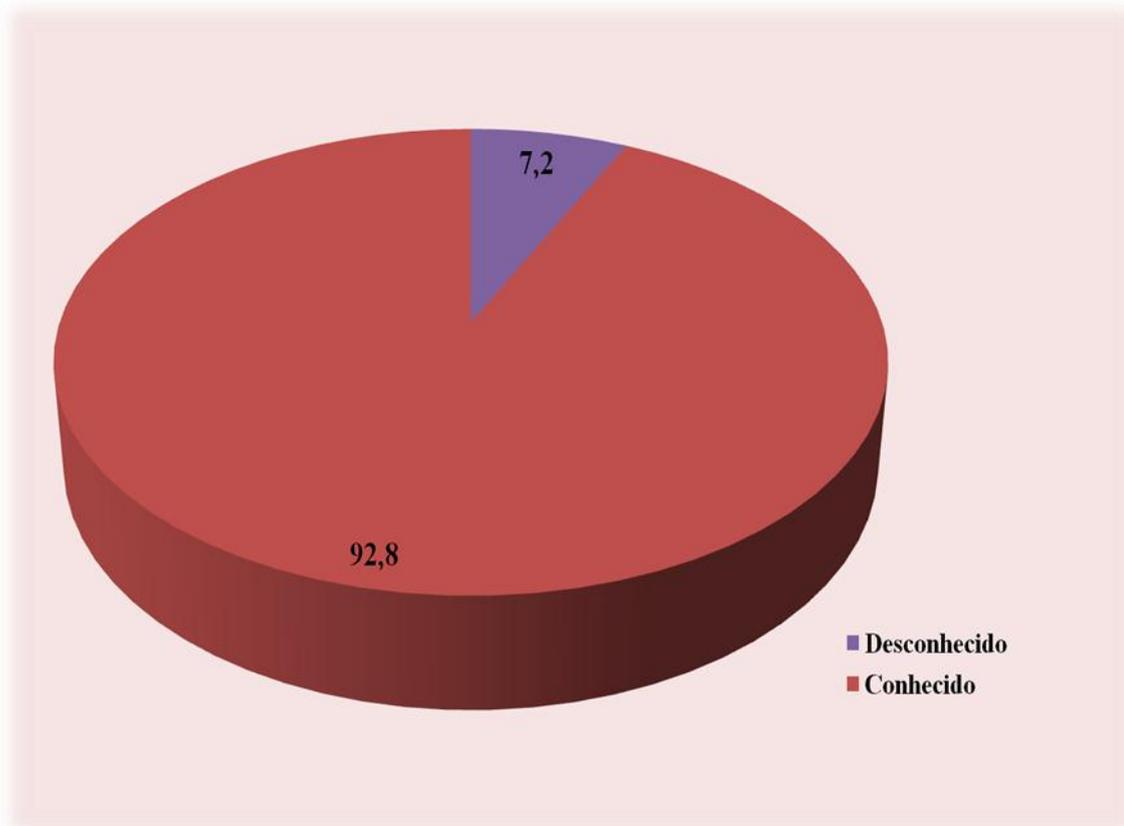
**Gráfico 6: Recife - Homicídios (%) pela distância principal entre residências de vítima e indiciado, 2009**



Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

No que se refere às relações de vizinhança entre a vítima e o indiciado, na minoria dos casos, 21,7%, é que as vítimas não tinham alguma relação de vizinhança com o indiciado. Na maioria dos casos, 59,2%, a relação de vizinhança era dada pela categoria ‘Vizinho de comunidade’. Isso pode significar que vítima e indiciado não só se conheciam antes do homicídio, como também provavelmente conviviam cotidianamente.

**Gráfico 7: Recife - Homicídios (%) segundo a relação principal entre vítima e indiciado, 2009**



Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON et al: 2011)

Confirmando a suposição anterior de que a maioria das vítimas e dos indiciados se conheciam antes do homicídio, a tabela acima demonstra que 92,8% das vítimas já conheciam os seus homicidas. Mas é necessário saber quais tipos de relações se estabeleciam entre estes.

**Tabela 12: Recife - Número de homicídios segundo o tipo principal de relação entre vítima e indiciado, 2009**

Tipo principal de relação entre vítima e indiciado	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Amizade	14	9,2	9,2	9,2
Inimizade	19	12,4	12,5	21,7
Relação amorosa	5	3,3	3,3	25,0
Outro parentesco	1	0,7	0,7	25,7
Conhecido com interações prévias	76	49,7	50,0	75,7
Conhecido de vista	26	17,0	17,1	92,8
Desconhecido	11	7,2	7,2	100,0
Relação total	152	99,3	100,0	-
Não informado	1	0,7	-	-
Total	153	100,0	-	-

A natureza das relações entre vítima e agressor foi sendo compreendida ao longo da análise dos dados dos inquéritos, em que se percebeu a necessidade de definição das micro relações e micro interações entre estes indivíduos, para apreender ainda melhor o contexto do fenômeno do homicídio. Percebeu-se que apenas definir se vítima e agressor se conheciam anteriormente ao momento do crime não era suficiente e que havia de se definir de que maneira estas interações sociais se davam. Assim, obteve-se as categorias apresentadas na tabela anterior, definidas de acordo com as percepções dos pesquisadores.

Quanto aos resultados obtidos, entre as vítimas, além dos 7,2% das vítimas que não conheciam seus agressores antes do homicídio, apenas 17,1% só conheciam o agressor de vista, sem maiores interações. O que significa que o restante das vítimas, 75,7%, não só conheciam seus agressores como já tinham interagido com estes. Tal percentagem varia entre as categorias ‘Conhecido com interações prévias’ (50%), que representa quase a metade; ‘Inimizade’, ‘Amizade’, ‘Relação Amorosa’ e ‘Outro Parentesco’.

A tabela que será apresentada a seguir se refere ao ponto mais trabalhoso e delicado da coleta de dados nos inquéritos policiais. Primeiramente pelo estabelecimento das categorias das motivações, que passou por várias revisões, e inclusive por outro trabalho de coleta de dados, em outra pesquisa do NEPS em outra delegacia menor (de uma delegacia distrital do Recife, de um bairro da cidade, em 2007 – quando o DHPP ainda não concentrava todos os inquéritos), o que serviu para testar tais categorias, apontar seus principais erros e aprimorá-las.

Estas motivações foram definidas na mesma dinâmica em que se definiu os tipos principais de relação entre vítima e indiciado, como apresentado na tabela anterior, através da percepção e interpretação dos pesquisadores, que ao longo da análise dos dados obtidos nos inquéritos, foram estabelecendo e categorizando as motivações mais recorrentes.

Foram, finalmente, estabelecidas 23 motivações dos indivíduos para cometimento do homicídio, na Pesquisa do NEPS ‘Configurações de Homicídios no Recife’ (RATTON *et al*, 2011). Além de ‘Outro motivo’ e ‘Motivo Desconhecido’, como será visto no quadro a seguir.

**Quadro 3: Categorias de motivação para os crimes**

Categoria de motivação	Descrição
'Intra-gangues'	conflito entre membros da mesma gangue, morte relacionada à dinâmica da gang;
'Entre gangues'	conflito entre membros de gangues diferentes;
'Usuário-Usuário'	conflito entre dois usuários de drogas por vício na droga;
'Traficante-Usuário'	conflito entre traficante e usuário de drogas;
'Traficante-Traficante'	conflito entre dois traficantes de drogas;
'Auto de resistência'	morte produto de uma reação a um mandado policial;
'Estrito cumprimento do dever legal'	morte em defesa da ordem ou da vida de um cidadão;
'Legítima Defesa'	“entende-se em legítima defesa quem, usando moderadamente dos meios necessários, repele injusta agressão, atual ou iminente, a direito seu ou de outrem.” (Art. 25 do Código Penal Brasileiro)
'Justiça Privada'	quando um indivíduo tenta resolver algum problema de ordem pessoal, não necessariamente ligado a eventos criminosos anteriores ou uma organização criminosa;
'Crime Passional'	“é a morte de uma pessoa causada por outra, mas neste caso com uma particularidade, que é a vinculação afetiva sexual ou não entre as partes e o sentimento forte e dominador conhecido como 'paixão', ou seja, a violenta emoção” (Previsto no art. 121 da Parte Especial do CPB)
'Motivo Imediato'	quando a motivação para o crime surge em alguma interação imediatamente anterior ao homicídio – a ideia é captar esta dinâmica imediatamente anterior ao crime como uma categoria <i>sui generis</i> ;
'Rixa'	há um histórico de brigas entre a vítima e o indiciado;
'Conflito entre torcedores'	briga entre torcedores devido a disputas relacionadas a times rivais;
'Trânsito'	briga de trânsito;
'Trabalho ou negócio'	conflitos entre patrões e empregados em determinado local de trabalho ou entre parceiros de negócios;
'Relações domésticas ou familiares'	brigas de família ou de pessoas que convivem no mesmo lar;
'Transação criminal'	tipo de acerto de contas exclusivo do mundo do crime, onde os sujeitos envolvidos devem ser criminosos;
'Acidental'	quando a vítima é morta por engano, até mesmo quando o alvo era outro;
'Latrocínio'	“Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzindo à impossibilidade de resistência; (...) resultando em morte.” (Art. 157, § 3 do CPB)
'Reação à ameaça de morte'	o acusado alega ter sido ameaçado de morte pela vítima;
'Notícia de ameaça de morte'	o acusado alega ter ficado sabendo que a vítima teria o ameaçado de morte;
'Delação'	o acusado alega que a vítima teria o delatado por algum ato realizado, até mesmo algum crime cometido anteriormente;
'Boato'	o acusado alega que a vítima teria espalhado algum boato a respeito dele.

Fonte: Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011) (Adaptado pela autora)

Demonstradas todas as motivações e seus significados, tem-se a seguir, a ocorrência de cada motivação. Vale ressaltar que esta categorização tem ainda maior

influência da percepção e da opinião do pesquisador, que de acordo com as informações colhidas nos inquéritos, é quem finalmente determina qual a motivação relacionada ao cometimento do homicídio.

**Tabela 13: Recife - Número de homicídios segundo o motivo principal do crime, 2009**

Motivo principal	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Entre gangues	17	11,1	11,3	11,3
Usuário-usuário	2	1,3	1,3	12,7
Traficante usuário	12	7,8	8,0	20,7
Traficante-traficante	17	11,1	11,3	32,0
Justiça privada	7	4,6	4,7	36,7
Passional	11	7,2	7,3	44,0
Motivo imediato	20	13,1	13,3	57,3
Rixa	23	15,0	15,3	72,7
Relações domésticas ou familiares	1	0,7	0,7	73,3
Transação criminal	13	8,5	8,7	82,0
Acidental	4	2,6	2,7	84,7
Reação à ameaça de morte	1	0,7	0,7	85,3
Notícia de ameaça de morte	2	1,3	1,3	86,7
Delação	3	2,0	2,0	88,7
Boato	2	1,3	1,3	90,0
Outro motivo	5	3,3	3,3	93,3
Motivo desconhecido	10	6,5	6,7	100,0
Motivo total	150	99,0	100,0	-
Não informado	3	2,0	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

As duas motivações que mais aparecem demonstram algo bem curioso: por um lado, com 15,1% das vítimas, 'Rixa', o que revela um histórico de brigas anteriores entre vítima e agressor, o que está de acordo com o fato de que a maioria das vítimas e agressores já se conheciam antes do homicídio; por outro lado, com 13,2% das vítimas, 'Motivo imediato', o que significa que a principal motivação emerge imediatamente antes do homicídio, que ocorre no calor de uma discussão, o que poderia sugerir uma motivação, considerada banal/fútil. No nível e linguagem jurídicos, considera-se fútil/banal o motivo quando, em relação ao estímulo para cometimento do crime há flagrante desproporção, absoluta inadequação, verdadeiro despropósito. Mas isso se refere à visão dos aparelhos de justiça. No entanto, por considerar a categoria 'banal' como insuficiente para caracterizar a motivação de um homicídio, devem ser analisados os outros elementos de tais homicídios e tentar compreender o universo no qual vítima e agressor estavam inseridos. Em seguida, temos em 11,1% dos casos, os conflitos entre

traficante de drogas e na mesma proporção, conflitos entre membros de uma mesma gangue.

**Tabela 14: Recife - Número de homicídios segundo o motivo secundário do crime, 2009**

Motivo secundário	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Entre gangues	3	2,0	8,8	8,8
Usuário-usuário	1	0,7	2,9	11,8
Traficante usuário	1	0,7	2,9	14,7
Traficante-traficante	6	3,9	17,6	32,4
Legítima defesa	1	0,7	2,9	35,3
Passional	1	0,7	2,9	38,2
Motivo imediato	1	0,7	2,9	41,2
Rixa	6	3,9	17,6	58,8
Acidental	9	5,9	26,5	85,3
Latrocínio	1	0,7	2,9	88,2
Reação à ameaça de morte	1	0,7	2,9	91,2
Notícia de ameaça de morte	1	0,7	2,9	94,1
Outro motivo	2	1,3	5,9	100,0
Motivo total	34	22,2	100,0	-
Não informado	119	77,8	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Considerando que talvez uma motivação principal não fosse suficiente para dar conta do fenômeno do homicídio, se julgou necessário buscar uma motivação secundária. No entanto, na grande maioria dos casos, entre 77,6% das vítimas, não houve uma motivação secundária considerada relevante; logo, esse dado não teve a importância quantitativa que se pensou de início. No entanto, ele é importante quando se visualiza a configuração do homicídio caso a caso.

**Tabela 15: Recife - Número de homicídios segundo a condição de mando do crime, 2009**

Condição de mando	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Outro tipo de mando	8	5,2	5,4	5,4
Não houve mando	140	91,5	94,6	100,0
Condição total	148	96,7	100,0	-
Não informado	5	3,3	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

A presença de crimes de mando foi bastante inexpressiva. Crimes de mando se referem aos crimes por encomenda: o executor do homicídio foi contatado por alguém que preferiu não cometer o ato, mas sim contratar terceiros. Quem encomenda o crime é que está originalmente motivado e interessado no homicídio; e quem é contratado

executa o homicídio geralmente em troca de dinheiro. Fenômenos típicos do crime de mando são a ação dos grupos de extermínio e os crimes de pistolagem, onde pistoleiros comumente conhecidos por executar tal tarefa é que são contratados para tal. Vale ressaltar também que tal fenômeno está presente geralmente em contextos rurais, embora também ocorra ocasionalmente em contextos urbanos. Na imensa maioria dos casos, não se observou tal fenômeno, no qual o mentor do crime delega a outro sujeito a execução do delito. Mas, como os crimes nos inquéritos policiais se tratam dos crimes ainda na primeira fase da investigação, isto é, na fase policial, talvez a existência de grupos de extermínios por trás de homicídios e tentativas de homicídios examinados não tenha ficado clara. Isto porque, muitos dos indiciados dos inquéritos trabalhados são acusados de participar de grupos dessa natureza.

Os oito casos em que se verificou a ocorrência de crime de mando foram ocasiões em que menores receberam ordem para executar as vítimas de traficantes ou indivíduos que estão presos e pedem para alguém executar o crime.

## **2.5 SOBRE AS VÍTIMAS**

Este item tem o objetivo de traçar um perfil dos homens jovens vítimas de homicídios no Recife em 2009, através dos dados encontrados nos inquéritos policiais concentrados no DHPP. Estes sujeitos serão caracterizados através das seguintes categorias: idade; cor; se estava trabalhando na época do crime; escolaridade; estado civil; se o sujeito tinha prole; se o sujeito estava sendo julgado por algum inquérito ou processo anterior ao homicídio – se sim, por qual crime; se foi atribuído algum crime ao sujeito – se sim, qual crime. A seguir, a descrição destes dados.

Primeiramente, é importante ressaltar que os dados obtidos e apresentados nas tabelas A10 e A11 (anexo 3), em relação à idade não teriam a priori muita significância sociológica. É a coorte etária dos jovens como um todo, dos 15 aos 29 anos, que de fato representaria algo e faria a diferença. As duas tabelas citadas demonstram as duas tentativas de tratar esses dados, porém, saber qual a *média* de idade dos jovens que morrem ou qual a idade que os jovens morrem mais (a *moda*, na linguagem matemática) não parece ser um dado muito importante, a não ser que haja alguma idade que apareça muito mais do que as demais.

Segundo a tabela A10, a média de idade é 21,76 anos, e de fato, esse dado não representa muita coisa. Já segundo a tabela A11, dos 17 aos 23 anos (exceto os 18) é a faixa etária que os jovens mais morrem, seguido pela faixa dos 24 aos 29 anos. É importante, entretanto, ressaltar, que jovens a beira de completar a maioridade, com 17 anos, foram os que mais morreram (19 vítimas), seguido dos jovens com 19 anos (18 vítimas). São dados alarmantes. Por outro lado, é bom salientar que jovens de 15 e 16 anos foram os que menos morreram, constando apenas 4 e 5 vítimas, respectivamente.

**Tabela 16: Recife - Número de homicídios segundo a cor ou raça da vítima, 2009**

Cor ou raça da vítima	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Branca	5	3,3	4,5	4,5
Parda	94	61,4	84,7	89,2
Negra	12	7,8	10,8	100,0
Total	111	72,5	100,0	-
Não informada	42	27,5	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Infelizmente, a quantidade de inquéritos policiais em que esse foi um dado não informado foi significativo, com um *missing*<sup>11</sup> de 27,5%. Apesar de não ser uma lacuna tão alta, trata-se de um dado que os policiais certamente podem ter acesso, e por isso, revela, certamente, uma falta de preocupação do trabalho policial em relação a essa característica. Assim, o *missing* deveria, na verdade, tender a 0%.

Levando em consideração que temos 72,5% dos dados, na grande maioria dos dados válidos, as vítimas eram pardas (84,7%). Tal categoria engloba as cores parda clara, parda escura, morena clara e morena escura.

**Tabela 17: Recife - Número de homicídio por condição de ocupação da vítima na época do crime, 2009**

Condição de ocupação	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Trabalhava	54	35,3	50,9	50,9
Não trabalhava	52	34,0	49,1	100,0
Ocupação total	106	69,3	100,0	-
Não informado	47	30,7	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

<sup>11</sup> *Missing* se refere aos casos 'Não informados'. No caso destes dados obtidos nos inquéritos policiais, são os casos em que os pesquisadores não encontraram informação sobre a categoria pesquisada.

Embora tenham sido coletadas as ocupações que as vítimas exerciam quando sofreram o homicídio, estas foram diversas, com percentagens muito pequenas para cada e podem ser em sua maioria englobadas em dois grandes grupos e categorias: prestação de serviços e subocupação (mais comumente conhecido como subemprego, que se refere a trabalho precário, de renda baixa e incerta). No primeiro caso, trata-se de ocupações como ajudante de pedreiro, entregador de água, auxiliar de marcenaria etc; e no segundo, ocupações como biscateiro, carroceiro, catador de latas etc. Portanto, não faria sentido apresentar a listagem e percentagem de todas estas aqui.

No entanto, essa é uma característica importantíssima das realidades em que estas vítimas estavam inseridas e está de acordo com o nível de sua escolaridade, dado este que será mostrado a seguir.

Além destas ocupações citadas anteriormente que se tratam da maioria, havia uma percentagem de 14,4% das vítimas que se enquadravam como estudantes, 2 policiais militares, 2 seguranças privados, 1 técnico em enfermagem, 1 promotor de vendas e um *missing* de 19,6%.

Assim, o que interessa estatisticamente em relação às ocupações das vítimas, é considerar quantas vítimas estavam trabalhando ou não na época da crime. Como a tabela 22 acima mostra, a despeito do *missing* alto de 30,7%, praticamente a mesma quantidade das vítimas estava ocupada (50,9%) e a outra mesma quantidade desocupada (49,1%). O que também está de acordo com as ocupações que a maioria das vítimas exercia, como descrito há pouco: ocupações precárias e também instáveis.

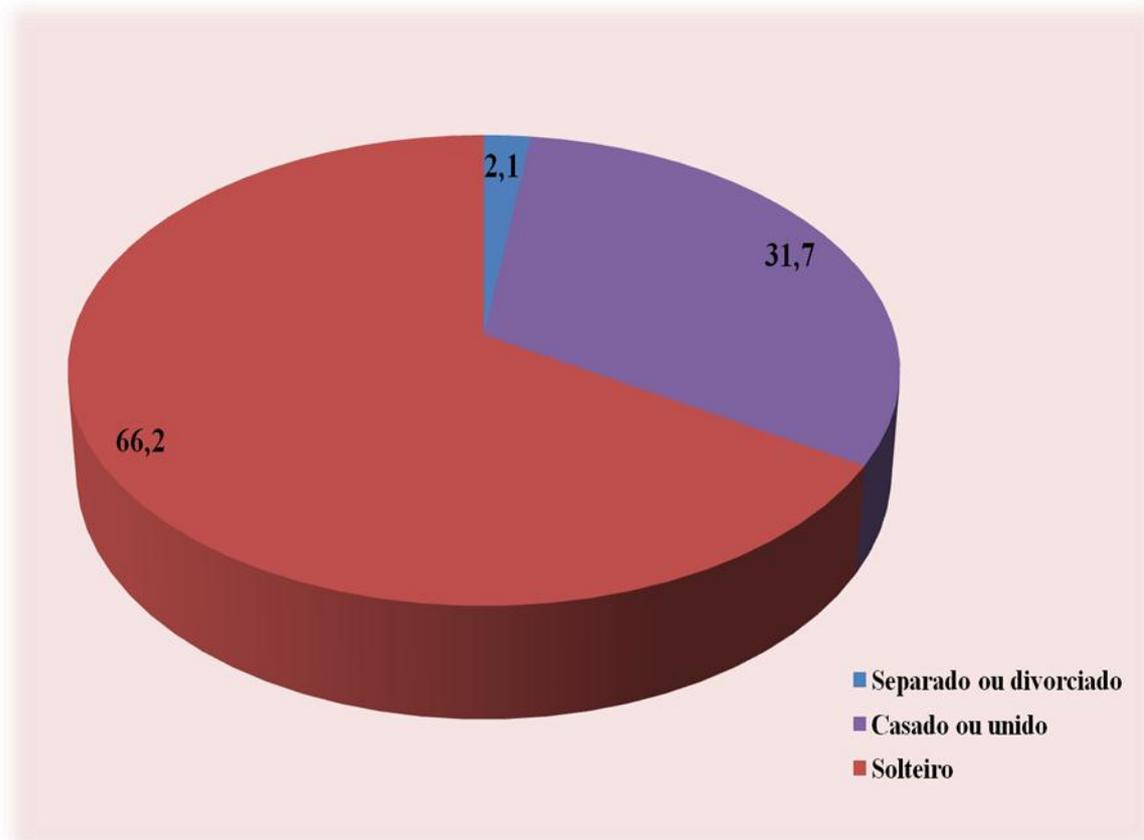
**Tabela 18: Recife - Número de homicídio por condição de escolaridade da vítima, 2009**

Condição de escolaridade	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Analfabeto	3	2,0	3,5	3,5
Alfabetizado	6	3,9	7,0	10,5
Fundamental incompleto	52	34,0	60,5	70,9
Fundamental completo	13	8,5	15,1	86,0
Médio incompleto	5	3,3	5,8	91,9
Médio completo	5	3,3	5,8	97,7
Superior incompleto	2	1,3	2,3	100,0
Escolaridade total	86	56,2	100,0	-
Não informado	67	43,8	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Infelizmente, a quantidade de casos em que dados de escolaridade não constavam é muito alta, 43,8% das vítimas. Para os casos válidos, como era de se esperar e como se está de acordo com a ocupação exercida pela maioria das vítimas (prestação de serviços e subocupação), a maioria tinha somente Ensino Fundamental Incompleto. No entanto, esse é um dado frágil, pois muitos dos inquéritos apenas determinavam que o indivíduo tinha Ensino Fundamental, não indicando se era completo ou incompleto. Nesses casos, era colocado Ensino Fundamental Incompleto. Estes eram 60,5% dos jovens, seguidos de 15,1% que tinham o ensino fundamental completo. É possível, então, observar que poucos indivíduos chegaram até o ensino médio (cinco) ou concluíram este (outros cinco), e menos ainda (só dois) chegaram até o ensino superior.

**Gráfico 8: Recife - Homicídios (%) por estado civil da vítima, 2009**



Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

A maioria dos jovens que morreram assassinados, 66,2%, eram solteiros. Mas uma quantidade significativa deles, 31,7% eram casados ou unidos, categoria esta que englobava aqueles que moravam com suas companheiras, ainda que a união não fosse formal (casamento civil), o que na linguagem dos inquéritos policiais era colocado como 'amasiado'.

**Tabela 19: Recife - Número de homicídios segundo a existência de filhos da vítima, 2009**

Existência de filhos	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Tinha filhos	34	22,2	37,0	37,0
Não tinha filhos	58	37,9	63,0	100,0
Total declarado	92	60,1	100,0	-
Não informado	61	39,9	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Embora tenha sido coletada a quantidade de filhos das vítimas, como pode ser observado na máscara (vide anexo 2) se concluiu que bastava saber se o sujeito tinha prole ou não. No entanto, é um dado que tem um *missing* alto 39,9%. Dos dados válidos, 63% das vítimas não tinham filhos, contra 37% que tinham (em números, apenas 34 jovens).

**Tabela 20: Recife - Número de homicídios segundo o envolvimento anterior da vítima em atividades criminosas<sup>1</sup>, 2009**

Envolvimento criminoso anterior ao crime	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Teve envolvimento	52	34,0	46,4	46,4
Não teve envolvimento	60	39,2	53,6	100,0
Envolvimento total	112	73,2	100,0	-
Não informado	41	26,8	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Nota: (1) "Envolvimento criminoso" = inquérito ou processo ao vitimado, anterior ao crime.

Para entender o universo que a vítima fazia parte, é fundamental procurar saber se a vítima já tinha algum envolvimento prévio com atividades criminosas. A busca por esta informação foi feita de duas maneiras: uma busca por um dado formal, de se a vítima estava sendo indiciada por algum inquérito policial ou julgada por algum processo; e uma busca por um dado informal, se aparecia no depoimento das testemunhas alguma narrativa que mencionava o envolvimento da vítima com atividades criminosas, a passagem desta pela prisão ou possíveis notícias de inquéritos e processos que a vítima teria enfrentado. Em relação ao dado formal, quando não se encontrava nada a respeito, ao invés de considerar que 'Não', logicamente era considerado 'Não informado'. O *missing* alto, de 26,8%, para uma informação que a polícia certamente tem fácil acesso, revela mais uma vez, uma deficiência no trabalho policial, de falta de interesse em registro desta informação, ou falta de preparo e treinamento destes. Até porque, uma ficha que se puxa do sistema policial contém não só esta informação do indivíduo (em relação à passagem ou não pela prisão, ao enfrentamento ou não de processos, a ser indiciado ou não em inquéritos policiais) como várias outras, o que poderia facilitar o trabalho policial de registro das características das vítimas.

Dentre os dados válidos, vê-se que uma parcela significativa das vítimas, 46,4% destas, já havia enfrentado processo ou inquérito policial, ou seja, já havia sido acusada formalmente pela participação em eventos criminosos. É mais uma característica fundamental da realidade destas vítimas.

Na tabela A12 (anexo 3), tem-se os crimes pelos quais estas vítimas haviam sido acusadas formalmente. Infelizmente, e novamente apontando deficiência no trabalho policial: não havia registro de quais crimes 67,3% das vítimas foram acusadas. Mas dentre as informações que existem, observa-se que roubo, porte ilegal de arma e homicídio foram os crimes mais cometidos por estas vítimas, desenhando algumas configurações que já apontam até mesmo para algumas das motivações que levaram ao cometimento dos homicídios.

**Tabela 21: Recife - Número de homicídios segundo a atribuição de crimes anteriores à vítima, 2009**

Atribuição criminosa anterior ao crime	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Teve atribuição	62	40,5	42,8	42,8
Não teve atribuição	83	54,2	57,2	100,0
Atribuição total	145	94,8	100,0	-
Não informado	8	5,2	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Nota: (1) "Atribuição criminosa" = envolvimento com atividades criminosas, a passagem desta pela prisão ou possíveis notícias de inquéritos e processos que a vítima teria enfrentado.

Em relação à busca por um dado informal, pra saber se nas narrativas das testemunhas as vítimas teriam sido atribuídas a algum crime (seja ao envolvimento com atividades criminosas, a passagem desta pela prisão ou possíveis notícias de inquéritos e processos que a vítima teria enfrentado), a 62 das 153 vítimas (42,8%) foram lhe atribuídos crimes anteriormente.

Segundo a tabela A13 (no anexo 3), a grande maioria das acusações se refere ao tráfico de drogas (observe-se que além da categoria 'Tráfico de drogas' isolada, esta se encontra outras vezes associada a outros delitos), o que provavelmente diz respeito à realidade da maioria das comunidades em que estas vítimas residiam e à dinâmica do cotidiano, inclusive por uma imersão desta atividade criminosa no discurso dos residentes destas localidades (que geralmente são as testemunhas que dão os depoimentos de onde se tiraram tais dados).

Nesse sentido, vale citar uma ideia de Alba Zaluar, que ao refletir sobre a grande participação dos jovens na criminalidade urbana – tais conclusões foram para a realidade do Rio de Janeiro, mas podem ser aplicadas na realidade recifense:

Há também o fato de que, durante muitos e muitos anos, a repressão esteve exclusivamente focalizada nos jovens pobres, pretos e pardos, que não são os personagens que enriquecem com a atividade econômica ilegal. (...) Certamente há os que enriqueceram, mas não a maior parte dos pequenos traficantes que acabam presos. Ou seja, a sedução do dinheiro fácil e do poder adquiridos pelas armas e pelo tráfico não passa de uma armadilha para os jovens pobres. Este conhecimento sociológico tem que ser transmitido urgentemente aos jovens vulneráveis como parte da prevenção. A ilusão do "dinheiro fácil" atrai o jovem pobre para a quadrilha, mas enriquece outros personagens impunes e ricos: receptadores de bens roubados, traficantes do atacado, contrabandistas de armas, policiais corruptos, seguranças privados ou milícias. (ZALUAR, A: 2002, p. 04)

Ao levar em consideração este pensamento, compreende-se que além da própria elevada participação dos jovens na criminalidade, a polícia e sua política de repressão policial tem papéis fundamentais na prisão destes, especificamente quanto ao tráfico de drogas, até porque são os policiais, ao flagrar um jovem, que vão determinar se vão levar aquele processo em frente, e ainda se vão enquadrá-los como usuários ou traficantes de drogas. Essa constatação deixa claro que a justiça é falha – e uma justiça igual para todos, como se prega na constituição brasileira, é fundamental para um adequado sentimento de justiça e conseqüente prevenção do crime – através da investigação policial e a prevenção dos crimes focadas em um grupo social de atores (jovens, pretos e pobres), em detrimento ao foco em outros atores sociais ainda mais fundamentais na dinâmica e execução de tais crimes, e até mesmos superiores, ao se realizar uma hierarquização de tais cadeias criminosas, retomando a fala de Alba Zaluar (2002): os traficantes do atacado, os contrabandistas de armas, os policiais corruptos e os seguranças privados mal capacitados.

## ***2.6 SOBRE OS INDICIADOS (OS HOMICIDAS)***

Este item segue o mesmo modelo do anterior e tem o objetivo de traçar um perfil dos homens jovens que cometeram homicídios no Recife em 2009, também através dos

dados encontrados nos inquéritos policiais concentrados no DHPP. As categorias para caracterizá-los serão as mesmas utilizadas para as vítimas: idade; cor; se estava trabalhando na época do crime; escolaridade; estado civil; se o sujeito tinha prole; se o sujeito estava sendo julgado por algum inquérito ou processo anterior ao homicídio – se sim, por qual crime; se foi atribuído algum crime ao sujeito – se sim, qual crime.

É importante deixar claro que em relação aos dados dos indiciados, o *missing* é bem menor, porque em muitas vezes os policiais puderam coletar os dados diretamente com os acusados ou até mesmo tirar cópias de documentos seus contendo tais dados. Adiante, a apresentação dos achados em relação às características dos homicidas jovens.

Segundo as tabelas A14 e A15 (anexo 3), a média de idade dos homicidas é de 21,71 anos e mais uma vez, a princípio esse dado não representa muita coisa por si só. Sendo que ao comparar este valor ao da média de idade das vítimas, que é 21,76 anos, vemos que ambos são praticamente o mesmo, o que já mostra uma similaridade no perfil das vítimas e dos homicidas no que diz respeito à idade. A tabela A15 demonstra que a idade que os homens jovens matam mais é com 19 anos (16,5% destes), a mesma que aparece em 2º lugar como a da que os jovens morrem mais e próxima da que os jovens morrem mais (17 anos). A faixa etária na que eles mais matam também é parecida com a das vítimas (17 a 23), sendo dos 17 aos 25 anos. Assim como ocorre com as vítimas que morrem menos com 15 e 16 anos, os homicidas matam menos nessa idade.

**Tabela 22: Recife - Número de homicídios segundo a cor ou raça do indiciado, 2009**

Cor ou raça da vítima	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Branca	18	6,7	7,8	7,8
Parda	191	71,5	82,7	90,5
Negra	22	8,2	9,5	100,0
Cor ou raça total	231	86,5	100,0	-
Não informada	36	13,5	-	-
Total	267	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Assim como esperado e como ocorre com as vítimas, a grande maioria dos homicidas foram categorizados na cor parda, se tratando de 82,7% destes.

**Tabela 23: Recife - Número de homicídios por condição de ocupação do indiciado, 2009**

Condição de ocupação	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Trabalhava	75	28,1	44,1	44,1
Não trabalhava	95	35,6	55,9	100,0
Ocupação total	170	63,7	100,0	-
Não informado	97	36,3	-	-
Total	267	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Seguindo o padrão das ocupações que as vítimas exerciam, os homicidas também exerciam ocupações, ainda mais diversas (pois o número de homicidas é bem superior ao de vítimas), com percentagens muito pequenas para cada, que podem ser em grande parte englobadas em dois grandes grupos e categorias: prestação de serviços e subocupação.

Além destas ocupações, havia uma percentagem de 13,2% dos indiciados que eram estudantes, 1 bailarino, 1 soldado da aeronáutica, 1 técnico em enfermagem, 1 técnico em telecomunicações e um *missing* de 18%.

Em relação a se os indiciados estavam exercendo alguma ocupação na época do crime, os dados válidos estão tão balanceados quanto os das vítimas, 44,1% estavam com alguma ocupação enquanto 54,9% não estavam. Outra vez, essa percentagem está de acordo com a instabilidade das ocupações que a maioria destes indiciados exercia.

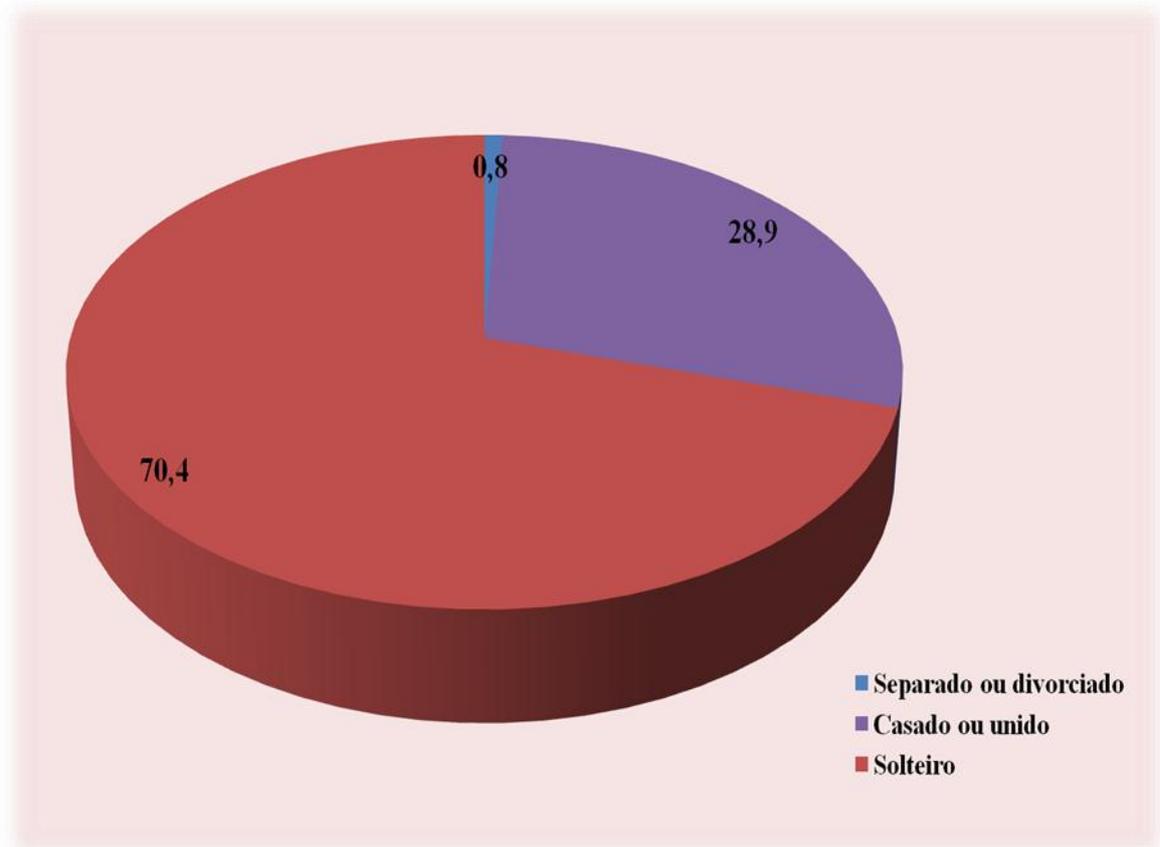
**Tabela 24: Recife - Número de homicídios por condição de escolaridade do indiciado, 2009**

Condição de escolaridade	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Analfabeto	8	3,0	3,6	3,6
Alfabetizado	6	2,2	2,7	6,4
Fundamental incompleto	151	56,6	68,6	75,0
Fundamental completo	22	8,2	10,0	85,0
Médio incompleto	17	6,4	7,7	92,7
Médio completo	14	5,2	6,4	99,1
Superior incompleto	2	0,7	0,9	100,0
Escolaridade total	220	82,4	100,0	-
Não informado	47	17,6	-	-
Total	267	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Com um *missing* bem menor (de 17,6%) do que o das vítimas (que era de 43,8%) no que tange à escolaridade dos indiciados, temos uma caracterização bem mais certa destes. E assim, os indiciados seguem de novo o padrão das vítimas, indo também de acordo com as ocupações exercidas por eles: dentre o percentual válido, 68,6% deles tinham apenas o Ensino Fundamental Incompleto (lembrando que muitos dos inquiridos só indicavam que o indivíduo tinha Ensino Fundamental, não informando se era completo ou incompleto; e assim era categorizado como Fundamental Incompleto). Uma percentagem pequena de indiciados iniciaram ou concluíram o ensino médio, e quase nenhum (só dois) chegaram até o ensino superior.

**Gráfico 9: Recife - Homicídios (%) por estado civil do indiciado, 2009**



Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Como as vítimas, a maioria dos homicidas eram solteiros, 70,4% destes; havendo também uma parcela importante de indivíduos casados ou unidos, 28,9%.

**Tabela 25: Recife - Número de homicídios segundo a existência de filhos do indiciado, 2009**

Existência de filhos	Frequência	Porcentagem geral	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Tinha filhos	78	29,2	43,6	43,6
Não tinha filhos	101	37,8	56,4	100,0
Total declarado	179	67,0	100,0	-
Não informado	88	33,0	-	-
Total	267	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Este dado apresenta um *missing* quase tão alto quanto o das vítimas, 39,9%, revelando que é um dado que certamente não interessa ao trabalho policial. Dos dados válidos, 56,4% dos homicidas não tinham prole e 43,6% tinham, apresentando de novo percentagens semelhantes às das vítimas.

**Tabela 26: Recife - Número de homicídios segundo o envolvimento anterior do indiciado em atividades criminosas<sup>1</sup>, 2009**

Envolvimento criminoso anterior ao crime	Frequência	Porcentagem geral	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Teve envolvimento	132	49,4	67,3	67,3
Não teve envolvimento	64	24,0	32,7	100,0
Envolvimento total	196	73,4	100,0	-
Não informado	71	26,6	-	-
Total	267	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Nota: (1) "Envolvimento criminoso" = inquérito ou processo ao vitimado, anterior ao crime.

O *missing* é mais uma vez alto e praticamente o mesmo em relação a este dado quando das vítimas, revelando deficiência maior ainda no trabalho policial, pois é mais do que necessário que hajam todas as informações devidas dos indiciados anexadas ao inquérito policial para dar andamento ao julgamento do processo.

Em se tratando dados válidos, uma parcela maior ainda dos indiciados, 67,3% do que das vítimas (que era de 46,4%), já havia enfrentado processo ou inquérito policial, ou seja, já havia sido acusada formalmente pela participação em eventos criminosos.

Como a tabela A16 demonstra (no anexo 3), os crimes pelos quais os indiciados já haviam enfrentado inquérito ou processo anterior foram: homicídio (20 indiciados), tráfico de drogas (18), porte ilegal de arma (15) e roubo (14). Com exceção de tráfico de

drogas (que foi o crime mais atribuído às vítimas), são os mesmos crimes que foram os mais enfrentados formalmente pelas vítimas.

**Tabela 27: Recife - Número de homicídios segundo a atribuição de crimes anteriores ao indiciado, 2009**

Atribuição criminosa anterior ao crime <sup>1</sup>	Frequência	Porcentagem geral	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Teve atribuição	178	66,7	72,7	72,7
Não teve atribuição	67	25,1	27,3	100,0
Atribuição total	245	91,8	100,0	-
Não informado	22	8,2	-	-
Total	267	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP e Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011)

Nota: (1) "Atribuição criminosa" = envolvimento com atividades criminosas, a passagem desta pela prisão ou possíveis notícias de inquéritos e processos que a vítima teria enfrentado.

A porcentagem de crimes atribuídos aos homicidas através das narrativas dos depoimentos das testemunhas e nesse caso dos próprios indiciados, também é maior do que os atribuídos às vítimas, são 66,9% que teriam se envolvido alguma atividade criminosa, tendo enfrentado algum inquérito ou processo ou não, tendo passado pela prisão ou não.

Como no caso das vítimas, segundo a tabela A17 anexo 3), a grande maioria das acusações nas narrativas dos depoimentos nos inquéritos policiais em relação aos homicidas se refere ao tráfico de drogas (que aparece além de na categoria 'Tráfico de drogas' isolada, várias outras vezes associada a outros delitos).

## **2.7 CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS - ALGUNS RESULTADOS**

Em relação ao contexto situacional em que os homicídios ocorreram, quanto aos elementos estruturais da ação (onde, quando e em quais condições), pode-se concluir que uma configuração prevalente dos homicídios cometidos e sofridos por jovens se dá por:

- uma maior frequência dos crimes nos meses de junho, janeiro e abril;
- nos dias de domingo, sábado e segunda-feira (este último dia, principalmente na madrugada), formando o final de semana;

- no turno da noite (o que diz respeito tanto aos finais de semana, quanto aos dias da semana);
- em crimes que envolvem em mais da metade, múltiplos ofensores, embora em sua grande maioria, tratem apenas de uma vítima em cada caso;
- em vias públicas;
- com armas de fogo.

No que diz respeito à dinâmica em si do homicídio, mais diretamente relacionado com a motivação, há mais resultados. Em relação às drogas, 68% das vítimas sofreram homicídio em contextos relacionados a drogas (lícita – álcool; ou ilícita – crack e outras drogas). No caso do álcool, a parcela de casos em que o álcool estava relacionado com a motivação foi mínima, de apenas 5,9% dos casos. Mas visto que a dinâmica que envolve álcool em um homicídio é diferente da que envolve drogas ilícitas, viu-se que em 60,1% dos casos, uma droga ilícita aparecia na narrativa. No entanto, é necessário e mais importante constatar que dentre os casos em que as drogas apareceram nas narrativas, em 62% a presença do crack e de outras drogas estava relacionado à motivação de alguma maneira (‘Crime cometido sob efeito da droga’, ‘Crime gerado pelo vício’ e ‘Crime gerado pela dinâmica do tráfico’), e em 38% dos casos não. Como a categoria ‘Não informada’ significa que as drogas não foram mencionadas nas narrativas, é bom verificar tais percentagens na totalidade, contando com a percentagem de 39,9% dos casos em que as drogas não apareceram. Assim, obtém-se que, na realidade, em 37,3% dos casos, o crack e outras drogas ilícitas estiveram ligados à motivação do homicídio ocorrido.

Fica claro, então, que embora a tendência, pelo menos no senso comum e no que muitas vezes é transmitido pela mídia, seja relacionar a maioria dos crimes e dos homicídios que ocorrem em grandes centros urbanos com as drogas, a pesquisa feita nesta dissertação traz que é mais do que importante qualificar e distinguir essa relação entre homicídios e drogas. Feito isso, viu-se que na minoria dos casos (37,3%), o crack e outras drogas ilícitas estavam diretamente ligados à motivação do homicídio e que em apenas 17,6% dos casos, o álcool apareceu nas narrativas como elemento importante, sendo só em 5,9% ligado à motivação.

Já no que se refere à relação entre vítima e agressor, verificam-se outros dados também extremamente relevantes: há alguma relação de vizinhança entre a maioria das

vítimas com o agressor, o que aponta pra uma provável aproximação entre estes, e é confirmado pela constatação de que de fato, a maioria destes se conheciam antes da ocorrência do homicídio. E não só se conheciam de vista, como boa parte destes já haviam tido interações prévias. Além disso, algo que não foi apresentado nos dados descritos neste capítulo, mas deve ser apontado aqui é de que os bairros que os homicídios ocorreram eram quase sempre os mesmos ou vizinhos aos que vítima e indiciado moravam. A percentagem dos bairros em que os sujeitos habitavam e de onde os homicídios ocorreram só não foi apresentada aqui por se tratar de uma lista muito grande de bairros com percentagem muito pequena e insignificante pra cada um.

**Tabela 28 - Recife - Vítimas masculinas de homicídios segundo os bairros de maior ocorrência do crime, 2009**

Bairro	Homens <sup>1</sup> (%)
Cohab	5,1
Ibura	4,7
Várzea	4,3
Imbiribeira	3,6
Afogados	3,5
Boa Viagem	3,5
Iputinga	3,4
Água Fria	3,2
Torrões	2,9
Campo Grande	2,8
Demais bairros	63
Total	100

Fonte: Banco de CVLI, Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco, 2010

Nota: (1) n = 746 homens

Para observar alguma significância estatística a esse respeito, foram apresentados na tabela anterior, então, os dados existentes no banco de dados do Infopol, da SDS (Secretaria de Defesa Social). Os homicídios de homens se distribuem por praticamente todo o território da cidade: dos 94 bairros de Recife, 81 registraram casos de homicídios cujas vítimas eram homens. No entanto, 37% das vítimas foram assassinadas numa concentração de apenas 10 bairros, como pode se verificar na tabela acima. Além de se tratar de bairros com muitas áreas pobres, há de se destacar que boa parte destes crimes ocorreram exatamente nestas áreas, em comunidades.

A respeito das motivações, 15,1% das vítimas foram assassinadas devido a uma ‘Rixa’, o que revela desentendimentos prévios entre vítima e agressor, dado este que

reforça que a maioria das vítimas e agressores já se conheciam antes do homicídio. Para exemplificar o que figurava como um caso de motivação como ‘Motivo imediato’, se verá a seguir, o resumo de uma narrativa de um homicídio (feito por um pesquisador no preenchimento das máscaras com dados dos inquéritos policiais):

Segundo o irmão da vítima, o desentendimento dela com o indiciado *fulano* teria iniciado quando *fulano* chamou-a para praticar assaltos e a mesma negou-se.

Além disso, um ano antes do crime, a mãe do indiciado teria pedido à vítima para trocar umas notas fiscais por ingressos para o jogo do campeonato pernambucano. A vítima trocou as notas e entregou-as à mãe do indiciado. Contudo, esta acusou a vítima de ter ficado com uns ingressos, pois as notas que ela entregou-lhe valeriam mais. A vítima teria até dado alguns dos seus ingressos para “compensar”, mas a mãe do indiciado não ficou satisfeita. A mãe da vítima com medo do indiciado já tinha até dado 50 reais a mãe do indiciado, a fim de liquidar a “dívida”.

Isto gerou um desentendimento entre vítima e indiciado. O indiciado, inclusive, já teria apontado uma arma à vítima em outra situação por conta dessa discordância com relação aos ingressos. [EXEMPLO 1]

O crime ocorreu num sábado à tarde, em via pública, com arma de fogo, entre conhecidos que eram vizinhos de comunidade. A vítima tinha 19 anos, exercia uma ocupação na época de auxiliar de serviços gerais, sua cor de pele não constava, solteiro, alfabetizado. O agressor tinha 17 anos, era desocupado, branco, casado/unido, com ensino fundamental incompleto, sem prole. Não constava nada acerca do histórico criminal da vítima, mas em relação ao agressor, este já havia sido preso na Fundac por roubo e nas narrativas de testemunhas, lhe foram atribuídos crimes como roubo, tráfico de drogas e formação de quadrilha. Vimos, no trecho acima, que embora haja duas versões para a ocorrência do homicídio, de qualquer maneira as duas apontam para desentendimentos prévios entre vítima e agressor, o que pode ser categorizado como ‘Rixa’.

Por outro lado, 13,2% das vítimas sofreu o homicídio devido a algum ‘Motivo imediato’. Trata-se daqueles crimes que não se encaixam em nenhum tipo de conflito interpessoal com histórico anterior de disputas entre acusado e vítima e que não se encaixa em outros motivos instrumentais específicos ou expressivos. A ideia de motivos imediatos tenta captar esta dinâmica imediatamente anterior ao crime como uma categoria *sui generis*, e para tal, não se pressupõe necessariamente que vítima e agressor se conheciam antes do homicídio. É um homicídio que geralmente ocorreu no calor de uma discussão, que se iniciou por algum motivo que se configurou na própria situação. Isso se configura como uma motivação, na linguagem jurídica, considerada banal. No

entanto, a categoria ‘banal’ é insuficiente sociologicamente para caracterizar a motivação de um homicídio, e, portanto, devem ser analisados os outros elementos de tais homicídios e tentar compreender o universo no qual vítima e agressor estavam inseridos. (RATTON et al; 2010). A seguir, uma narrativa que exemplifica tal motivação.

A vítima estava com sua família voltando do desfile do Galo da Madrugada. Eles estavam indo pegar o ônibus quando passaram em frente à igreja Universal. Em frente à igreja tinham jovens urinando, os seguranças da igreja foram reclamar com estes jovens e implicaram com o grupo em que estava a vítima. Perguntaram o que a vítima estava olhando, ao que ele respondeu “nada, mas, se você não fosse policial, não estava me agredindo”. Após essa resposta o segurança teria começado a bater na vítima e em todos que tentaram separar a “briga”. Em meio à briga, o segurança sacou uma arma e atirou na vítima. Em seguida ele correu para dentro da igreja, enquanto os outros seguranças fechavam as grades. Após 5 minutos uma viatura da PM chegou à Igreja e socorreu a vítima. Membros da igreja chamaram os familiares para entrar e 3 seguranças levaram o cunhado da vítima menor de idade para uma sala, onde o coagiram a dizer que o autor do disparo tinha sido outro segurança. [EXEMPLO 2]

Trata-se de um crime que ocorreu num sábado de carnaval, à tarde, em via pública, com arma de fogo. A vítima tinha 23 anos, pardo, exercia a ocupação de comerciário, casado, sem prole, com ensino médio completo e não tinha histórico criminal nem lhe foi atribuído nenhum crime. O agressor tinha 49 anos (por não ser jovem, não consta no universo dos indiciados analisados), sua cor não constava, era sargento da polícia militar e exercia também a ocupação de segurança privado, era casado e com ensino médio completo. No entanto, não constavam dados sobre algum envolvimento anterior com crimes, provavelmente por se tratar de um policial (não se sabe se ele já havia enfrentado inquérito ou processo policiais e sua ficha policial não estava anexa; mas certamente as testemunhas a seu favor, que eram outros policiais e seguranças, não lhe atribuiriam crime algum, até porque alegaram que o agressor agiu em legítima defesa. Trata-se de um crime em que vítima e agressor não se conheciam, como parte dos homicídios ocorridos por ‘Motivo imediato’. Mas há situações em que se conheciam também, como poderá se ver a seguir.

Os dois adolescentes eram amigos e costumavam beber e cheirar cola pela comunidade em que residiam. No dia do crime, a vítima resolveu tomar o tubo de cola do amigo e então iniciaram uma briga, que segundo relatos de testemunhas, foram separados três vezes. Mas, a vítima sempre partia para cima do outro rapaz, que correu para casa, pegou uma faca peixeira e ameaçou seu amigo, como este não se intimidou e partiu mais uma vez para agredir o acusado, este último desferiu um golpe no peito da vítima. A vítima

ainda chegou a ser socorrida, mas devido à gravidade dos ferimentos, acabou falecendo. [EXEMPLO 3]

Vítima e indiciado na história citada anteriormente não só se conheciam, como eram amigos e vizinhos de comunidade, ou seja, conviviam cotidianamente. O crime ocorreu em via pública, numa terça-feira a tarde, com arma branca, a vítima tinha apenas 15 anos e o agressor 14 (como se trata de um adolescente, o sujeito não entrou no universo dos agressores analisados), ambos pardos, estudantes, com ensino fundamental incompleto, solteiros e sem prole, e lhes foram atribuídos crimes anteriores como roubos e tráfico de drogas (embora nenhum dos dois tivesse enfrentado inquérito ou processo policial). O perfil, nesse caso, da própria vítima é praticamente igual ao do agressor.

Embora não houvesse desentendimentos anteriores que configurassem uma rixa entre os dois, se desentenderam em um certo momento, o que levou à ocorrência do homicídio. Isso se refere a uma infeliz forma de resolução de conflitos pela qual os indiciados, em muitos dos casos analisados nos inquéritos policiais, optam. Trata-se, talvez, de uma subcultura na qual boa parte dos indiciados e vítimas estavam imersos. Neste sentido, Cohen, em sua teoria das subculturas criminais, considera que certos adolescentes e jovens teriam dificuldade de se adaptar aos standards da cultura oficial, e acabando tendo problemas de status e de auto-consideração, e ainda sob a perspectiva de Cohen, que “nega que o delito possa ser considerado como expressão de uma atitude contrária aos valores e às normas sociais gerais, e afirma existirem valores e normas específicos dos diversos grupos sociais”. (VIANNA, 2001: p. 10)

Misse, ao tratar de subculturas, considera que

O desenvolvimento de subculturas que vinculam indivíduos que ocupam posições demarcadas pela sujeição criminal com os demais pode ser interpretado como uma “ampliação” ou uma “generalização” da sujeição criminal, primeiramente para o grupo que vivencia a sujeição e posteriormente para indivíduos e grupos que circulam em seu entorno ou que mantêm relações relativamente regulares com os que se encontram socialmente (ou são representados como) sob “exclusão criminal”, mas que não são “bandidos”. Por razões de confiança e de reconhecimento recíproco, mas também por um processo identitário, desenvolvem-se códigos e linguagens próprios. (...) Esses códigos e linguagens também são demarcados socialmente como “pertencentes” ou “originários” do submundo do crime e da contravenção e, quando utilizados em contextos sociais inadequados, podem estigmatizar quem os veicula. (MISSE, 2010: p. 31)

Trata-se, certamente, de uma junção de condições como bairro em que residem, nível de escolaridade e média de renda *per capita* que levam a uma convivência entre os

sujeitos que constroem crenças, valores e ideais muito específicos e rentes à realidade na qual estavam inseridos. Ainda que não sejam todas as pessoas que compartilham de tais condições específicas que optem por uma resolução de conflitos via homicídios, ainda é um número alto, pois resulta na quantidade significativa de tais crimes, já citada anteriormente. Realidades estas nas quais, infelizmente, matar alguém para resolver um conflito faça muito mais sentido e seja algo muito menos chocante e até mesmo mais naturalizado do que na realidade, por exemplo, de professores de uma universidade, pertencentes a uma classe média. Estes, mesmo que ainda sintam em algum momento, desejo de cometer um homicídio, vão se deparar com muitos valores, que ainda que não concordem, os levam a um cálculo mais racional para o cometimento da ação, em que percebem que as consequências para tal seriam prejuízos e ônus bem superiores ao lucro obtido. Segundo Elster (1989),

as premissas básicas da teoria da escolha racional são: (1) que as restrições estruturais não determinam completamente as ações praticadas por indivíduos em uma sociedade e (2) que dentro do espectro de ações factíveis e compatíveis com aquelas restrições, os indivíduos escolhem as que eles acreditam lhe trarão os melhores resultados.

Ou seja, indivíduos optam pelos meios disponíveis a eles naquele contexto, considerando as restrições que lhe são impostas ou até mesmo a ausência de restrições.

Em seguida, as motivações que mais aparecem são, em 11,1% dos casos, os ‘Conflitos entre traficantes de drogas’ e, na mesma proporção, ‘Conflitos entre membros de uma mesma gangue’. São dois crimes relacionados à dinâmica de crimes e que pressupõem envolvimento anterior tanto do agressor quanto da vítima em atividades criminosas. No que se refere aos conflitos entre membros de uma mesma gangue, uma definição mais adequada de “gangues” – visto que há uma complexa discussão sobre as diversas definições de gangues e as suas devidas aplicabilidades – a caracterizar a realidade no Recife é a seguinte:

Um sistema social organizado que é ao mesmo tempo quase privado (isto é, não totalmente aberto ao público) e quase secreto (isto é, a maior parte das informações sobre suas atividades permanece restrita ao grupo), cujo tamanho e objetivos tomam indispensável que a interação social seja dirigida por uma estrutura de liderança com papéis bem definidos; em que a autoridade ligada a esses papéis é tão legitimada que os códigos sociais regulam tanto o comportamento dos líderes quanto das bases; que planeja e provê não somente serviços econômicos e sociais para seus membros quanto sua própria manutenção como organização; que persegue esses objetivos a despeito da legalidade ou ilegalidade das atividades e que não tem uma

burocracia (isto é, um pessoal administrativo hierarquicamente organizado e distinto da liderança) (Sánchez-Jankowski, 1991).

Em relação às características sociais prevalentes das vítimas que formam um perfil destas, sabe-se que as vítimas jovens com idade de 17 e 19 anos são as que mais morrem, e as com 15 e 16 anos as que menos morrem. São em sua maioria pardos; onde metade estava exercendo alguma ocupação quando sofreu o crime, e a outra metade estava desocupada; exerciam atividades categorizadas como subocupação ou como prestação de serviços; tinham um nível de escolaridade de ensino fundamental incompleto; solteiros (mas boa parte também era casada); sem filhos; onde metade (exceto um *missing* alto, já atribuído a uma deficiência no trabalho policial) já havia sofrido inquérito ou processo policiais – e tais crimes se referiam principalmente a roubo, porte ilegal de arma e homicídio.

Em relação aos indiciados, tal perfil se repete, com a ressalva de que o *missing* de dados em relação aos indiciados é menor, pois havia acesso direto dos policiais a estes. Essa semelhança de perfis é, na verdade, o achado mais relevante e sociologicamente significativo quanto aos jovens envolvidos nos homicídios.

Ao se constatar que vítimas e indiciados têm perfil parecidos, são tiradas as seguintes conclusões: tais vítimas poderiam ser os próprios indiciados, inclusive muitas já haviam cometido homicídio; boa parte dos indiciados, em outro momento futuro, provavelmente serão vítimas de homicídio. O perfil de ambos se confunde de tal maneira que significa que a definição do papel do jovem como agressor ou como vítima do homicídio se dá mais pela dinâmica específica de cada um dos homicídios ocorridos, em determinada situação, com determinada motivação, do que apenas por um contexto histórico que justifique tal ação. Tal vítima que sofreu tal homicídio, poderia ter praticado outros crimes e homicídios antes de morrer, até mesmo contra o seu agressor, evitando sua morte; e tal homicida poderia ter sofrido um homicídio previamente ou provavelmente sofrerá brevemente. Revelam-se, mais uma vez, características da dinâmica cotidiana e da realidade social das vítimas e dos homicidas.

As principais constatações sociológicas acerca da análise deste capítulo se referem ao fato citado anteriormente, das grandes semelhanças entre as características dos indiciados e as das vítimas e conseqüentemente dos seus perfis, sendo tão aproximados que possibilitam que o homicida de 2009 seja uma vítima posteriormente, por exemplo. Em relação ao contexto situacional dos homicídios, a informação mais

relevante sociologicamente é a de um certo padrão de homicídios entre estes jovens, que geralmente se conhecem e até são vítimas, imersos em subculturas específicas, em que a maioria destes homicídios ocorre em noites do fim de semana, em via pública, com apenas uma vítima, constando ‘Rixa’ e ‘Motivo Imediato’ como as motivações mais recorrentes.

Ao se comparar estes dados com os dados sobre homicídios em outras coortes etárias, segundo consulta no Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’ do NEPS, é possível observar que estes são parecidos. No entanto, isso não significa que o homicídio sofrido e praticado por jovens não tenha suas particularidades, até porque estes representam a maioria dos homicídios. O que se deve compreender, portanto, é porque os jovens são os protagonistas. Já apresentados alguns pressupostos teóricos e alguns dados, no capítulo serão analisadas as falas de jovens homicidas, lembrando que estes são vítimas em potencial, bem como suas vítimas eram homicidas em potencial ou de fato homicidas.

É curioso também observar que muitos dos dados se assemelham com os encontrados por Miethe & Regoeczi (2004) no estudo sobre homicídios sofridos por jovens nos Estados Unidos, com dados de 1976 a 1998: também envolvem geralmente homens ofensores, utilização de armas de fogo, com múltiplos ofensores em cada homicídio e em contextos urbanos.

Realizadas estas primeiras análises e conclusões, o próximo capítulo, de análise dos dados obtidos nas entrevistas com homicidas jovens, servirá para complementar tais análises realizadas com dados quantitativos e demonstrar novos dados qualitativos acerca da realidade dos homicidas, através de suas trajetórias de vidas, por um lado, e, por outro, acerca dos contextos situacionais dos homicídios através de suas narrativas de tais atos, principalmente no que se refere às motivações e justificativas dos homicidas para cometimento de homicídios e de outros crimes.

### **3º CAPÍTULO: BACKGROUND DOS HOMICIDAS E CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS ATRAVÉS DOS SEUS DISCURSOS**

Este capítulo destina-se a analisar entrevistas realizadas com jovens homicidas em condição privativa de liberdade, buscando compreender em que condições os jovens em Recife matam e suas justificativas para o cometimento do homicídio. A tentativa é também de atingir o seguinte objetivo específico da dissertação: enriquecer a discussão sobre a complexa relação entre juventude e violência.

O capítulo se inicia com uma descrição do trabalho de campo e definição das amostras; e segue com uma explanação das técnicas de entrevistas; para então seguir ao principal objetivo deste capítulo, que se refere à análise das entrevistas com os homicidas. Tal análise será organizada por categorias buscadas nos discursos dos homicidas, a serem apresentadas no início de tal análise, como peças chave para o entendimento das trajetórias de vida destes homicidas e suas motivações para o envolvimento com atividades criminosas e mais especificamente homicídios.

As categorias teóricas utilizadas para análise das entrevistas serão as mesmas que permeiam toda a dissertação, de Miethe & Regoeczi (2004). Primeiramente, por um lado, a busca pelos elementos fundamentais que configuram um homicídio: vítima, agressor e contexto situacional (ponto este já bastante explorado no capítulo anterior, de análise dos dados colhidos nos inquéritos policiais). Por outro lado, o *background* dos sujeitos envolvidos. No caso, as entrevistas não exploraram o fenômeno do homicídio em si, já que não era o maior foco do objetivo da pesquisa do NEPS e consequentemente da entrevista (como pode-se observar no anexo 4, de roteiro das entrevistas). Dessa maneira, os entrevistados não foram suficientemente instigados a caracterizar os homicídios cometidos, até porque, a princípio, eles sequer conseguiam elencar tantas características detalhadamente e tão pouco com muita certeza. As perguntas envolviam geralmente o primeiro homicídio, que os homicidas não lembravam mais de detalhes; ou o crime pelos quais foram presos – e vale ressaltar que muitos alegam que foram presos por um homicídio que sequer cometeram, como observar-se-á na análise desenvolvida durante o capítulo.

Portanto, a análise das entrevistas se focará mais no *background* dos homicidas, a partir das suas narrativas de experiências vividas antes do(s) homicídio(s) cometido(s) e até mesmo de se envolver com qualquer atividade criminosa. Quanto às falas dos

homicidas, é válido ressaltar o viés existente nos seus discursos. Ou seja, como em qualquer entrevista de pesquisa de campo de pesquisa social, não se pode partir do pressuposto de que os entrevistados estão falando a mais absoluta verdade. No contexto específico desta pesquisa, pode-se pensar por um lado, que os jovens homicidas entrevistados não sejam totalmente sinceros por estarem tentando justificar seus atos, tentando evitar constrangimentos; e por outro, que exagerem em suas estórias, tentando impressionar os entrevistadores.

Ao analisar o *background* dos indivíduos e o momento em que passam a se envolver com o crime, a ideia é também observar uma premissa das teorias das oportunidades do crime. Na teoria das atividades rotineiras, mudanças macro-estruturais nas atividades rotineiras permitem uma oportunidade estrutural para o crime afetando a convergência em tempo e espaço de três elementos básicos para a ocorrência do crime: ofensores motivados, vítimas em potencial e a ausência de uma tutela capaz de controlar seus atos.

Num nível macroestrutural, outros teóricos das teorias das oportunidades do crime, Cohen e Felson (MAGUIRE, 2005), que são adeptos da teoria da exposição nos estilos de vida, acreditam que grandes aumentos nas taxas de crime poderiam ocorrer sem qualquer aumento nas condições estruturais que motivam os infratores, desde que tenha havido aumento na oferta de alvos atraentes e desprotegidos para vitimização. Dessa maneira, acreditam que é no contexto de mudanças na quantidade e valor de revenda de bens de consumo, arranjos de vida, atividades de trabalho e de lazer e a quantidade de atividades à noite fora de casa que criam oportunidades para atos criminosos. Ou seja, as atividades ilegais e criminosas, na verdade, se alimentam das atividades rotineiras do dia-a-dia dos indivíduos. Para esta teoria, diferenças demográficas nas probabilidades de vitimização são atribuídas a diferenças nos estilos de vida dos sujeitos, que os deixariam mais ou menos expostos a locais, horários e situações criminosas.

No geral, tais teorias das oportunidades do crime se baseiam na ideia de que algumas situações oferecem mais oportunidades para o cometimento do crime e para a conduta criminosa do que outras. A ideia é buscar no discurso dos homicidas o que levava suas rotinas, por serem homens jovens, a estarem mais propensas ao cometimento de crimes e quais as oportunidades para o cometimento do crime na sua socialização que costumam aparecer.

Ainda buscar-se-á o que os homicidas consideram atraentes no crime para cometê-los, se baseando na teoria das emoções de Jack Katz (1988), que ousadamente e de maneira inovadora defende que há algo de sedutor no crime que interessa aos ofensores, no sentido da existência de atributos atraentes nas atividades criminosas, inclusive o que há de desconhecido no crime. É uma perspectiva fenomenológica para as causas dos crimes, na qual se acredita que as motivações para os crimes são construídas pelos próprios ofensores. Visto que os atores sociais e reflexivos estão sempre sendo pegos por situações em que são testados pelas possibilidades de transcender suas consciências, mas que são limitados por seus sentidos, valores e crenças morais; a teoria de Katz preocupa-se predominantemente com o *foreground* dos homicídios, o que passa pela mente dos homicidas e as emoções presentes momentos antes e durante o cometimento dos homicídios. Deve-se, portanto, observar e tentar compreender, no discurso dos homicidas, a atração que a experiência de transgressão criminosa parece oferecer a estes. É a sedução da experiência da prática do crime em si que levaria um sujeito a praticar um crime; o que não significa que Katz não admita a possibilidade de crimes com objetivos práticos e a influência de fatores no *background* dos indivíduos.

Ao analisar os homicídios que podem ser compreendidos como expressivos, Katz define uma tríade de três condições para a execução: interpretativas, emocionais e práticas. Condições interpretativas incluem a defesa da moralidade, o papel de uma vítima particularmente atraente por ter provocado ou desafiado o agressor, o papel de uma audiência interessada em tal ato e o papel do álcool como facilitador para tal. Condições emocionais envolvem um processo de transcender a humilhação com raiva para o sentimento de sua própria justiça. Condições práticas se referem às violações do corpo da vítima, quando os ofensores podem descrever perfeitamente quais ferimentos provocaram na vítima. Para Katz, neste caso o essencial é a humilhação que pode provocar uma intensa perda de controle da própria identidade e personalidade do agressor – e a humilhação é também chave para a explicação de outros crimes como respostas morais à humilhação. Ainda para ele, deve-se ter também em mente como palavra-chave a incerteza do cometimento do crime, a possibilidade de não realização, deixando claro que os crimes nestas condições não são inevitáveis.

### **3.1 TRABALHO DE CAMPO**

Na pesquisa ‘Configuração de Homicídios no Recife’, do NEPS (RATTON *et al*), foram realizadas, ao total, 52 entrevistas com homicidas de diversas idades, presos no Presídio Aníbal Bruno (Recife, Pernambuco). Este presídio, atualmente (dados de 2011), abriga 4.493 presos, mas tem vaga para apenas 1.448 homens, quando foi considerado no fim de 2011, o pior presídio do país segundo o Conselho Nacional de Justiça. Tais entrevistas foram realizadas com base em roteiros semi-estruturados, conforme anexo 4, por cinco integrantes do NEPS (duas mulheres e três homens), nos meses de junho e julho de 2010.

Inicialmente, o coordenador no NEPS, José Luiz Ratton, entrou em contato com representantes do Governo de Pernambuco para ter permissão para realizar as entrevistas no Presídio Aníbal Bruno. Conseguiu, então, uma autorização do Secretário de Ressocialização do Estado. Depois, firmou um contato e um compromisso com o diretor do presídio, também coronel da polícia militar, que permitiu a entrada dos pesquisadores no local, para realização da pesquisa acadêmica, com relevância social e sociológica.

A ideia inicial estabelecida pelos pesquisadores do NEPS e também acatada pelo diretor do presídio era ler, antes das entrevistas, os prontuários dos detentos, para então selecionar os homicidas a serem entrevistados. Os entrevistadores iriam procurar perfis que se encaixassem nos objetivos da pesquisa: jovens, moradores da RMR e homicidas. No entanto, isso não foi possível, pois eram quase quatro mil homens e o tipo de guarda dos documentos não permitia separar só o que era de interesse da pesquisa: estes eram guardados por número, com abertura de prontuário. Os detentos correspondiam a cada número e os documentos não eram separados por idade, origem, tipificação etc, impossibilitando uma busca pelos critérios desejados.

Então, os entrevistados foram indicados por facilitadores, que eram presidiários que faziam parte do corpo administrativo da direção do presídio, logo, não houve critérios de seleção dos entrevistados, e sim, houve um processo de negociação diretamente com os presos, sendo entrevistados aqueles homicidas não apenas que foram indicados por outros presos, mas que também estivessem disponíveis e dispostos.

As entrevistas não eram agendadas, os presos eram indicados cada vez que o pesquisador chegava ao presídio.

No entanto, presos que estavam em isolamento eram os que costumavam se mostrar mais disponíveis. Já que o isolamento os tirava de suas celas originais onde cada um já tinha seu “barraco” montado (denominação para os espaços da cela que os presos denominavam como seus e onde colocavam seus objetos), os deixava sem os contatos próximos e os impedia de receber visita e de acessar as áreas de convivência comum. Logo, a entrevista vingava como uma oportunidade de sair por um certo tempo do isolamento.

As entrevistas eram realizadas em espaço do corpo administrativo, na área de lazer para os presos, onde havia sinucas, sofás, jogos de tabuleiro etc. Os pesquisadores só tiverem acesso a este local do presídio, não tiveram permissão para entrar nas celas. Segundo o próprio diretor do presídio, os homens que estavam trabalhando no corpo administrativo eram preferencialmente homicidas por se tratarem de criminosos mais confiáveis para tratar da administração e da organização burocráticas do presídio do que um ladrão contumaz, por exemplo.

A princípio, a liberação da entrada dos pesquisadores era bem mais trabalhosa, pois a cada chegada de um pesquisador, precisava-se de autorização do coronel e da presença de um dos facilitadores. Estes pesquisadores utilizavam camisas da UFPE como identificação. Com o decorrer do tempo, ao final do campo, a entrada dos pesquisadores já era liberada automaticamente, indicando uma certa relação de confiança que foi estabelecida.

Do total de 52 entrevistas realizadas, infelizmente foi perdido o registro de 4 destas, umas por não gravação do áudio e outras por péssima qualidade do áudio, impossibilitando as transcrições. Das 48 entrevistas transcritas, analisarei apenas as referentes às entrevistas dos homicidas jovens (até 29 anos), o que corresponde a 22 indivíduos. No caso, já que no presídio só estão homicidas maiores de idade, não foi possível entrevistar jovens homicidas de 15 a 17 (a classificação adotada, do IBGE, classifica jovens de 15 a 29 anos).

### ***3.2 TÉCNICAS DE ENTREVISTA***

As entrevistas foram realizadas através de uma metodologia qualitativa baseada em Histórias de Vidas. A história de vida é uma técnica de entrevista em profundidade onde o pesquisador interage constantemente com o entrevistado, para quem faz perguntas sobre a sua trajetória de vida (PAULILO, 1999). Para isso, utiliza como base um roteiro semi-estruturado, com questões abertas. Não é necessário seguir o roteiro estritamente na ordem, na verdade o pesquisador deve ter uma sensibilidade para prestar atenção no conteúdo das respostas do entrevistado, em como este acaba conduzindo alguns rumos da entrevista e, assim o pesquisador deve estar apto a acabar mudando a ordem das perguntas, de acordo com a abertura do entrevistado para falar de tal assunto.

A utilização dessa técnica se mostra eficaz na análise de detalhes a respeito de ambientes, situações ou contextos específicos, inclusive quando o assunto é confidencial, devido à maneira que a entrevista acaba sendo conduzida pelo entrevistador como uma conversa. Uma importante vantagem dessa técnica é a possibilidade de se conhecer a realidade do entrevistado a partir dos significados atribuídos às experiências vividas, o que o sujeito acredita que é importante sobre a sua vida, portanto os eventos biográficos não seguem uma linearidade progressiva e de causalidade, não se apresentam de modo coeso e coerente. Esta construção é realizada depois pelo pesquisador, quando analisa a entrevista e organiza as narrativas do entrevistado.

O roteiro de entrevista foi montado seguindo tal técnica de história de vida, onde o entrevistado é convidado a contar a sua história e ocupa um lugar central durante a entrevista, de maneira que a história de vida é um discurso autobiográfico e implica a globalidade de uma existência em suas diferentes fases. O entrevistado é estimulado a revelar suas trajetórias, crenças, opiniões, motivações e sentimentos sobre o assunto investigado.

Embora as entrevistas, que foram realizadas no âmbito da pesquisa do NEPS, tenham sido formuladas para abranger vários pontos da vida do entrevistado, que poderiam ou não ser jovens, a minha análise das entrevistas será focada nas perspectivas dos homicidas jovens. Para tanto, tal análise foi realizada através do método de análise de conteúdo e de uma análise comparativa das histórias de vidas dos homicidas jovens,

onde serão investigados: elementos situacionais e contextuais comuns ao discurso destes; peculiaridades nas suas narrativas, procurando perceber o que difere algumas situações de outras; em que momento das suas trajetórias individuais se inicia o envolvimento com eventos criminosos e mais especificamente com homicídios; o que há de predominantemente característico nas justificativas dos jovens para o cometimento dos homicídios; tal como uma identificação dos elementos que foram investigados nos inquéritos policiais, fazendo um paralelo de tais dados com as descobertas nas falas dos jovens homicidas. Serão reproduzidas algumas citações que pareceram as mais representativas das percepções do conjunto de entrevistados.

### ***3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS***

Foi construído um quadro, no âmbito da pesquisa acerca de homicídios do NEPS, para orientar a análise das entrevistas e a posterior sistematização dos dados encontrados. Este quadro se baseou nas questões principais de Miethé & Regoeczi, acerca do fenômeno do homicídio, tanto no que se refere ao *background* dos indivíduos envolvidos (neste caso, os homicidas) quanto ao perfil dos sujeitos envolvidos (tanto os ofensores quanto as vítimas), readaptando essas questões para os objetivos da pesquisa do NEPS. Mais uma vez, o quadro foi readaptado por mim para esta dissertação, no que interessa e é pertinente na realidade dos homicidas em Recife. A seguir, um quadro com as perguntas que tentarão ser respondidas através dos achados nas falas dos homicidas entrevistados.

O quadro a seguir, observar-se-á no que se refere ao background do agressor, onde serão analisadas as seguintes categorias: a) Relacionamento com pais e familiares; b) Escolaridade; c) Infância; d) Adolescência e Juventude; e) Trabalho; f) Bairro e Vizinhaça; g) Envolvimento com drogas; h) Envolvimento com crimes. No âmbito das características da agressão, serão analisadas categorias e atributos ainda mais específicos, a serem demonstrados no quadro.

**Quadro 4: A dimensão teórica da análise das entrevistas com presidiários**

Narrativas de crimes	Perspectiva configuracional de homicídios	Perspectiva configuracional de homicídios nas histórias de vida de homicidas em Recife
Background do agressor	Quais os fatos mais comuns na história de vida de um homicida? Como alguém se transforma em homicida?	Relação com os pais: o pai era presente? A mãe era presente? A mãe trabalhava? Tinha irmãos mais velhos? Teve outras figuras familiares de referência? A família tinha envolvimento com o crime?
		Frequentou a escola? Até que idade frequentou a escola? Por que parou de estudar?
		Teve alguma experiência traumática que tenha marcado a infância ou adolescência?
		Trabalhava quando foi preso? Trabalhou antes? Em que?
		Como era o bairro onde moravam? E sua relação com a vizinhança?
		Fazia uso de drogas? Tinha quantos anos quando teve a primeira experiência com drogas? Quem foi que ofereceu as drogas?
		Qual a idade do primeiro delito? Qual foi o delito? Tinham outras pessoas envolvidas, quem era essas pessoas, adulto, adolescente? Por que cometeu o primeiro delito? Teve passagem pela Fundac?
Características da agressão	Qual o tipo dominante da agressão que prevalecem nas entrevistas com presidiários?	Qual o tipo dominante da agressão: a) motivação; b) circunstância em que ocorreram o crime; c) relação vítima agressor; d) número de agressores; e) armas utilizadas; f) evidências de reação por parte da vítima; g) número de vítimas; h) presença de álcool ou drogas; i) número de testemunhas do fato; j) hora do crime; k) local do crime; l) Reincidência.

Fonte: Relatório de Pesquisa 'Configurações de Homicídios no Recife' (RATTON et al: 2011) (Adaptado pela autora)

Primeiramente por uma questão de ética da pesquisa, em respeito aos entrevistados, segundo acordo estabelecido entre os entrevistadores e os entrevistados, de divulgação destes dados apenas com fins acadêmicos e profissionais, e assim, onde os entrevistados figuram anonimamente; e conseqüentemente por questões de segurança comigo, autora desta dissertação, e com os pesquisadores que realizaram as entrevistas – vistos os constrangimentos e quaisquer outros desdobramentos desagradáveis que poderiam ocorrer se tal acordo fosse quebrado, nem os nomes dos sujeitos nem as localidades dos crimes e dos contextos descritos pelos entrevistados, serão citadas na análise dos dados.

### **3.3.1 Background do agressor**

#### **a) Relacionamento com pais e familiares**

No que se refere ao relacionamento dos sujeitos com os pais e demais familiares com os quais conviviam, tem-se o seguinte bloco de questões: “Relação com os pais: o pai era presente? A mãe era presente? A mãe trabalhava? Tinha irmãos mais velhos? Teve outras figuras familiares de referencia? A família tinha envolvimento com o crime?”

Quando questionados sobre o relacionamento com os pais, mais da metade deles descreveu o relacionamento como bom e tranquilo, sem maiores percalços. Inclusive, um deles reconhece que, se dependesse dos pais, sequer teria se envolvido com atividades criminosas.

Muito bom, muito bom. Tenho muitas saudades... (...) Aí depois dos 16 anos de idade, aí começou mau companhia, essas coisa assim. Agora conselho de pai e mãe num faltava, né... Se fosse por conselho, hoje eu não estaria aqui... (E, 29 anos)

Outros deles admitem que os únicos problemas de relacionamento com os pais começaram apenas quando eles passaram a cometer crimes, como o exemplo a seguir.

Tranquilidade, eu nunca dei aperreio não à minha família não, eu só dei aperreio porque entrei pra vida errada né? Tentei matar os outros e tô aqui pagando agora. (X, - 29 anos)

Alguns deles disseram não ter sido criados pelo pai (que sequer conheceram, pois o pai não assumiu o filho ou abandonou a mãe), apenas pela mãe e outras vezes pela avó, esta que acabava assumindo um papel importante e de referência na família para a criação deles. No entanto, nenhum chegou a se queixar da ausência da figura paterna. Um deles até reforçou a importância de união com a família, dadas as condições.

Meu pai abandonou minha mãe quando era pequeno...(...) Tava na barriga da minha mãe, ainda, ele viajou pra São Paulo. (...) Fiquei eu com minha avó e minha mãe, só. (...) E a irmã. Mais nova. (...) Tem que ser unido. (Y, 22 anos)

O crime aparece nas falas de alguns deles sobre suas famílias, através da participação de seus familiares em crimes. É o que justificava, em parte, um mau

relacionamento com a família. Apenas na fala de três homicidas que alegaram conflitos nessas relações, o crime não está diretamente ligado ao motivo para os desentendimentos. No entanto, num dos casos, o álcool aparece como fator negativo:

Meu pai mesmo é muito ignorante. Se ele não teve uma educação boa, então é aquela pessoa de interior, bruto. Apanhei muito. Era cacete... (...) É porque ele bebia muito. Tinha hora que eu me arretava também, falava. (...) Minha mãe não era muito de bater não, mas também era, de vez em quando ela... (...) Não tinha diálogo. (C, 28 anos)

Os outros dois homicidas relataram que se sentiam mal porque achavam que a mãe favorecia o outro irmão, e por isso, se sentiam menos protegidos e menos amados. Um deles, inclusive, coloca essa situação como determinante para o início de seu envolvimento com crimes.

O relacionamento com a minha família assim era um pouco complicado pra mim. Me deixava de escanteio assim... Tipo pra fora. Só e eu e meu irmão só. É eu e meu irmão. Aí, ninguém ligava pra mim não nem minha mãe. Acho que foi daí que começou eu parti pra esse lado aí que eu parti. (D, 24 anos)

Em quatro casos, os homicidas citaram a presença das drogas e do crime em suas vidas desde a infância através do envolvimento dos seus familiares como ofensores e/ou como vítimas, pelo assassinato do pai ou do irmão, por exemplo. Estes justificaram que tais situações forem determinantes para os levarem no mesmo caminho, o que será observado posteriormente no que se refere ao contexto e à motivação dos homicídios cometidos.

Em relação à família que constituíram, a maioria deles é casada e tem filhos. E boa parte deles recebem visitas das mulheres, dos filhos e principalmente da mãe.

## **b) Escolaridade**

No que se refere ao envolvimento dos sujeitos com escola e estudos, as perguntas a serem analisadas nas entrevistas são “Frequentou a escola? Até que idade frequentou a escola? Por que parou de estudar?”. Em relação à escolaridade dos indivíduos, já observa-se essas informações no 2º capítulo, de análise dos dados obtidos em inquéritos policiais. O que poderá ser apreendido de novo nas entrevistas são os contextos específicos nos quais eles estudaram e os motivos pelos quais pararam de estudar.

A maioria dos que especificaram porque abandonaram a escola, alegam que isso ocorreu quando entraram “*na vida errada*”, “*no mundo do crime*”<sup>12</sup>.

Até uns 13. (...) Eu parei porque eu entrei na vida errada, né. Não podia ir pra escola porque sobre guerra de Santo Amaro com João de Barros aí não podia ir porque o colégio ficava pelo Santo Amaro. Entrei ali pelo SESC, cemitério de Santo Amaro. Aí eu não podia ir pro colégio porque os cara tavam indo buscar dentro do colégio pra matar. Aí eu deixei de estudar pra não morrer. (R, 20 anos)

Até a sétima série. (...) Eu parei por causa da situação né. (...) Aí eu tava naquela dúvida nos meus pensamentos: “Como é que eu to estudando? E tirando a vida dos outros. Eu vou morrer de todo jeito.” Aí eu fui parei de estudar de vez. (...) Rapaz eu parei na faixa dos 16 anos de idade, 15 anos eu parei.” (J, 21 anos)

Boa... Infância que... Assim, era de família, estudava, era um ótimo aluno... Com seis anos de idade era 1ª série... Aí depois eu comecei a me misturar no colégio também, me misturei com pessoas erradas. (...) [estudou até:] Até o 1º ano do ensino médio. (...) Sei que eu parei depois que eu cometi um assassinato. (G, 22 anos)

Estes trechos são os primeiros a ilustrar uma segregação socioespacial e uma distância da cidadania, como defendido por Gomes (*apud* RAMÃO e WADI, 2008), presentes nas realidades dos homicidas. O fato de estarem em bairros violentos, com guerras de tráfico, os isolam de certa maneira das demais localidades da cidade, configurando uma “vida sob cerco”, como denominado por Machado da Silva (2008). A “violência urbana”, conceito deste mesmo autor, se mostra presente desde a fase do início da educação destes jovens.

Ainda sobre a escolaridade, poucos deles disseram que pararam de estudar para trabalhar, e um desses alegou que precisava de mais tempo para trabalhar e sustentar a família:

Rapaz quando eu parei de estudar, eu tava com meus doze anos. (...) Na 8ª série. (...) Não tava dando mais tempo véi, de estudar. Eu tava vendo uma mulher dentro de casa grávida, e o tempo que eu tinha pra estudar eu já investi de fazer...de fazer, como entrasse mais alguma coisa, algum dinheiro, pra poder eu comprar as coisas da minha filha, e tal, porque era minha primeira filha... (H, 24 anos)

Embora quase todos tenham abandonado os estudos, quando questionados sobre a importância de estudar, boa parte admitiu que é essencial e que se o tivessem feito, poderiam ter seguido rumos diferentes em suas vidas:

---

<sup>12</sup> Esses termos aparecem bastante no discurso dos homicidas, quando eles recorrem ao envolvimento com atividades criminosas.

Se eu tivesse estudado, já veria coisa diferente. Eu tava com uma vida, eu podia ser um policial que tava tomando conta de preso, entendeu como é que é? (M, 23 anos)

No entanto, mesmo reconhecendo a importância, apenas um deles retomou os estudos na cadeia e nenhum deles elege ‘estudar’ como um dos planos pra quando sair da cadeia, porque preferem se focar em trabalhar e arranjar dinheiro. Isso será visto mais adiante no ponto que explora as expectativas deles para o futuro.

Apenas um deles, de classe social diferenciada, mais favorecida, diz que nunca havia interrompido os estudos e que só o fez porque foi preso. No caso, tem ensino superior incompleto. E outro, aparentemente também de classe social mais favorecida, retomou os estudos após já ter se envolvido em atividades criminosas:

Mas quando eu levei os tiro, agora que eu fui preso em 2006, eu tava estudando de novo mermo, me mudei fui pra outra localidade e tava tentando viver minha vida normalmente, que ninguém me conhecia e aonde eu morava eu era uma pessoa direita de família, e a minha esposa... Aí eu fazia vários cursos profissionalizantes. E assim, minha ficha não era suja, tá entendendo? (...) Fiz curso de impressão gráfica, curso profissionalizante de técnicas de venda, secretariado, recepcionistas de marketing tá entendendo? (...) (G, 22 anos)

Ou seja, no que se refere à escolaridade, observa-se que a grande maioria dos entrevistados, de acordo com o esperado e com os dados já analisados no 2º capítulo, frequentou sim a escola, mas tem apenas ensino fundamental incompleto, tendo abandonado os estudos entre 12 e 16 anos. A descoberta nas falas dos entrevistados é que os motivos para tal abandono da escola, se remetem em sua maioria ao envolvimento deles em atividades criminosas, confirmando a presença da violência urbana em suas vidas desde essa fase.

### **c) Infância**

Em relação à infância dos sujeitos, ao foco no *background* destes (como Miethe & Regoeczi reforçam a importância), a questão central da análise é “Teve alguma experiência traumática que tenha marcado a infância?”. No entanto, é importante antes fazer algumas considerações sobre como esses indivíduos retrataram a infância de maneira geral, quando questionados acerca de suas primeiras lembranças, de quais fatos marcaram essa época, de como eram os seus cotidianos, os relacionamentos com seus amigos, como se divertiam, se tinham algum medo etc.

Uma primeira e importante percepção é a de que ficou clara a dificuldade de alguns entrevistados em retratar esse período de suas vidas. Uns por essas perguntas serem no início da entrevista e eles já estarem ansiosos para falar de sua vida criminosa, pois imaginavam que esse seria o objetivo da entrevista; outros por não conseguirem facilmente visualizar sua infância fora do foco dos crimes que já praticavam desde aquela época. Um deles dizia que sequer lembrar da infância por estar tudo “*embaratinado*” em sua memória. No entanto, ao serem mais perseverantemente instigados pelos entrevistadores, conseguiam descrever um pouco dessa fase, para além do envolvimento com atividades criminosas, como o seguinte exemplo:

Assim meio, que ficava no campo, no campo é, hum, ia pra escola com meus irmãos, sempre ia, sempre quis que eu estudasse e aprendesse alguma coisa, mas a minha mente não teve muito pra estudo, foi logo pra vida do crime né. (...) Ah, das brincadeiras, é? Jogar bola, muito futebol na frente de casa, assim de... aquelas brincadeiras de criança né, de jogar bola, brincar de se esconder. Uma infância muito boa, hoje em dia a pessoa se arrepende do que fez. (M, 27 anos)

Aproximadamente pouco menos da metade deles também citou jogar bola como uma atividade costumeira na infância, como também pião, bola de gude, brincar de se esconder, empinar papagaio, entre outras. Um deles, entretanto, não citou brincadeiras como parte de sua infância, por trabalhar desde muito cedo, e ainda assim parecia grato por essa época, por ter trabalhado com seus pais. Assim, outro deles reconhece a importância dessa fase, no que tange às oportunidades de vida que lhes são oferecidos nessa época:

A minha, minha infância foi curta demais. Mermão, eu posso falar isso que eu sei, pô. Eu num tive, certas... Espaços e oportunidades que certas crianças no dia de hoje tem, num aproveita. (Y, 22 anos)

Três deles citaram dificuldades na infância por terem convivido em casas diferentes, estes com ausência do pai em sua criação, hora em casa de mãe, hora em casa de tia, hora em casa de avó: tais mudanças dificultavam sua estabilidade em casas ou em comunidades (em relação ao sentimento de pertencimento a um local), além de dificultar o estreitamento de laços com familiares. Um deles reclamava por preferir muito mais a casa da avó do que a da mãe e pela mãe não tê-lo permitido viver lá sempre:

Na casa da minha avó era só riqueza. Colégio particular. Tudo do bom e do melhor. Eu comia a minha lancherinha, meu pai levava para o colégio. Só amor. E minha mãe não, né? Era o contrário. Era muita pisa que ela dava em mim. Meu pai não levava para o colégio, tinha que apanhar. Ai era muita burocracia. Quando ela pegava eu chorando com saudade da minha avó, ela vinha e dava em mim. Num queria eu chorando. Eu chupando chupeta, ela deu um murro na minha boca que saiu sangue. Que não queria, né? Eu naquele negócio assim, num queria eu pensando na minha avó. Mas porque ela num pensou nisso antes de eu ter... de ter me botado para morar com minha avó? Né?" (E, 25 anos)

Já pouco mais da metade deles citou fatos traumáticos, que eram geralmente experiências relacionadas à convivência com o crime como marcantes na sua infância. Três deles citaram brigas diárias entre seus pais como lembranças mais fortes e um deles, inclusive, utiliza tal conjuntura como justificativa própria para sua entrada no *mundo do crime*:

Quando criança, é. Aí eu via muito aquela cena, aí dizia pra eles, que eles parassem com isso, que era meu pai e minha mãe e tal que tava brigando, e se eles não parassem eu podia ficar revoltado e não ia mais pro colégio porque ia ficar com isso na cabeça direto. Isso me traumatizava. (...) Aí mesmo assim não parava, aí eu tive que, nas minhas atitudes, eu saí de casa, morei um ano fora de casa. Arrumei outra mãe que me tratou melhor que meus pais, entendeu? Aí pronto, mais ou menos tudo foi assim. (...) 12 anos de idade eu saí de casa. (...) Aí eu vim evoluir aqui em Recife, né? Que lá é interior, né, não tem a evolução do crime, aí aqui é mais evoluído o crime, né? (M, 23 anos)

No que concerne ao crime, tais fatos marcantes iam desde o envolvimento de familiares seus com drogas, passando pelo envolvimento deles ou de amigos próximos com crimes, até fatos mais traumatizantes como o assassinato de algum familiar ou ente próximo, ou até mesmo ter sofrido tiro devido a tal conjuntura:

Meu pai mermo, meu pai era um dos traficantes que era o cabeça do negócio. Aí tinha outros lá que tava com inveja dele sobre ele tava vendendo mais negócio de que os cara. Aí teve um dia que eu tava na porta do meu pai, era umas 8 horas da noite quando houve um disparo dentro de um beco, aí foi, pegou aqui na minha espinha, aí ninguém sabe da onde veio, aí depois soube de um dia que foi um rapaz lá. Tava com inveja do meu pai, que meu pai tava vendendo mais droga do que ele. Aí pronto eu tinha medo dele, tanto é que eu via ele eu corria pra casa. (...)Eu tinha uns 10 anos. (...) Via revólver debaixo do colchão, via crack, maconha... (R, 20 anos)

Outro citou o assassinato da sua irmã, quando ele tinha quatro anos, como fato marcante que era exatamente o medo que sentia nessa época, medo de também ser vítima de algum assassinato. Outro revela que por ter cometido o primeiro logo aos 11 anos de idade, isso marcou sua infância de maneira que ele passou a ter medo dos outros. Outro revela que sua mãe sempre teve problemas com álcool até chegar ao ponto

de precisar ser internada para reabilitação. Outro cita o assassinato do pai como o que foi determinante no resto da sua trajetória como criança e conseqüentemente como jovem:

A lembrança que vem na minha cabeça é muito triste. Eu assisti meu pai ser assassinado na minha frente. (...) É... Ainda eu lembro... Uma criança de 6 anos ele grava. Eu me lembro que entrou um rapaz na minha casa. Tava eu e a minha mãe. Ele querendo arrastar meu pai para outro canto. Aí meu pai disse que se ele arrastasse meu pai... A minha família não vai ver o corpo então se tu quiser me matar me mata aqui mesmo. Aí do primeiro tiro eu me agarrei com meu pai, foi... Antes do primeiro tiro que eu tava agarrado com ele. Aí gritaram que se não tirasse eu, se a minha mãe não tirasse, eu ia morrer, os dois. Aí quando a minha mãe puxou, eles dispararam o tiro, tiro de arma. (...) Eu tive que ir pra rua, minha mãe desempregada, eu com 6 anos, meu irmão com um ano. Eu tive que ir pra rua pedir esmola, já vendi várias coisas...Vendi pipoca, picolé, doce para sobreviver. Dalí muito novo... Entrei na rua pra pedi esmola. (W, 28 anos)

Assim, vê-se que boa parte desses jovens tiveram envolvimento com crime, no mínimo indiretamente, desde sua infância, de diversas maneiras. Ou seja, tal realidade era recorrente nos seus cotidianos e suas rotinas. Algumas vezes isso parecia fazer parte de suas vidas desde então de forma naturalizada (ou seja, que não chegava a chocá-los ou pelo menos essa foi a impressão que passaram em seus discursos), e em outros casos, de maneira traumática. Numa linguagem sociológica, já se percebe nestas falas a sociabilidade violenta como a própria ordem social dominante (MACHADO DA SILVA, 2008), que força os moradores das localidades em que essa ordem impera, a conviver com essa realidade violenta. Como visto, muito disso se inicia nos próprios lares dos jovens homicidas entrevistados. E em vários casos, as histórias deles sobre os crimes ou homicídios que eles próprios cometeram já aparecem nestas narrativas, tendo continuidade na sua adolescência e juventude, como será visto a seguir.

#### **d) Adolescência e Juventude**

No que se refere ao *background* dos indivíduos enquanto adolescentes, a pergunta central para análise é se “Teve alguma experiência traumática que tenha marcado a adolescência?”. Para tanto, é fundamental fazer algumas considerações antes de chegar a esse ponto.

Primeiramente, é importante dizer que os indivíduos consideram a sua adolescência como a fase a partir dos seus 11, 12, 13 anos de idade. Pôde ser observado também que eles não distinguem muito bem quando passaram a ser jovens (o que na

classificação que está sendo utilizada, do IPEA, os identifica como tais a partir dos 15 anos até os 29), e alguns sequer se veem como tal. Por tal distinção ser tão tênue, serão realizadas reflexões sobre a juventude também neste item, até porque muitos deles foram presos ainda enquanto adolescentes (sendo enviados para a Fundac – atual Funase, Fundação de Atendimento Sócio-Educativo) ou logo após completarem a maioridade, ou seja, tem passado a maior parte de sua juventude dentro da própria prisão, não tendo muita percepção de vivências como jovem em liberdade.

Quando questionados sobre a sua adolescência de maneira geral, quanto ao seu cotidiano e à sua rotina, aos seus interesses, a reação foi parecida com a de quando questionados sobre sua infância: a mesma dificuldade em lembrar de sua vida para além do mundo do crime e de distinguir sua rotina quando envolvidos em atividades criminosas da rotina quando não envolvidos nestas, exatamente porque para muitos seu envolvimento com crime aparece de maneira imbricada nos seus cotidianos como adolescentes e jovens, e era o mais recorrente nas suas vidas, não havendo muito espaço para outras ocupações. Mais uma vez, a sociabilidade violenta figura como ordem social dominante.

Dessa maneira, para obter as descrições destas outras ocupações dos jovens, os pesquisadores precisaram mais uma vez ser mais insistentes. Ainda assim, objetiva-se aqui descrever apenas tais fatos, deixando para descrever o envolvimento deles com crimes em outro item.

Metade deles conseguiu descrever atividades de sua adolescência além dos crimes praticados. Entre os que tinham situações financeiras parecidas, pertencentes a uma classe social baixa, tais atividades citadas foram: correr de *bike* (bicicleta), jogar bola, baralho, vídeo game, dois deles trabalhavam para ajudar os pais, dois deles frequentavam a igreja, um deles lembrou das dificuldades financeiras pelas quais a família passou. Um que trabalhava bastante e que se lembrou com certo saudosismo de sua adolescência, sequer conseguia explicar porque entrou no mundo do crime:

Minha convivência, graças a Deus foi muito bem, né... Eu num sei nem porque foi que eu fui pro lado errado, porque eu num sei não... (E, 29 anos)

Outro deles, como a maioria, já atrelava toda sua adolescência à entrada no mundo do crime (o que será mais explorado posteriormente) e conseguia distinguir quando e porque se envolveu em tal esfera:

Foi ruim minha adolescência, quando chegou aos 12 aos 13 já foi mei... (...) Comecei a fumar maconha, comecei a andar com um e outro errado, né? Aí minha vida foi... (...) Eu fazia natação, futsal, futebol de campo e... a escolinha que tinha lá, a oficina... Tinha oficina de música, oficina de arte. Eu fazia a de arte. (R, 20 anos)

Dois falaram muito, espontaneamente, de frequentar bailes funk e bares, para beber muito e para *ir atrás de mulher* e do conseqüente envolvimento sexual e amoroso com várias dessas. Inclusive os demais também falaram a respeito quando perguntados sobre e a maioria compartilhou a ideia de que fazer parte do mundo do crime atraía mais mulheres. Conseqüentemente, muitos deles passaram a morar com suas mulheres e tiveram filhos, muito novos.

Depois que eu me envolvi nesse negócio eu não precisava nem falar nada: tinha mulher que vinha dar em cima de mim. Cada uma mais bonita do que a outra. (Y, 22 anos)

Em contrapartida haviam dois que tinham condições de vida melhor, pertencentes à classe média. Um que já tinha casa e carro próprios e outro que praticava judô profissionalmente (com nível superior incompleto, interrompido pela prisão, e que era funcionário público):

Judô mesmo, era o que eu gostava. (...) Prazer em praticar o esporte. (...) Competia. Competia em Natal, Brasília... (...) Fui campeão brasileiro. Tricampeão pernambucano. (...) E várias competiçõezinhas. (...) Fiz judô até antes de ser preso agora, há 2 anos atrás. Tinha 26 anos. (...) Eu estraguei, estraguei tudo que eu tinha. (...) Até as coisas boas que eu tinha, que eu sonhava, que tudo, eu acho que eu acabei com aquilo que era de melhor. (C, 28 anos)

Nessas narrativas da adolescência é que foram aparecendo os traumas vividos em tal época. Só um deles disse que não perdeu amigo pra vida do crime (ou seja, que tenha sido assassinado): os demais já perderam vários. Um deles, inclusive, afirma que tinha medo da morte por isso. Há os casos mais gritantes, em que um afirma ter perdido 43 amigos e outro que afirma ter perdido todos:

Tudo morto. Mais de vinte. Tudo de bala. (R, 27 anos)

Outras situações mais delicadas são as que eles afirmam terem presenciado os assassinatos desses amigos. Ou o caso em que um ficou bastante sentido pelo assassinato da mulher e ressentido por não ter conseguido se vingar:

A minha esposa vai ser, a minha ex-esposa, né, assim, que, eu nunca fui casado com ela na religião não. Ela se envolveu com amigas errada e ela foi assassinada. (...) Não sei explicar o que foi não. Depois dela, até hoje eu não

vivi, eu não convivi com ninguém. É meio assim porque, não foi porque eu não quero, porque era cedo, nem não. Porque... (...) É forte, né. (...) Não, não vinguei a morte dela não. Eu não pude vingar a morte não. (...) Porque assim que ela foi morta, eu não pude vingar a morte dela não. Até, assim, se tivesse oportunidade eu ia, matar, pelo menos eu matava por ela, pelo meu filho. É porque eu não tive oportunidade não. Fui logo preso. (M, 23 anos)

Consequentemente, eles se sentiam mal pela realidade na qual estavam inseridos e um citou a chance e oportunidade de ficar tranquilo nos lugares, sem ser notado e sem despertar medo nos outros, como a melhor e mais marcante lembrança de sua adolescência, demonstrando que as consequências de seus atos iam além de serem presos e pagarem na justiça por seus crimes:

Melhor lembrança eu vou dizer a tu... A melhor lembrança é que eu podia chegar, assim, nos canto, e ficar tranquilo. Uma coisa que agora eu num posso chegar e ficar. Que eu vou chegar nos canto, até se eu num for fazer nada, vão ficar com medo de mim só por causa do meu nome. (Y, 22 anos)

Para ficar ainda mais clara a realidade na qual estes homicidas estavam inseridos, os próximos itens descreverão o bairro e a vizinhança na qual residiam, através das perspectivas deles, e a relação deles com trabalho.

#### **e) Trabalho**

No que se refere a trabalho e a ocupação dos indivíduos, os pontos principais para análise e construção do perfil deles são: “Trabalhava quando foi preso? Trabalhou antes? Em que?”. Todos eles relataram que trabalharam antes de se envolver no mundo do crime.

Quase todos (21 dos 22) começaram a trabalhar cedo, a maioria entre 12 e 14 anos, uns até desde os 9 anos de idade. Quanto ao único de condição econômica aparentemente mais favorável, este começou a trabalhar mais tarde, pois jogava judô profissionalmente quando adolescente e quando mais velho virou funcionário público. As ocupações dos demais estão de acordo com as descritas no 2º capítulo, são ocupações que podem ser englobadas todas em prestação de serviços e subocupação, em sua maioria de renda baixa e incerta e boa parte no mercado informal. As ocupações citadas foram as seguintes: vendedor de diversas coisas (água mineral, frutas, verduras, jornal, picolé etc) – ou ambulante ou em mercadinhos, ajudante de lanchas, ajudante de salão de cabeleireiro, letreiro, entregador de água mineral, auxiliar de mecânica, entregador de quentinha de almoço, pedreiro, ajudante de pedreiro, moto-taxista,

cobrador de kombi. Destes, apenas quatro trabalharam com carteira assinada e um deles reconhece o benefício desta situação regularizada no trabalho:

Hoje em dia, eu vivo, eu vivo do que eu trabalhei. Porque eu trabalhei honestamente, e pra mim foi a coisa melhor do mundo. Porque até hoje me sustenta dele. Que como eu trabalhei de carteira assinada eu recebo o auxílio reclusão. (...) Aí foi pra mim, pra mim é mais uma prova que nada disso num vale a pena. Num vale a pena. (J, 29 anos)

Mas até mesmo um dos que trabalhava com carteira assinada, fez uma reclamação que esteve presente no discurso de quase todos os demais: o dinheiro ganho com trabalho honesto era muito pouco e os incentivava a recorrer a outras atividades:

Carteira assinada, tudo certo. Com direito a tudo, plano de saúde, tudo. (...) Tinha tudo. Entendesse? Mas dava pra nada. (...) Sustentava, sustentava minha família. Sustentava minha filha. Pagava aluguel. Menos que um salário mínimo, como é que dá pra fazer isso tudo? Tem que trabalhar mermo, por fora: 1000 reais por mês. (J, 24 anos)

Uns ainda continuaram trabalhando enquanto exerciam atividades criminosas, até para servir de disfarce, como este confessa:

Trabalhava. (...) Era ajudante de pedreiro. (...) Eu levava a minha vida de trabalhador né? Ninguém sabia que eu roubava né? Disfarce. (...) Ganhava pouco e trabalhava muito. (F, 22 anos)

É evidente que o trabalho, a ocupação, que eles exerciam está de acordo com o perfil esperado e descrito no 2º capítulo para os homicidas e também com a realidade da qual faziam parte e que descreveram em suas narrativas. A maioria em ocupações de baixa renda, sem carteira assinada, atreladas ao mercado informal. Muitos abandonaram essas ocupações quando entraram no mundo do crime e alguns mantiveram estas como disfarce, não só para a sociedade como um todo, mas também para os próprios familiares (nos raros casos em que a família não estava ciente do currículo criminoso do indivíduo).

#### **f) Bairro e Vizinhança**

Apenas um descreveu também seu bairro como tranquilo desde sua infância e até hoje. A maioria dos entrevistados tratou seu bairro como um lugar tranquilo e calmo na sua infância, e atualmente mais bem mais violento e conturbado:

Assim, antes, na minha infância, era um lugar maravilhoso. Não tinha essa questão da violência que hoje tem. (...) Tranquilo. Pessoas boas, tranquilas. (C, 28 anos)

Poucos se referiram aos seus bairros como violentos desde a sua infância:

Era acelerado. (...) Acelerado porque era muito, muita criminalidade né? (...) Assalto, tráfico, homicídio. (...) Desde pequenininho que eu via sempre isso, meu irmão acabou, morreu cedo, com dezessete ano. (F, 22 anos)

Ainda assim, todos eles se referiam à sua vizinhança, na figura dos seus vizinhos, como pessoas boas e tranquilas com quem se davam bem. Dessa maneira, tal visão parece uma certa contradição. Ou seja, é como se o problema dos bairros serem violentos fosse estrutural e os entrevistados não conseguissem visualizar ou reconhecer a violência nas pessoas de seus vizinhos.

#### **g) Envolvimento com drogas**

Em relação ao envolvimento dos sujeitos com drogas, as questões a serem analisadas nas entrevistas são as seguintes “Fazia uso de drogas? Tinha quantos anos quando teve a primeira experiência com drogas? Quem foi que ofereceu as drogas?”

Quase todos citam terem sido usuários de maconha, mas não necessariamente passaram pra outras drogas consideradas mais pesadas. No entanto, a maioria dos que provaram outras drogas confessaram acabar tendo problemas e se viciando, nesse caso principalmente quando se tratava do crack. Na narração a seguir, o entrevistado retrata suas primeiras experiências com drogas, quem lhe ofereceu, em que situação e como foi provando outras drogas.

Eu usei droga, eu acho que eu tinha uns... 12 anos. (...) Cola. (...) É porque lá perto de casa tinha uma marcenaria. Aí eu vi os cara assim cheirando cola e vi os cara todo doído, aí eu fui lá na marcenaria e peguei lá. Disse que era pra colar um sapato e tal, que meu pai tava precisando. Aí o marceneiro pegou e me deu... Oxe, minha mãe pegou e deu uma pisa arretada. (...) Maconha com um cara lá perto de casa, lá. Ele fumava e tal, aí eu vi ele fumando, aí eu cheguei e pedi pra fumar, aí ele me deu. Fumei e depois fui fumando, fumando... aí fiquei aviciado. (...) Tomei roupinol, arcani, né? Rivotril né? Rivotril, Arcani... Como eu comecei a ir pra cidade, aí eu usei loló, cachaça... (...) Fumei o crack... O cara veio daqui, ele é até finado, o pai dele era preso aqui, aí saiu daqui eu tava lá na UR3, onde eu morava, dentro de um colégio “polivalente”, não sei se tu já ouviu falar... (...) usei numa lata, o cara trouxe uma lata... Nessa época eu usava maconha. Aí eu comecei a usar o crack. Eu dava no tiro, aí depois eu parei, passei um tempo sem fumar essa droga. Depois eu vivi de novo essa droga. Esse crack é miserável, visse... esse crack, vou dizer... serve pra nada, ele veio pra destruir tudo no universo, visse... (...) A pessoa num quer escutar ninguém, né? O pessoal que

usa o crack, ele não escuta ninguém, não. Me afastei da família. Morei já, na rua já. Oxe... meses, passava dois/três dias dentro de casa e um ano fora de casa. Ficava morando em pensão no centro da cidade... (...) Eu vim preso, quando eu vim preso eu tava viciado no crack, aí fui roubar. Fui roubar e fui preso. (R, 22 anos)

Dentre as narrativas que especificavam como eles passaram a usar drogas, sempre foram contextos parecidos com o anterior: a droga sendo oferecida por amigos ou conhecidos com os quais conviviam, em contextos dos bairros e vizinhanças onde se encontravam, e geralmente tal uso era associado ao início do cometimento de pequenos delitos, como será visto no item que trata do cometimento de outros crimes além do homicídio por esses sujeitos.

Outros seis deles que confessaram ter se envolvido com crack, demonstraram a mesma opinião anterior, de que o crack é a pior droga para se envolver, porque viram muitas pessoas morrendo devido ao uso da droga, porque a consideram “*a destruição do mundo*”, porque precisavam roubar pra sustentar seu vício, porque o crack tinha efeitos muito pesados que os faziam passar mal (a tal da “*nóia*” que o crack causa), porque “*leva tudo que a pessoa tem*”. Todos se envolveram em suas adolescências, porque a droga fazia parte e aparecia nas convivências do seu dia-a-dia. Apenas um deles confessou ter se viciado com o crack apenas na cadeia, que foi citado por vários como um meio muito fácil para conseguir drogas, com um tráfico de drogas muito específico e peculiar à dinâmica da prisão. Outros que foram presos ainda viciados disseram que a cadeia serviu de reabilitação, através de muito sofrimento. Um deles explica a outra maneira que conseguiu largar o vício no crack:

Já usei crack, a pior que tem, a destruição. Mas só que eu sempre fui um cara assim que eu nunca deixei, sabe, me levar... Eu ir pelo lado da droga. Porque tem gente que já se desespera e só quer saber da droga, da droga... Agora só que é porque cada um assim acho que conveve dentro desse lugar tem um problema, né, tem um motivo e tal... Porque na verdade mesmo no tempo que eu usava essa droga eu... Poxa chegava um final de ano assim e eu olhava todo mundo com sua família, todo mundo com seus filhos... (...) Eu, graças a Deus parei. Parei por que eu graças a Deus conheci uma pessoa, ela, me... sabe? Traz muitas palavras de conforto, então ajuda muito, né? (E, 29 anos)

Mais dois citaram envolvimento apenas com loló e cola, enquanto apenas um citou envolvimento e vício somente em cocaína.

Ou seja, as drogas são sim objetos muito recorrentes na realidade desses homicidas entrevistados, porque de fato estão presentes nas suas localidades e na vida de seus amigos e, em raras vezes também dos seus familiares. No entanto, embora

muitas vezes possam ser consideradas como uma porta para o envolvimento deles no *mundo do crime* e na realização dos primeiros delitos, geralmente tráfico de drogas ou roubos para sustentar seu vício (como já vimos anteriormente), estas não aparecem necessariamente no contexto dos homicídios ou como uma motivação para o cometimento desses, a não ser quando no tráfico de drogas, em relação às disputas no tráfico, o que será explorado em outro item (de envolvimento com outros crimes além dos homicídios).

#### **h) Envolvimento com crimes**

Esse item objetiva a descrição do envolvimento dos homicidas com demais crimes além do homicídio. As questões centrais são “Qual a idade do primeiro delito? Qual foi o delito? Tinham outras pessoas envolvidas, quem era essas pessoas, adulto, adolescente? Por que cometeu o primeiro delito? Teve passagem pela Fundac?”

Analisando as falas destes homicidas, percebeu-se sim a existência de um *ethos guerreiro* no seu discurso, presente em suas justificativas para a sua entrada no mundo do crime.

Há um padrão da maioria deles para o início do envolvimento com crimes, as narrativas são bastante parecidas: alegam que começaram a andar com pessoas envolvidas com crimes, e ao passar a ter essas amizades, ao conviver com sujeitos que praticavam delitos, surge o interesse de participar dessas atividades. Geralmente tais delitos são roubos e tráfico de drogas, a depender de quais crimes aqueles amigos estivessem praticando.

Dos doze aos treze né eu fui admirar mais na vida do crime, de enxergar assim, cadê, começa outras amizades né sem ser da rua da pessoa, começa os bailes. (...) Então, tinha gente que fumava maconha e eu ficava olhando, e vendo as coisas de errado que os outros faziam né. (...) Assim, ficar junto de umas pessoas que eles fumavam maconha e a gente ficava junto né. Teve um dia que ele me ofereceu e eu não... eu experimentei, e vendo assim, depois vendo os outros. Fazendo furto também. Roubava umas pequenas, pequenas coisas que não tem, que não tem valor nem... por diversão e presepada né, pensando que aquilo era um algo que era normal, mas não, bulir no que é dos outros não... muda... (...) Como eles diz a linguagem deles diz: “se garante então vai colar”, e os caras colam, se você se garante, várias quadrilhas que quer o cara né. (M, 27 anos)

Como se pôde observar na fala anterior, o que começa como um mero envolvimento com pequenos delitos, acaba passando para a participação em quadrilhas,

que praticam os mais diversos crimes. No entanto, esse mesmo indivíduo reconhece os percalços da vida de um criminoso:

A vida do crime é uma roleta russa. (...) Ou vai preso ou morre. (M, 27 anos)

Assim, vê-se que eles tem noção do perigo, mas preferem correr o risco, como se as vantagens que a prática de crimes traz valessem mais a pena do que as possíveis desvantagens. Isso também pode ser explicado pela própria emoção que existe na impressão de que a vida do crime é uma roleta russa: a ansiedade que isso causa, por um lado, e por outro, as expectativas. Como Katz (1988) defende, essas emoções causadas são os próprios atributos sedutores nas atividades criminosas. Ou seja, as motivações para o crime são construídas pelos próprios ofensores, que pintam o crime de maneira atraente, como o entrevistado colocou: uma roleta russa.

Há um entrevistado que vai mais além na explicação para o envolvimento com crimes com as pessoas as quais andam:

Da minha liberdade de infância foi... Foi maravilhosa. Só que depois que quando eu fui... Fiquei adolescente quando eu completei 15 assim de idade aí eu comecei a me juntar com pessoas erradas, aí tá vendo, aí eu comecei a fazer o que eles tavam fazendo. Porque assim... Eu acho assim né no meu entender... A gente se espelha no que esta mais perto na realidade que a gente vive, e eu era de um bairro de periferia né... (...) Aí depois... Misturando com gente errada... E comecei a fazer é comecei a fazer pequenos delitos. (...) Eu roubava carro muito carro, eu roubava muito carro vendia os carro. (...) E eu assim... com a minha boca de fumo eu ganhava o meu dinheiro. (G, 22 anos)

Ou seja, é de fato a realidade na qual estão inseridos que os atrai para o mundo do crime, inclusive porque, como admitido, é a referência que eles tem, é com isso que eles convivem e conseqüentemente é no que eles se espelham. Nesta perspectiva, é possível trazer contribuições das teorias das oportunidades. Estas comunidades reúnem o que a teoria considera básico para ocorrência do crime: ofensores motivados, vítimas em potencial e ausência de tutela (aparelhos policiais). Nas comunidades onde ocorrem tantas atividades ilegais e criminosas, estas se alimentam das atividades rotineiras e cotidianas dos seus moradores. E isto figura como um cenário ideal, com condições ideais, para a perpetuação da prática de crimes.

Outra motivação recorrente no discurso deles para o envolvimento com crimes é a percepção de que é uma atividade mais rentável do que o trabalho honesto, como um confessa quando questionado sobre o que lhe atrai na vida criminoso, quando mais uma

vez aparece também a questão do que lhes inspira está diretamente relacionado ao que eles tem contato:

A riqueza né? (...) Mas eu gostava do dinheiro né. É só a opção de ter dinheiro de comprar, de comprar casa ter móveis ter tudo né. Eu com já com os quatorze anos já pensava em ter, vamo pensar, tu pensa em alto. (...) Então aí estou a ter, com quatorze, quinze anos já tinha, dezesseis anos já consegui ganhar dez mil, vinte mil né, e assim né, se inspirava nos ladrão né... (M, 27 anos)

Outro, ainda na perspectiva anterior, alega que quando você passa a conseguir muito dinheiro, entende e sente o poder que isso lhe dá e fica mais difícil abandonar esse meio. Isso se sequer soubessem administrar tanto dinheiro, quando ganhavam:

Óa, a pior coisa do mundo é quando a pessoa, quando a pessoa aprende a gastar dinheiro. Que eu era uma pessoa controlado, né? Dinheiro suado a pessoa tem que ser, né? Mas quando você começa a ganhar assim: meia hora, aí tira mil, mil e quinhentos. Aí passa mai um pouquinho, aí tá com dois mil no bolso... (Y, 22 anos)

Eu roubava. Loja, mercado, lotérica... (...) O maior dinheiro... Sessenta mil. (...) Dei vinte mil a família dele e fique com quarenta. Gastei tudinho. Bebendo...Só com bebida mesmo. Em seis meses eu num tinha mais nada. (...) Bebida, farra, mulher... (F, 22 anos)

Além do dinheiro, uns falam o quanto criminosos atraem mulheres como também uma vantagem da situação:

Essa vida errada tem uma parte boa e outra que não era. [parte boa:] Dinheiro e mulher. (R, 27 anos)

Todas essas ostentações de dinheiro e de mulher podem ser consideradas como traços do *ethos guerreiro* definido por Alba Zaluar. Estes jovens exibiam seus atributos financeiros e de moral para impressionar os demais.

Há também os que começaram a se envolver com crimes por causa do envolvimento com drogas, como apareceu no discurso de quatro deles. Um alegou que o mundo que se fica imerso com o uso das drogas pode lhe levar a cometer delitos:

Eu acho que foi as drogas e as amizades. Influenciando, chamando, convidando a pessoa pra fazer coisa errada. A pessoa muitas vezes assim usando droga também ai fica com uma dependência as drogas ai fica complicado. Pode vir a fazer coisas até que venha a surpreender você mesmo assim, você próprio. Ai vem só o pensamento, arrependimento, mas daí já é tarde, né? (D, 24 anos)

Dois desses quatro alegam que passaram a roubar para sustentar seus vícios em drogas. Outro, que também está de acordo com a fala anterior, ao afirmar que estar

imerso no mundo das drogas lhe favorece a cometer delitos, explica porque se envolveu com tráfico de drogas:

Eu sou usuário, eu usava. (...) Ai sabia aonde é que tinha. (...) Por causa de, por causa que eu ia investir um dinheiro, e foi à forma que eu, não tinha ninguém. Na área vendendo. Mas também foi aonde eu comecei a ganhar mais dinheiro, né véi, ai não quis parar mais véi. (...) Por mês assim, cada mês aumentava mais alguma coisa, visse! Porque, cada mês que eu, cada mês vai aumentando porque, hoje deu, hoje deu pra tirar, três mil pra mil livre, mas aqui, mês passado, eu investi, mil e quinhentos, mas só que aqui agora tem, dois mil e quinhentos que investi. (H, 24 anos)

O anterior revela o quão lucrativo, especialmente se comparado a trabalho honesto (visto as ocupações de renda baixa que eles exerciam) pode ser o tráfico de drogas. Daí, passa-se para outro ponto, dos que iniciam com roubos e passam para tráfico de drogas por perceber que é uma atividade criminosa mais rentável do que assaltos:

Eu me meti com negócio de droga. Porque esse negócio aê de assalto num tava dando mais dinheiro. Apareceu esse crack aí. (...) Peguei cinquenta grama, botei pra vender, vendendo ligeiro. Trezentos, quatrocentos no bolso. Aí foi quando eu comprei a casa da mulher, tudinho. (M, 29 anos)

Dentre o próprio tráfico de drogas, há diferenças significativas. Uns apelam para o crack que vendem mais e mais rápido, outros confessam não vender crack por concordar, como observou-se no item sobre envolvimento com drogas, que essa droga é a pior que existe.

Traficava. Crack. Eu ganhava 450... por cada bolsa. Por bolsa de pedra... por que vinha... (...) Eu vendia menos que uma hora eu vendia 3 bolsas de pedra... Eu tinha mil... Oxe, eu caí na cadeia bombado... (R, 23 anos)

Nesse tempo aí não traficava crack não, véi, não dou valor a crack não, visse! Crack é a destruição do mundo, só quem não vê isso é quem tá cego ou tá se fazendo, né véi? (...) Isso ai, o cara fumar esse bagulho ai, vai chegar o momento de você roubar até o que tem dentro de casa, pra poder manter seu vício. (H, 24 anos)

E dentro da carreira de criminoso, existem também características peculiares a cada criminoso, cada um define a sua própria dinâmica e suas prioridades, como especifica o seguinte entrevistado:

Meu, eu nunca gostei de roubar evangélico, nunca gostei de roubar mulher. Porque eu só vou em cima de quem deve no crime, atua na rua. (...) Sempre fui assim, né, porque da milícia da rua era matar as mulé, eu via matando mulé, já vivenciei assassinato de mulé... Aí matava, porque a milícia na rua, eles são pago pra matar criança, pago pra matar mulé. Pago pra matar pai de

família, pago pra matar bandido, pago pra matar viciado, pago pra matar prostituta. A milícia ela mata prostituta. Mata... Mata todo tipo de gente. Não importa a idade, não importa quem seja, eles tão matando. São pior do que a polícia. Eu sempre fazia a proteção de uma galera. Então, não deixava ninguém entrar pra não matar, pra não atuar. (...) É, no crime eu comecei como aviãozinho, aí depois comecei como braço direito, gerente, depois eu entrei no comando. Depois eu perdi o comando pra outro numa guerra, numa confusão. Aí pronto, hoje eu sou só um soldado do crime. Um ex-criminoso. (...) (M, 23 anos)

Ou seja, é como se ele tivesse uma espécie de ética na sua carreira criminosa. E um certo respeito, e ao mesmo tempo responsabilidade, com a comunidade da qual fazia parte. É interessante também observar como ele se coloca como que se fosse a serviço do crime, quando se diz ser um *soldado do crime*, como se ele fosse um ator naquela estrutura já pré-existente e pré-definida. Esse mesmo indivíduo e outro falam do empoderamento que sentiam ao praticar crimes e especificamente ao portar uma arma:

Eu me sentia criminoso quando eu tava com uma arma na cintura. Sabe? Aí eu dizia "Eu sou o cara". (M, 23 anos)

Eu queria ser sempre o bam-bam-bam. Queria ser sempre o cara. Queria sempre aparecer... Queria ser o destaque. Ai pronto. "Playboy se garante, playboy se garante." "Se garante, po?" "Se garante." Ai vinha um, me dava uma 12. Me dava um "oitão". O ota queria me dar um pistola. Cada amizade me dava umas arma assim e a fui bancando minhas arma com pedra. Sempre eu fazia só coisa errada... (?)... Era assim, minhas amizade. Ai através das arma que eu botava na cintura, eu me sentia o cara, né? (...)Se sentir temido, né? Se sentir temido.

Há também a minoria, dos que alegam motivos mais pessoais para começar a se envolver com atividades criminosas.

Minha raiva foi que eu fiquei... foi porque roubaram uma pessoa da minha família e eu num gostei. (...) Eu num... num me dou muito com ladrão, não. (...) Roubaram tudo da minha família, eu peguei, fui cobrar, né? Por detrás, né? Eu me envolvi no tráfico, assim, e começou aquele... Num sou, num sou, assim, dizer que saí do canto que eu tô pra bulir com os outro, não. Eu sou um cara tranquilo, na minha, tá certo? Eu respeito todo mundo e assim eu quero que todo mundo me respeite. Mas sempre tem uns elemento, assim, que quer testar a fé do cara. Aí o cara num pode, né? (...) E eu sou um cara... que sou um cara de pavio curto... (Y, 22 anos)

Na fala anterior, já percebe-se que a sua dinâmica no crime, de ser alguém *tranquilo até certo ponto*, ou seja, até que *não mexam com ele*, já aparece como motivação aparentemente suficiente para se vingar dos outros com agressões de força física ou até homicídios. Motivos dessa natureza aparecerão mais no item seguinte, como motivação para o cometimento de homicídios.

Aproximadamente cinco deles contaram que já haviam tido passagens na Fundac ou no DPCA (Delegacia de Polícia da Criança e do Adolescente) quando menores de idade, todos por terem sido pegos em flagrante cometendo algum delito. Ainda quanto a terem sido presos, em relação á prisão atual, três deles citaram que apanharam na delegacia (DHPP) antes de ir pra prisão, durante alguns dias, para entregar seus comparsas. Outros, minoria, também já haviam sido presos e terem cumprido pena outras vezes, e um deles alega que ter sido preso não alterou em nada a sua prática de crimes, pois quando ficou livre continuou a cometê-los. No entanto, como será visto no fim do capítulo, a maioria alega prezar muito pela liberdade e tentar não se envolver mais com crimes para não ter de voltar à cadeia nunca mais.

### ***3.3.1 Características da agressão: Configurações dos homicídios***

Esta é a fase mais difícil da análise das entrevistas, pois como dito no início do capítulo, o foco das entrevistas não era o fenômeno do homicídio em si, mas toda a trajetória do indivíduo. Desta maneira, não foi possível encontrar tantos elementos quanto desejados que configuram um homicídio, especialmente no que concerne ao perfil da vítima. No entanto, ainda há informações interessantes acerca do contexto/situacional dos homicídios nas narrativas dos homicidas. E quanto ao perfil do agressor, este já foi descrito no item anterior. Antes de passar para a elucidação das questões do quadro de análise de entrevistas, será realizada uma contextualização do envolvimento desses homicidas com homicídios, através de uma caracterização do início de tal atividade criminosa.

#### ***3.3.2.1 Início do envolvimento com homicídios***

Esse item trata dos que não mataram apenas uma vez, então é interessante compreender como e porque eles passaram a cometer homicídios. Muitos deles

começaram bem cedo, na faixa dos 14 anos. Assim como boa parte das explicações para o início da prática de crimes se dever à convivência e ao consequente envolvimento com pessoas que estavam inseridas no *mundo do crime*, tal explicação reaparece para o cometimento de homicídios: tanto os que já praticavam outros crimes, quanto os que começaram a vida criminosa logo praticando homicídios.

Comecei com meus 14 anos. Com 14 anos eu comecei a andar com os meninos, os caras. Aí depois eu vi os meninos matando, só tirando a vida dos outros. Eu andando com eles, eu pensei: “Vou também morrer”. Porque eu tô junto né? Se tiver que vir matar eles, vai ter que me matar também. Eu tô colado com eles. Acabou eles dizendo: “Juninho é melhor tu matar pra não morrer.” Aí eu vou fazer o que da minha vida, hein? Tenho que matar. (...) Aí pegaram, me deram uma arma. (...) Era uma quadrilha. Era tipo um grupo. (...) Era de extermínio. (...) Eu comecei a andar com os caras através do meu irmão. (J, 21 anos)

Boa parte desses reincidentes alega, como no caso anterior, que passaram a cometer homicídios com o objetivo do grupo de extermínio: de limpeza de área, eliminando bandidos que perturbavam a ordem da comunidade, para proteção desta – isto reaparecerá e será melhor explanado no subitem (c) que trata da contextualização e motivação dos homicídios. Ainda no caso anterior, o homicida alega ter sido necessário matar para sobreviver – explicação que reaparece nas falas de outros homicidas. Outros, seguindo a mesma lógica, mas que já praticavam outros crimes, alegam que passaram a matar por consequência dos seus atos criminosos anteriores:

Dos 13 anos até os 16 anos foi mais complicado porque eu tava usando droga. Cheguei até a roubar. Me envolvendo em coisas que não era pra eu me envolver. Roubei, matei, fiquei assim... Sem saída, sem saída. (D, 24 anos)

Dos 22 entrevistados, cinco deles alegam não ter cometido homicídio algum, embora quatro deles confessassem a prática de diversos crimes. No entanto, o outro confessa em um primeiro momento ser líder de grupo de extermínio; e depois, se contradiz. De qualquer maneira, ele confessa afinal a convivência com integrantes de grupo de extermínio e estar ciente dos crimes cometidos, ou seja, teria uma participação indireta:

[se referindo ao irmão:] “Um tá preso comigo. (...) É. Tá na mesma operação. Grupo de extermínio.(...) Eu era líder de um grupo de extermínio e ele líder do outro grupo.” (C, 28 anos)

Na verdade eu não era o líder do grupo de extermínio. Isso foi um personagem que fizeram de mim. (...) Eu tinha 6 inquéritos de homicídios. E nesses inquéritos nada comprovado contra mim. (...) Aí fui preventivado, só que eu tenho formação de quadrilha. (...) Eu conhecia, assim. Não tinha essa, na verdade na verdade, não tinha essa coisa. Eu vivia junto. (...) De futebol.

Que vivia batendo bola. Judô não, era aquela coisa elitizada. Futebol não, tinha toda aquela coisa, conhecia, comecei a beber. (...) Nenhum crime, nunca. (...) Assim, uma pessoa ligou pra mim falando sobre um cara que tinha, que falava mal de mim. No dia do meu aniversário, eu tava bebendo e "meu irmão, tá assim esse cara?" Aí foi isso que eu falei, passou, e me pegaram numa escuta telefônica, numa interceptação dessa e para meu azar esse cara morreu. (...) Me conformo porque eu sabia das ações, indiretamente, eu participo. Na verdade eu não sou um co-autor. Eu participo. (C, 28 anos)

Outro desses cinco confessa que só não matou por falta de oportunidade:

O cara tentou tirar a vida do meu irmão, né... minha mãe chorando... (...) Eu fiquei com raiva, né lógico, né. Se tivesse uma oportunidade... hoje em dia mais não, né. (...) Tinha... na hora sem pensar duas vezes, se eu fosse preso ainda dizia... "matei e mato de novo". (R, 22 anos)

Ou seja, se levando em consideração que estes homicidas falaram a verdade, fica claro que ainda que esses cinco não tenham matado, eles podem ser considerados jovens que possivelmente cometeriam homicídios, "homicidas em potencial", já que estavam todos inseridos no mundo do crime e que esta é uma justificativa recorrente para o cometimento de homicídios, principalmente para os que já cometiam outros crimes. No entanto, não se pode dizer que é certo que todos matariam, já que nem todos os que praticam crimes necessariamente passam a matar.

Porque uns passam a cometer homicídios e outros não é uma combinação de diversos fatores, portanto, é impossível determinar uma explicação unilateral, partindo só do homicida, só da vítima, ou só da situação. Desta maneira, fica claro mais uma vez porque é a junção destes três elementos, cada qual com seus atributos, que finalmente configura um homicídio. E esta dissertação é justamente a tentativa de elucidação das configurações prevalentes de homicídios praticados e sofridos por jovens no Recife em 2009.

### ***3.3.2.2 Contexto situacional e motivações dos homicídios***

Em relação à pergunta central para análise das características da agressão "Qual o tipo dominante da agressão que prevalecem nas entrevistas com presidiários?", procurar-se-á responde-la em relação a: a) motivação; b) circunstância em que ocorreu o crime; c) relação vítima agressor; d) número de agressores; e) armas utilizadas; f)

evidências de reação por parte da vítima; g) número de vítimas; h) presença de álcool ou drogas; i) número de testemunhas do fato; j) hora do crime; k) local do crime; l) Reincidência.

**a) Motivação:**

Em relação à motivação, antes de explorar narrativas individuais e mais detalhadas de homicídios, é necessário elencar as motivações recorrentes para o cometimento contínuo de homicídios, ou seja, as justificativas que os homicidas contumazes dão para a prática dos seus vários homicídios.

Quando questionados sobre o porquê de ter cometido tantos homicídios, uns alegam participação em grupo de extermínio, em que a dinâmica costumava ser a seguinte (motivação classificada como ‘Crime de mando: grupo de extermínio’):

Grupo de extermínio é assim. Tem um rapaz ali que roubou fulano, não sei que. Assaltou a venda ali de não sei quem. A gente falava “ah, tem que morrer, não pode tá acontecendo isso no bairro que a gente mora”. Aí “vamo pegar”. Aí sempre ia o carro, uma moto quando a gente não queria matar no local pra polícia num... A gente colocava dentro do carro, aí levava entrava numa mata, jogava o corpo lá, de vez em quando enterrava. (...) Ladrão que eu dou valor é que rouba de quem tem e o maloqueiro rouba de quem não tem. Por causa de uma droga, vai atrás de uma droga de crack... Tá morrendo muitas pessoa por causa de crack, tá entendendo? Aí esses elemento assim não passava no meu não. (G, 22 anos)

Matava porque os cara roubava, brigava, roubava na comunidade vizinha, ia traficar e... Todo tipo de crime, a gente só ia por causa da droga. Porque se não rolasse droga, não tinha homicídio não. Agora os ladrão vão roubar, não tem dinheiro, vão roubar, tudo pra comprar droga. (...) Matava por encomenda não. (...) Menor, homem, mulher. (J, 24 anos)

Era assim: chegavam para matar pessoas assim inocentes né? Aí o rapaz que a gente trabalhava pra ele não gostava. Ele matava segurança às vezes do rapaz. (...) Aí matavam os caras que era inocentes, assim pai de família. Ai a gente ia lá, entrava dentro da favela lá, matava. (...) Era turma do apito. (...) Eu chegava só assim pra matar, né? (...) Recebia, recebia sim, recebia pouco. Não era coisa fixa não. (...) Era por semana. (...) Eu achava bom. Que por uma parte eu comprava bala pro revólver. (...) Na minha mente só foram 4 só. Com esse último que eu caí. Que não era nem pra eu ter matado ele. Porque eu fui na onda dos outros. (...) Esses é os que eu me lembro. O resto eu não me lembro mais não. (...) Nunca matei mulher não. Só maloqueiro e ladrão. (J, 21 anos)

Como visto anteriormente, a ideia do grupo de extermínio era geralmente eliminar os bandidos de outras áreas que viessem perturbar a comunidade da qual o homicida pertencia. Dentre essa dinâmica, haviam certos códigos de ética, como por exemplo, só matar quem rouba de quem tem (ricos), e não de quem não tem (pobres).

Outro se referia a matar quem agredisse inocentes. Um deles ainda disse que não matava mulher, embora os outros não tivessem apresentado essa restrição. Alguns recebiam dinheiro para proteger a comunidade, embora não considerassem que matavam por encomenda, pois as vítimas precisavam atingir os critérios que eles considerassem justos. Esse caso do grupo de extermínio é o típico caso de agressor e vítima com perfis parecidos, ou de criminoso matando criminoso, em que as vítimas eram também possíveis homicidas e que os homicidas são também vítimas em potencial, que poderiam já ter sido assassinadas.

Outro exemplo que se encaixa nessa descrição anterior de agressor e vítima com perfis parecidos, e é outra justificativa recorrente para os homicidas contumazes, é a necessidade de matar por ser traficante e por causa da guerra do tráfico (motivação classificada como ‘Traficante-Traficante’):

Foi mais o tráfico véi, o tráfico não queria perder meu ponto pra ninguém. (...) Porque vai ter vários, vários, vários caras também envolvido no tráfico, vão dizer que seu bagulho tá gerando vai querer, vai querer tomar, véi, de assalto. (...) Tomar de assalto, e como eu cheguei lá, e não tinha ninguém botando nada, neste tempo não gerava nada lá, fui o primeiro e não podia perder pra quem tava chegando, né véi? (H, 24 anos)

Sobrevivência de né... (...) Meu negócio é, meu negócio é assalto, é só assalto e tráfico. Então pelo assalto e pelo tráfico, querer comandar algumas coisas então gera isso né. (M, 27 anos)

Porra, foi a guerra do tráfico né? Guerra do tráfico e muita fama meu da rua, muita fama. (...) Pedra, vendia muita pedra e fica só o nome da pessoa, fama é o que na comunidade vem nego que quer parar ali, aí começa a guerra. Aí eu pra não morrer tive que matar mesmo. (...) Eu mato só, matei muito, digo... Tudo eu matei só, enchia a pistola de bala e corria atrás dos boyzinhos, chegava e matava mesmo. Não tinha isso de dia, de noite não, qualquer hora eu ia pegava, andava de cima ai pronto, sempre com a minha pistola na cintura de moto... (X, - 29 anos)

Ou seja, nesses casos anteriores, o ato de matar acaba sendo consequência do tráfico de drogas, sendo uma disputa entre os próprios traficantes. Como um mesmo disse, por sobrevivência mesmo. No entanto, a última fala anterior denuncia o que Alba Zaluar caracteriza como disposição para matar, característica do *ethos guerreiro* destes jovens: “*Eu mato só, matei muito, digo... Tudo eu matei só, enchia a pistola de bala e corria atrás dos boyzinhos, chegava e matava mesmo.*”

Há outros casos também de homicidas com perfis parecidos das vítimas, em que mataram por rixas entre eles; ou por desentendimentos devido às demais atividades

criminosas, geralmente assaltos ou até empréstimos de arma de fogo (motivação classificada como ‘Transação criminal’), como o caso a seguir:

Droga, empréstimo de dinheiro, droga, arma, arma perdida... Arma perdida não, arma não se perde arma é tirada, o cara empresta uma arma, a um elemento pra ele fazer um assalto pra ele fazer um homicídio, e ele com a história que perdeu a polícia, a polícia tomou, nunca vi polícia tomando arma de ninguém, e não levar o cara pra cadeia... (...) Depois deste tempo todinho que eu vivo gerando na favela, considerado no bagulho, o cara tá querendo tirar é? E eu tinha que mostrar que ele não... Pronto, através disso eu matei que só a porra. (H, 24 anos)

Já na fala anterior, mais outro traço do *ethos guerreiro*: a hipermasculinidade exaltada pelo jovem com “o cara tá querendo tirar é? E eu tinha que mostrar que ele não...”.

Algo que pude perceber de comum no discurso desses homicidas contumazes é que o primeiro homicídio é de fato o grande ponto de partida. Após matarem pela primeira vez, quando não sentem remorso ou medo algum, é quase que natural continuar matando. É como se fossem desenvolvendo a tal disposição para matar. Um dos homicidas exemplificou bem tal sensação após ter realizado seu primeiro homicídio:

Normal né assim né, normal assim pra a pessoa, mas pra a sociedade nada, mas a pessoa assim na sociedade se a pessoa dizer que, ficar tu falando que é normal a pessoa vai dizer “Tu é um monstro!”. (risos) (...) Ainda é um instinto mais ruim do que o um animal, acho que o ser humano é mais ruim do instinto dele, assim, quando é, ele vai pra vida do crime assim ele é, vai subindo no crime e não tem consideração com nada né. (M, 27 anos)

Na última fala, mais uma característica da hipermasculinidade peculiar ao *ethos guerreiro*: a insensibilidade com o sofrimento dos pares, ao admitir a falta de consideração com nada, ou seja, inclusive com o próximo.

Nesses casos todos já listados nesse subitem, os homicidas estarem já inseridos no mundo do crime, ou porque já cometiam outros crimes ou porque já convivam bastante com outros homicidas, foi fundamental tanto para que cometessem o primeiro homicídio quanto para que continuassem tal prática. Essa justificativa aparece também por si só para o início do envolvimento com homicídios:

Foi má influência. Através de, traficante, assaltante, de policial corrupto que eu vi bater na, bater na comunidade, bater em pai de família. Eu já vi policial bater em pai de família. Por nada. Para mostrar. Foi criando aquela mágoa dentro de mim, tá entendendo? Aquela revolta. Aí eu disse "Meu Deus, que mundo é esse? Que revolta esse mundo tá. Esse negócio veio pra acabar, esse crack veio pra acabar, o crack". (M, 23 anos)

Há também os que alegam motivos pessoais, por terem matado algum irmão ou outro familiar seu. Geralmente estes já cometiam outros crimes e continuaram praticando mais homicídios após o primeiro, motivado por uma vingança.

Listadas as motivações gerais mais recorrentes para o cometimento de vários homicídios, passa-se para motivações mais detalhadas narradas pelos homicidas. Há um caso em que, contrariando a contextualização da maior parte dos homicidas, este não foi criado nem cresceu em ambiente em que estivesse em contato diário com a violência, logo, não se envolveu no crime devido à influência de amigos que fossem criminosos, pois apesar de ter nascido em bairro violento no Recife, se mudou ainda com 4 anos de idade e foi criado em outra cidade, na qual ele relata ter tido ótima e tranquila infância. No entanto, houve um fato determinante para o seu envolvimento com homicídios: sua irmã foi assassinada em Recife enquanto ele não morava mais lá. Ainda assim, ele só voltou para Recife quando de maior para visitar suas outras irmãs. E infelizmente, nessa volta ao Recife, sentiu necessidade de ficar para vingar a morte da irmã (motivação classificada como ‘Justiça Privada’):

“O que fez como eu ficasse foi quê: primeiro descobri, quando eu cheguei descobri quem foi que tinha tirado a vida da minha irmã... Aonde morava, aonde se encontrava. (...) Agora, quando cheguei aqui, quando cheguei aqui, a família do cara que tinha matado a minha irmã ficou sabendo que a gente tinha voltado, "Não, a família dele tá ai e tal." Meu pai já tinha morrido, aí resolveram que iam lá meu véi, aí foi quando levei meu primeiro atentado... (...) Porque isso aí foi uma guerra de família que foi entre, entre meu pai eles lá, né véio?! (...) Aí, aí, tipo assim, meu pai tinha um grupo de extermínio aqui, véi, em *tal bairro*. Aí, com quatro anos de idade eu num fui me embora? Meu pai ficou, e nesse bagulho, aí foi que aconteceu, foram matar meu pai e esse bicho acabou matando a minha irmã... (...) Quando eu volto, o caba vem de lá pra querer matar eu e minhas irmãs dentro de casa. Aí foi quando eu entrei no crime. (...) Eu sabendo como aqui era, Recife, eu fiquei já naquela, né? Com medo né véi, que aqui em Recife é muito. Lá a gente vê o que acontece aqui. (...) Aí eu comprei um revolver pra mim, tava dentro de casa, aí foi através disso aí que ele não conseguiu matar nem eu, nem minhas irmãs. (...) Aí reagi, aonde fui, aonde fui que eu vim pensar que ali era minha defesa. Aí também já não parei, já não parei mais de andar armado... Aí meu dinheiro que eu trouxe acabou, aí comecei a me envolver no tráfico. Sobrou uma mixaria, aí já vou investir no tráfico, que é aonde eu fui morar, era na cidade *tal* [na Região Metropolitana do Recife], lá onde foi onde minhas irmãs tava morando numa favela, a primeira favela fundada lá nessa cidade. Aí, eu meti o tráfico pra rolar lá, aí o que rolava lá de drogas era meu. Comecei ganhando dinheiro, decidi ganhar dinheiro, e nos tráfico o cara arruma vários inimigo. Aí onde eu fui arrumando inimigo, e nesse bagulho de arrumar inimigo, aí aonde foi: me envolvi pra roubar e a matar, ao mesmo tempo.” (H, 24 anos)

Outros também alegam motivos de vingança por outros terem afetado seus familiares (motivações também classificadas como ‘Justiça Privada’). São também casos em que o cometimento do primeiro homicídio por vingança, desencadeou no envolvimento com vários outros.

[primeiro homicídio:] “Matei por que o cara roubou a minha mãe. Matei e joguei da barreira embaixo. (...) Conhecia uma pessoa que tinha arma. Pedi emprestado por que o cara roubou a minha mãe. (...) Eu conhecia ele. (...) Não dava pra conversar. Fazer a mãe do cara chorar. Daí começou o desmantelo. (...) A turma tinha uma pá de matador lá, que botava todo mundo pra dentro, não sei o que. Que era dono da rua. Que eu podia ganhar algo. Era um grupo de extermínio. E eu fui me resolver, né. Pra entrar. E acabei no grupo de extermínio. E depois eu formei o meu.” (J, 24 anos)

“Catorze anos. (...) Por causa disso mesmo. Que falando lá que quem matou meu irmão tinha que morrer e... Aí porque eu falei demais eles vieram me matar. Aí eu me defendi né? Quando eles vieram me matar eu já tava em cima, por que eles vieram, minha casa é alta, aí eles vieram por baixo, eles vieram, eu já tava esperando eles. (...) Matei um só. Não foi o que matou meu irmão, foi um que ele mandou né?” (F, 22 anos)

[primeiro homicídio:] “Revolta. (...) Ele tentou mexer com meu pai, eu saí descontando nos outros...” (R, 27 anos)

“Homicídio porque ele era mais novo, sempre embaçava na minha irmã, não sei quê, e minha irmã dizia que não queria ele, assim, aí eu fui e matei ele me frente ao bar lá. (...) Porque minha irmã se entregou pra ele aí ele um mês que ficou com a minha irmã, ele já ficou com outra aí eu disse a ele: isso não é papel de homem não.” (C, 26 anos)

“Cometi porque... Na verdade esse cara tinha matado um amigo meu. Meu amigo não fazia nada era trabalhador e pai de família. Ele matou e roubou o cara e matou. Eu fiquei com raiva assim né? Por que ele nem tinha sido preso. Eu me sentia revoltado, via a família do cara sofrendo, os filhos dele. Aí eu fiquei com raiva dele, fui e matei ele.” (D, 24 anos)

É interessante notar que nesses casos, matar o outro para se vingar parece simplesmente a alternativa ideal para resolver seus problemas. Eles não costumam sentir arrependimento e ressentimento e nem sentem que vão ser punidos por tais crimes, tanto que continuam matando. Pode-se concluir que o meio no qual eles vivem, em que matar é uma alternativa possível e muito utilizada para “resolver” desentendimentos, isto é determinante para tais indivíduos praticarem tantos homicídios. O *ethos guerreiro* característico destes jovens acaba fazendo com que haja uma certa legitimação entre eles para que seus conflitos sejam resolvidos com violência.

A sensação de impunidade, como Coelho (2005) acredita, também é fator influente, ainda mais nestas comunidades em que as alternativas criminosas parecem ser cada vez maiores do que as alternativas não-criminosas. Há caso em que um homicida

de 24 anos já matou mais de 50, ou seja, foram necessárias mais de 50 vítimas, para que o homicida finalmente fosse preso e obrigado a pagar por seus crimes na justiça. Quando finalmente são presos, começam a achar que não deveriam mais cometer crimes, embora nem a prisão funcione como impedimento para alguns, que ainda cometem homicídio por lá:

[homicídio cometido na cadeia] “Foi, foi meu comparsa mesmo, que ele caboetava muito né, eu não nego né, minha pessoa, que a pessoa fez a pessoa não vai dizer que fez né então, eu nego e ele assumia né, então tenho que executar ele pra ele sair de linha né, porque podia no final de tudo ele vai embora e a gente vai ficar? (...) A justiça não diz que se recorrer a réu confesso não tem privilégio né?!” (M, 27 anos)

[homicídio na prisão:] “Foi aqui mesmo. Queria me desmoralizar, dar na minha cara. Aí teve que morrer né?” (F, 22 anos)

#### **b) Circunstância em que ocorreu o crime:**

Das nove narrativas mais detalhadas de homicídios, tem-se que três destas ocorreram em situações de festas/bares – sendo dois por desentendimentos que ocorreram no momento imediatamente anterior ao crime (motivação classificada como ‘Motivo Imediato’) e um por rixa anterior que gerou a situação do homicídio (‘Rixa Histórica’); um na prisão – desentendimento gerado na própria prisão (‘Motivo Imediato’); dois nas redondezas que os homicidas residiam – um por ‘Rixa Histórica’ e outro por ‘Motivo Imediato’; um em território de gangue rival (‘Conflito Entre Gangues’); um crime de mando por grupo de extermínio; e outro cometido por um usuário de drogas que matou em assalto para sustentar seu vício.

Darei como exemplos narrativas de algumas circunstâncias listadas, de tipos que ainda foram citados em subitens anteriores:

Do nada. Uma bichinha dele gritou pra mim uma vez no pagode, aí, tu sabe, né? Como os corno fica brabo, num é do tempo de hoje... Ainda por cima com um revólver na cintura. Pensa que é o dono do mundo, num quer respeitar ninguém. (...) Aconteceu que eu tava no pagode, cheguei, eu vi uma certa pessoa só, mai era de uma certa pessoa... Só que ela... (...) Não, só que ela olhou pá mim (...) e eu chamei. E eu sei que eu sou um cara que tenho uma conversa a derrubar, tá entendendo? (...) Ficou sabendo, né? Aí ficou brabo: “Se eu pegar ele eu mato!”, eu: “Tá certo, vai matar agora.” (...) Aí eu fiquei com medo, né? A pessoa sai com, com medo, né? Como eu disse a você, né? Um homem com medo é capaz de tudo. (Y, 22 anos) **[Contexto de festa, ‘Motivo Imediato’, o jovem continuou matando depois]**

[primeiro homicídio, também primeiro ato criminoso:] “Tinha um cara lá na rua de casa um cara chamado *Fulano* que, eu empinava papagaio aí sempre

ele tomava meu papagaio, tomava minha linha... Ele tinha uns 28 anos. Eu era pirrainha... Aí eu empinava papagaio, tal, ele tomava minha linha direito, né, aí eu: ó pai esse é um feioso... pai disse: “*Sicrano*, se chegar em casa apanhado vai apanhar de novo. vai apanha de novo”. Aí: “eu não vou apanhar mais não”. Tava empinando papagaio no terreno na frente de casa aí ele chegou e tomou meu papagaio e minha linha e deu um cascudo em mim e se saiu. Eu disse: “ah, menino!” Quando foi a tardezinha eu fui na casa de um compassa meu, meu amigo, peguei uma arma e dei um bocada de tiro nele, 6 tiros dei nele. Só na cara. (...) 11 anos.” (R, 23 anos) [**Redondezas onde moravam agressor e vítima, ‘Rixa histórica’, o jovem continuou matando depois**]

Aí o outro veio me chamar. Chamou eu e chamou outro primo meu. “Tu já matasse?” Eu digo “Não.” “Tu se garante?” (...) Aí de lá eu fui ver o negócio do meu irmão. (...) Aí tava meu primo, o meu irmão que era da vida errada e eu, e o outro que tava lá né? (...) Foi na casa de outro primo lá dele, no caso, que era da polícia, ele deu uma arma dele também. (...) Até meu irmão do, do, do, que o cara ameaçou, foi também. (...) Chegou lá a gente, no escuro, que lá é feito interior, *bairro tal*, num se tu conhece. Aí tavam tudo cheirando cola, dando uma bola, eu num sei. Sei que o meu, passou na frente assim: “Bora todo mundo quieto”, aí eu também né, puxei, eles polícia e pa... e eles correram. Aí num sabia em quem atirar, num sabia quem era o cara, ele fez: foi aquele ali, aí ele deu: Pou! O meu irmão né? Pou!Pou!Pou!, aí pegou um tiro aqui nele, no pescoço, ele caiu. Aí eu cheguei junto dele né? Eu fiz: “é esse cara aqui né?” “É ele mesmo.” Aí eu dou, com o revolver, era de cinco tiro, eu dei cinco tiro e num saiu um. O revolver. Aí sabe o que eu fiz? Tirei a bala desse, aí botei no do meu irmão e dei os cinco tiro nele. Pou!Pou!Pou! e pronto.” (M, 29 anos) [**Território de gangue rival, ‘Conflito entre gangues’, o jovem continuou matando depois**]

Eu na realidade eu, eu só fiz um homicídio só. Eu tava naquele, em um daqueles dias que precisava pagar algumas drogas, e saí né? Saí pra roubar, aí num consegui nada a primeira vez. (...) De repente chega essa menina que eu morava com ela. (...) Aí ela insistiu, aí foi eu e ela. Quando eu chego numa certa rua lá, aí eu vejo, eu andei a cidade todinha de madrugada, o centro da cidade todinho. Aí num encontrei nada, aí já tava, já tava já desistindo, né? Quando eu vejo eu vejo essa pessoa na, na rua, aí eu pronto é esse aí mesmo. A gente racha e vai simhora. (...) Aí quando eu abordo ele, eu puxo a arma e digo, eu falo que é um assalto né? Ele, me desprezou e nem ligou. (...) Aí naquilo já foi me deixando com raiva e com medo, ao mesmo tempo né? (...) Aí quando eu abordo ele, eu fico de lado né? Dele, assim de lado dele, e ele assim andando. Eu com a arma é, apontada pra ele, ele pegou, a menina pegou meteu a mão na, no bolso dele. Aí nisso que ela meteu a mão no bolso dele, tentou puxar num sei o que foi. Ele segurou no braço dela e ela, e agarrou ela. Aí eu abaixei a arma, arriei o cano eu dei uma... Coronhada. Quando eu dei a, a primeira coronhada o revolver disparou no meio dos dois. Aí eu me desesperarei pensei que tinha pegado nela. Aí comecei a atirar, e esses tiro pegou nele.” (J, 29 anos) [**Bairro alheio, assalto em que usuário estava a procura de dinheiro para comprar drogas, único homicídio cometido**]

Vale ressaltar que o que há de comum nestas circunstâncias é que todas tratam de realidades de bairros mais pobres, tanto onde ocorreram os crimes quanto onde residiam as vítimas e os agressores, que geralmente tinham características e perfis parecidos.

**c) Relação vítima agressor:**

Como já foi visto nas várias citações de narrativas dos homicidas, a maioria dos casos envolve interação prévia ao homicídio entre agressor e vítima. Estes geralmente já se conheciam, seja porque conviviam na mesma vizinhança (em boa parte dos casos), porque eram membros das mesmas gangues ou de gangues rivais, porque eram traficantes de drogas rivais, entre outras interações. Tal fator só reforça mais uma vez a grande semelhança entre os perfis de homicidas e vítimas. Este dado condiz com que o que foi encontrado nos inquéritos policiais, como demonstrado no capítulo anterior.

**d) número de agressores:**

Os casos relatados apontam que todos os homicidas contumazes, que por sua vez são a maioria dos jovens entrevistados, costumam cometer homicídios acompanhados de outros criminosos na maioria das situações. Tal dado está mais uma vez em concordância com o capítulo anterior. As situações que prevalecem apenas um agressor geralmente são situações em que a motivação para o homicídio é o ‘Motivo Imediato’, em sua maioria nos casos em que vítima e agressor não se conheciam.

**e) Armas utilizadas:**

A grande maioria dos homicidas narrou que cometeu os homicídios com arma de fogo, o que também está de acordo com os dados revelados pelos inquéritos policiais. Tal fator elucida que o fácil acesso às armas de fogo é um meio facilitador para a prática de homicídios. Um homicida deixa isso muito claro:

Aí eu passei seis meses na FEBEM. Aí de lá, me soltei, o juiz me soltou. Aí quando eu me soltei, no outro dia assassinaram um irmão meu. Aí eu fiquei revoltado da vida, aí eu comprei uns armamento pra mim, aí eu comecei a matar os pessoal tudinho que matou o meu irmão. (...) Oxe, revolver é mais fácil que pão. Todo canto vende. Não é todo mundo que vende, mas, assim pra quem tem experiência que que que mata que... Naquele momento ali... Quando o pessoal tivesse dizia um ao outro “ali se pode comprar na feira”... Aqui é fácil, era muito fácil, tá entendendo? (G, 22 anos)

Armas de fogo ainda fazem parte da dinâmica de sobrevivência e de guerra das comunidades violentas. E quando se pensa nas armas de fogo especificamente em

relação aos jovens, Alba Zaluar ressalta que estes passam a andar armados para evitar serem vitimizados pelos seus pares armados, para impor respeito e para gozar do prestígio adquirido com a posse de armas. Ela ainda lembra que esse fácil acesso às armas nestas realidades faz com que o valor atribuído a um homem passe pela posse da arma, e com isso conquistar o que eles chamam “consideração” ou “conceito” (no caso das favelas no Rio de Janeiro, que aqui podem ser retratadas em termos como “resposta” e “moral”). Para utilizar a arma, tem que adquirir a tal “disposição para matar”, o que significa virar um jovem mais duro, mais cruel, insensível ao sofrimento alheio, comportamento este que conseqüentemente acaba sendo generalizado e naturalizado. Por isso, e não só por isso, o controle no acesso às armas e na sua comercialização é fundamental para uma política de segurança pública eficiente e eficaz.

**f) evidências de reação por parte da vítima:**

De acordo com as narrativas dos homicidas jovens entrevistados, não costumava haver reação por parte da vítima, e na maioria dos casos aparentemente por não ter havido oportunidade/possibilidade para tal. Muitos casos se referem a situações nas quais as vítimas foram pegas de surpresa, ou por terem sido execuções, ou por se tratarem de discussões que emergiram na hora do fenômeno do homicídio e que por ventura um deles estava armado enquanto o outro, não.

**g) número de vítimas:**

Dado o que já foi visto, observa-se que a maioria dos casos retratados se refere a situações em que os agressores, acompanhados ou não, geralmente assassinaram apenas uma vítima. Nos raros casos em que houve mais de uma vítima, foi porque a vítima principal (a que os agressores tinham o objetivo de matar) estava acompanhada desta outra vítima e acabou também sendo assassinada.

**h) presença de álcool ou drogas:**

O álcool se fez presente nas situações em que os jovens cometeram homicídio em festas, eventos ou bares. Em apenas um dos casos citados, fica claro que o álcool foi um facilitador para o cometimento do crime, já que o agressor, a vítima e outros presentes estavam sob efeito deste:

Meu primeiro homicídio... Aconteceu em uma festa, lá em *tal bairro* (...) Nesta festa ai, foi meu primeiro homicídio. (...) Por causa da minha mulher mesmo. (...) Tava eu, minha mulher e minha sogra, tinha deixado o carro estacionado em baixo, e tava lá em cima vendo rolar a festa mesmo. Aí chega no bar, tô tomando uma cerveja, aí o cara veio de lá ver se podia botar uma cerveja na mesa, meu irmão. Aí eu pergunto a ele se não tinha outra mesa desculpada pra ele ficar lá, que eu estava com minha família aqui. "Não, Não! Não né caso que tenha a mesa desculpada não, só tô perguntando se tem condições?" "Condições tem né véi, assim, que você tome sua cerveja, é. Você pra lá, e nós pra cá, aqui a gente tá tratando, de, conversando sobre um bagulho, assim, de família, e tal." Aí ele fica, mas neste período que ele fica, ele como era mais velho do que eu né? Aí ele já tá, com aquela intenção maldosa para o lado da minha sogra, e eu tô vendo aquela cena, e tô com minha mulher e tô rindo pra minha mulher e ela rindo pra mim: "Esse bicho tá afim da tua mãe." Tô dizendo a ela. "Esse bicho tá afim de ficar com a tua mãe e tal." Aí neste bagulho, minha mulher tava tomando umas cerveja também. Minha mulher, não queria que a mãe dela ficasse com cara, por causa, do pai dela, ela gosta muito do pai dela, só que aí é separado, e ela gosta muito do pai dela ela, e queria como se juntar né? Aí minha mulher levanta, fala com ele. (...) Que pega toda e pega um copo de 600 ml cheio de cerveja. Aí ele pergunta se minha mulher "Tá de cabeça quente é?" Ela: "Tô, depois que você chegou fiquei de cabeça quente, você tá querendo ficar com minha mãe, não quero que minha mãe fique com ninguém." "Então esfria a cabeça!" (...) Ele jogou o copo de cerveja cheio, em cima da cabeça de minha mulher véi, molhou ela toda, ô nessa hora aí eu.... Já tava fora de mim véi, nessa hora aí. Quando ele fez isso, eu já tava aqui, ô! Não teve nem como, eu armado. (...) Então, matei ele na mesma hora véi." (H, 24 anos)

Na fala anterior, o álcool provavelmente facilitou a opção de resolução do conflito através da morte, quando a motivação surgiu na hora, no calor do momento, o que é encaixado na motivação categorizada como 'Motivo Imediato'.

Quanto às drogas, estas aparecem de maneiras diversas que devem ser distinguidas (como foi pontuado no capítulo anterior), não estando necessariamente diretamente ligadas às motivações. Se tratava às vezes de conflitos entre traficantes, outras vezes de conflitos entre traficante e usuário, mas na maioria das vezes apareceram nas narrativas como pertencentes à própria realidade dos homicidas ou à própria dinâmica dos grupos sociais dos quais eles faziam parte, geralmente porque estes homicidas foram usuários destas drogas, na maioria das vezes, a maconha.

#### **i) Número de testemunhas do fato; e j) hora do crime:**

Os homicidas entrevistados não comentaram e nem foram questionados sobre a existência de testemunhas durante os homicídios cometidos. É possível supor, no entanto, que os homicídios que ocorreram em festas ou em vias públicas certamente tiveram testemunhas. Também não foram questionados sobre o horário em que cometeram os homicídios.

#### **k) local do crime:**

Pelas narrativas observadas, tem-se que a grande maioria dos homicídios ocorreu em via pública, dado esse que foi obtido também através da análise dos inquéritos policiais. Tal local está de acordo com as circunstâncias nas quais os crimes ocorreram.

#### **l) Reincidência:**

A maior parte dos que confessaram ter praticado homicídios (13 dos 17) são reincidentes, praticaram vários outros homicídios. Há os casos mais gritantes, em que um jovem de 24 anos já matou mais de 50, que se refere a um integrante de um grupo de extermínio. Outra justificativa recorrente para eles é a guerra do tráfico: disputa por espaço e por bocas de fumo os levam a matar seus concorrentes ou moradores de outras comunidades que vem vender drogas nas suas áreas. Há os casos em que uns confessam ter matado alguns sozinhos, e mais ainda acompanhados – o que já distingue duas situações em que se pratica homicídios. Há também os casos de guerra de gangues, em que membros de gangues distintas se desentendem e um mata o outro, e um familiar ou amigo vai vingar a morte deste, num ciclo aparentemente interminável. Essas são as situações típicas dos que tem vários homicídios na sua carreira criminosa.

Neste ponto, é importante falar também das sensações que os homicidas tiveram enquanto cometeram homicídios e o porquê de terem continuado cometendo:

O primeiro homicídio que eu fiz eu fiquei tremendo na hora. Com a camisa toda melada de sangue. Eu nunca imaginei tirar a vida de um ser humano. Foi a primeira vez. (...) Depois que eu matei esse cara eu fiquei sem dormir direito durante 3 dias. Só pensando: “O que foi que eu fiz. Matei o cara.” (...) Eu não me arrependi não. Fiquei pensando: “Matei um, depois vou matar outro...” O cara depois que cai na vida, no mundo do crime, o cara começa a matar um, ai começando gostando mais. Era a minha situação. Eu gostava. Depois que eu matei um a turma já: “Tem um ali pra tu matar todo dia.” Era toda a semana que ia lá. (J, 21 anos)

Ou seja, apesar do certo estranhamento que o primeiro homicídio cometido causou no homicida, ao mesmo tempo, se tornou algo naturalizado que o permitiu cometer outros homicídios sem estranhar, pelo contrário, já até gostando. Outro explica a sensação de empoderamento que o primeiro homicídio lhe causou:

Aí depois disso eu já não me senti como, assim, me sentia antes. Já me sentia mais valentão, tá entendendo? (...) Um exemplo: como se entrasse um outro espírito dentro da gente, dentro de mim e me tornar, a partir daquele momento, um assassino, tá entendendo? Aí dali eu comecei a praticar uns roubos, uns assalto. (...) Porque, assim, os pessoal que eu assassinei não eram coisa boa, tá entendendo? Que... era só quem tava roubando no local. (...) Aí eu comecei a traficar, aí eu disse “quem roubar por aqui, vai morrer; quem matar pessoa inocente, vai morrer”. Aí eu parti para um grupo de extermínio, entrei num grupo de extermínio, aí a partir desse momento já era. Não tem como voltar pra trás mais.” (G, 22 anos)

Tal empoderamento lhe parecia tão grande que lhe fazia sentir que era impossível parar e voltar atrás pra seguir outra vida. Ou seja, para estes homicidas, há algo sim de sedutor nos crimes, como teoriza Jack Katz, que os faz não querer parar de praticá-los.

No entanto, quando questionados, a maioria deles revela que pretende não se envolver mais com crimes e homicídios ao sair da prisão, por preferirem a liberdade à prisão. Uns (dois deles) revelaram que até gostariam de não cometer mais crimes, mas ainda não se sentem capazes de resistir ao mundo do crime, confessando que se fossem soltos agora, imediatamente voltariam a praticar tais atos. Para os demais, parar de praticar crimes está diretamente associado a começar uma nova vida em locais distantes dos quais residiam antes, para não entrar em contato com aquela mesma realidade e com as mesmas pessoas.

Quase todos eles quando questionados se pudessem escolher uma vida, dizem querer uma vida baseada no trabalho honesto, para poder viver tranquilamente junto às suas famílias. É importante constatar, então, que todas esses sentimentos de certo ressentimento pelo cometimento de crimes é característico provavelmente apenas dos homicidas que foram presos, pois aparentemente se trata muito mais do desgosto pelo prejuízo que a cadeia causou às suas vidas do que a um arrependimento próprio por ter tirado cada uma daquelas vidas. Ou seja, tais constatações fazem crer que se a cadeia fosse um fator mais presente na vida dos homicidas, mais provável do que a sensação de impunidade que eles tem, talvez suas comunidades não viveriam realidades tão imersas em crimes e eles não recorressem tanto à prática de tais crimes.

### **3.4 CONFIGURAÇÕES DE HOMICÍDIOS – MAIS RESULTADOS**

A partir das falas destes homicidas acerca de suas trajetórias de vida até o envolvimento com crimes e com homicídios, confirma-se a constatação de que estes jovens estão imersos em subculturas muito específicas, em comunidades segregadas espacial e socialmente, em realidades particulares, configurando de fato uma “vida sob cerco”. Consequentemente, são várias as oportunidades para o cometimento de crimes – e parecem predominar sobre as alternativas não-criminosas. A maioria destes jovens inicia suas carreiras criminosas ainda muito novos, na fase da adolescência, tendo vivenciado contato com a violência desde a infância – através de amigos ou através de manifestações de violência presentes nos seus cotidianos – e que também geralmente já cometeram outros crimes antes de cometer homicídios. Ao optar pela inserção no mundo do crime, não encontram dificuldades no acesso às drogas nem tão pouco no acesso às armas de fogo.

No que se refere às motivações mais recorrentes para cometimento de homicídios, a maioria destas se refere ao mundo do crime: grupo de extermínio, guerra do tráfico de drogas e demais desentendimentos devida à prática de outras atividades criminosas. Outras motivações recorrentes são as rixas entre agressor e vítima ou desentendimentos no momento do crime. Em todos estes casos, reforça-se a condição já citada de prévias interações entre vítima e agressor; e pôde-se perceber também, mais uma vez, um perfil aproximado entre os próprios homicidas e deles em relação às suas vítimas. Vale ressaltar que no que se refere aos homicidas contumazes, estes alegaram que ao cometer o primeiro homicídio, torna-se praticamente natural a prática de outros homicídios.

Estes jovens também partilham dos mesmos valores diferenciados de uma cultura jovem em relação aos demais segmentos da sociedade. Isso se traduz através de uma hipermasculinidade que parece predominar nas dinâmicas e realidades deles, que também parecem compartilhar um mapa simbólico próprio, que se aproxima do *ethos guerreiro* definido por Alba Zaluar como característico da realidade das favelas do Rio

de Janeiro. Vários dos jovens demonstraram, de fato, uma disposição para matar e uma insensibilidade em relação ao sofrimento de seus pares.

Complementados os dados já analisados no capítulo anterior com as falas dos homicidas e articulando tais dados com teorias da criminalidade violenta no país e com a teoria de Miethe & Regoeczi no que se refere às *configurações de homicídio*, pode-se passar para as considerações finais desta dissertação, numa tentativa de articulação de todos os dados analisados, de maneira mais objetiva e sintetizada.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os objetivos gerais, de tentar encontrar uma singularidade do padrão específico de configurações de homicídio prevalentes (os jovens como protagonistas – vítimas e agressores) e uma diversidade de tais padrões, estabelecendo comparações quanto aos tipos de homicídio em questão, apresentarei os principais resultados de acordo com cada objetivo específico.

Em relação ao primeiro objetivo específico, de identificar e analisar, as características sociais de agressores, vítimas e contextos situacionais de homicídio que envolvem jovens, tais características foram apresentadas detalhadamente no 2º capítulo. A seguir, um quadro que resume os principais achados.

**Quadro 5: Características Sociais de Agressores, Vítimas e Contextos Situacionais de Homicídios**

AGRESSORES	VÍTIMAS	CONTEXTOS SITUACIONAIS
<p>Dos 17 aos 25 anos;  Pardos;  Exerciam subocupações ou prestação de serviços – e na época do crime a proporção dos que estavam exercendo ocupação ou não é a mesma;  Ensino fundamental incompleto;  Solteiros;  Pouco menos da metade com prole (dado subnotificado);  Confirmação tanto formal quanto atribuição informal de processos criminosos anteriores para a maioria deles – homicídio, tráfico de drogas e porte ilegal de arma.</p>	<p>Dos 17 aos 23 anos;  Pardos (dado subnotificado);  Exerciam subocupações ou prestação de serviços – e na época do crime a proporção dos que estavam exercendo ocupação ou não é a mesma;  Ensino fund. incompleto (dado subnotificado);  Solteiros;  Pouco menos da metade com prole (dado subnotificado);  Confirmação tanto formal quanto atribuição informal de processos criminosos para quase metade deles – e o crime mais recorrente é tráfico de drogas e o porte ilegal de arma.</p>	<p>Meses: junho, janeiro;  Turno: noite;  Dias: domingo e sábado;  Uma vítima apenas;  Múltiplos ofensores e apenas um praticamente na mesma proporção;  Via pública;  Homicídios em contextos relacionados a drogas ilícitas diversas e de maneiras distintas – aparecem nas narrativas, mas na minoria dos casos estão relacionados com a motivação;  Presença ínfima de álcool relacionado com a motivação;  Relação de vizinhança entre agressor e vítima;  Agressor e vítima eram conhecidos, com interações prévias;  ‘Rixa’ e ‘Motivo Imediato’ como as motivações mais recorrentes;  Sem crime de mando.</p>

Fonte: Elaboração própria.

No quadro anterior, chama-se atenção mais uma vez para o fato dos perfis muito parecidos de agressor e vítima, e para o fato de que isso se deve não só pelos crimes acontecerem em realidades específicas que ambos partilhavam, ao já se conhecer anteriormente ao crime e conviverem na mesma vizinhança, como também pelo fato de que a verdade é que tanto os agressores são vítimas em potencial como as vítimas eram agressores ou seriam também vítimas em potencial. Os papéis destes podiam ser inversos em outras situações, com apenas algumas variações de atributos dos homicídios e também outras motivações específicas.

Em relação ao segundo objetivo específico, de identificar e analisar as configurações prevalentes de homicídios sofridos praticados e sofridos por jovens, ou seja, os padrões de interação envolvendo jovens que produzem a morte violenta, assim como as assinaturas únicas destes homicídios, também segundo os dados e resultados apresentados com maior detalhe no 2º capítulo, chega-se a mais considerações. Primeiro, é necessário reforçar que é a combinação de diversos atributos que configura um homicídio e que não há hierarquia das variáveis, ou variáveis dependentes e independentes. Acontece que cada variável pode obter efeito diferente em outra situação, associada a outras variáveis. Quando se questiona se a violência é apenas um resultado infeliz de outros incidentes violentos ou se é o resultado quase inevitável de uma intenção de matar, tem-se que na verdade, um homicídio não pode ser caracterizado simplesmente de uma maneira ou de outra. O homicídio se aproxima mais da segunda perspectiva – tendo em vista que há sim a importância do histórico e da possibilidade de outros incidentes violentos, quando estes ocorreram; mas que não é que ele seja uma intenção quase inevitável de se matar, mas principalmente uma combinação de vários fatores que levam o homicida à prática deste ato violento.

Dito isto, tem-se que, quanto às configurações prevalentes dos homicídios – visto o que o quadro 5 sintetiza e o que é reafirmado pelas narrativas de homicídios tanto dos inquéritos policiais quanto das falas dos homicidas: costumam ocorrer em fins de semana (domingo e sábado); em via pública; atingindo apenas uma vítima; tendo múltiplos ofensores quando se trata de resoluções de rixas e com apenas um ofensor quando a motivação é por motivo imediato – e estas são as motivações mais recorrentes; não sendo crime de mando; com drogas ilícitas nas narrativas por fazerem parte do cotidiano de ambos, vítima e agressor, mas na minoria dos casos estando relacionado diretamente à motivação; em que agressor e vítima tinham alguma relação de

vizinhança e eram conhecidos com interações prévias. E com um achado importantíssimo de que vítima e agressor tinham perfis parecidos: entre 17 e 23 anos, ou até 25, no caso dos agressores; pardos; exerciam subocupações ou prestação de serviços; com ensino fundamental incompleto; solteiros; sem prole; tendo enfrentado processos anteriores ao crime, em sua maioria tráfico de drogas, ou também porte ilegal de armas e homicídios no caso dos agressores. São estes os fatores que, combinados, apresentam um padrão das mortes sofridas e praticadas por jovens no Recife, quando analisados dados do ano de 2009.

Em relação às assinaturas únicas dos homicídios cometidos e sofridos por jovens que são estatisticamente e sociologicamente relevantes, temos algumas variações entre as motivações, que serão apresentadas a seguir por hierarquia de frequência, permanecendo em geral os outros fatores característicos – e quando não, serão citados: conflitos entre gangues rivais, e neste caso não necessariamente há relação de vizinhança e a relação de conhecimento prévio de agressor e vítima se dá por estes serem rivais; conflitos entre traficantes de drogas, e estes geralmente se davam por disputa de tráfico na mesma localidade, e aí as drogas ilícitas estavam sim relacionadas às motivações, podendo a relação entre eles ser de apenas conhecidos que se desenterram ao longo dos acertos do tráfico, como de rivais; transações criminais, em que o homicídio se dava por resoluções e acertos do mundo do crime, onde ambos eram criminosos; disputas entre traficantes e usuários, geralmente quando traficantes iam cobrar dívidas aos usuários, ou quando usuários se sentiam ameaçados pelos traficantes, e mais uma vez as drogas ilícitas estão diretamente relacionadas à motivação; crimes passionais que necessariamente envolvem a participação de uma mulher como vítima, logo, se trata de duas vítimas, em que as relações eram domésticas ou familiares, e as relações não necessariamente eram de vizinhança entre o agressor e a outra vítima que não a mulher; e justiça privada, de acertos de resoluções pessoais entre vítima e agressor, que não dizem respeito às atividades criminosas e que conseqüentemente necessariamente não estão relacionados às dinâmicas de outras atividades criminosas, em que não necessariamente o agressor tinha cometido crime anterior, nem a vítima; dinâmicas de grupos de extermínio, que matam por “limpeza” dos bandidos de sua comunidade e conseqüente proteção desta – este fator aparece no discurso dos homicidas entrevistados, embora não esteja presente explicitamente nos dados encontrados nos inquéritos policiais, por um lado provavelmente porque quando na

conclusão dos inquéritos para remeter estes à justiça, ainda não está clara a participação deste em grupos de extermínio, por ser necessário relacionar estes homicídios a outros, ou por alguns só serem condenados como tais quando há operações policiais de desmontagem de todo um grupo.

Dadas estas configurações prevalentes e assinaturas únicas dos homicídios cometidos e sofridos por jovens, é necessário retomar alguns pontos que foram apresentados no 1º capítulo como presentes na literatura dos homicídios e dos homicídios de jovens. No geral, para absolutamente todos os dados encontrados, de fato a violência está incorporada à vida dos jovens recifenses, como é característico das grandes cidades brasileiras. Além da violência ter se mostrado presente através do homicídio, na figura dos jovens como agressores ou vítimas, nas diversas formas anteriormente demonstradas; a violência também esteve presente de outras formas segundo os discursos dos homicidas entrevistados. A maioria destes convive com violência desde criança na sua comunidade, simplesmente ouvindo várias histórias ou até mesmo testemunhando; e numa dimensão ainda maior, vários deles chegaram a perder parentes e/ou amigos assassinados. Não é a toa que na pesquisa feita pelo Ibase e pela Pólis, apresentada no 1º capítulo, em que a violência foi o tema mais recorrente nas discussões e entrevistas feitas com jovens, quando questionados sobre os fatores mais preocupantes no Brasil em suas opiniões. Além disso, os dados demonstram que jovens são também as maiores vítimas e os maiores ofensores em crimes além do homicídio, que muitas vezes são crimes precursoros de crimes violentos. E, ainda, que as relações de vizinhança entre agressor e vítima fazem com que a violência tenha estado presente de maneiras parecidas nas vidas destes, reforçando mais uma vez como as relações de vizinhança são fundamentais nas dinâmicas dos homicídios estudados.

Neste sentido, podemos retomar as teorias das oportunidades do crime, que baseiam na ideia de que algumas situações oferecem mais oportunidades para o cometimento do crime e para a conduta criminosa do que outras, quando foram observados nos discursos dos homicidas características de suas realidades e de suas rotinas que os deixaram mais propensos ao cometimento de homicídios e/ou demais crimes, como este contato diário e intenso com a violência desde suas infâncias. Afinal, como apresentado no início do 3º capítulo, para alguns teóricos destas perspectivas, basta que tenha havido aumento na oferta de alvos atraentes e desprotegidos para vitimização; enquanto para outros, a convergência em tempo e

espaço de três elementos básicos para a ocorrência do crime: ofensores motivados, vítimas em potencial e a ausência de uma tutela capaz de controlar seus atos. De uma maneira ou de outra, todos estes fatores se mostraram presentes nas falas dos homicidas, quando tentaram explicar ou até mesmo justificar o início e o contínuo envolvimento deles com atividades criminosas diversas.

Ainda sobre o objeto estudado nesta dissertação, é necessário afirmar que, de acordo com literatura já exposta, de fato não parece fazer sentido uma diferenciação entre motivações expressivas e motivações instrumentais – já realizada a nível teórico no 2º item do 1º capítulo – quando se trata especificamente do homicídio sofrido e praticado por jovens, o que figura como mais uma distinção desse homicídio dos demais. No que se refere aos dados dos homicídios aqui retratados, as motivações costumam ser apenas expressivas quando no caso de conflitos pessoais entre jovens conhecidos, geralmente ocasionados por resoluções destes conflitos ou por motivações imediatas. Quando motivações instrumentais, seria o caso das gangues, tráfico de drogas e demais disputas criminosas, em que não seria necessário matar, mas ainda assim esta ação se confunde com o outro objetivo da dinâmica criminosa, e acaba se tornando também um objetivo em si. Quando são só motivações instrumentais, são os poucos homicídios com múltiplos ofensores e entre desconhecidos. Como a maioria dos homicídios foi entre conhecidos, fica claro porque os homicídios de/por jovens em geral são mais expressivos ou quando aparentemente instrumentais, também expressivos.

A respeito do 3º objetivo específico, de enriquecer a discussão sobre a complexa relação entre juventude e violência, tentando identificar a existência de um ethos guerreiro no discurso dos homicidas entrevistados, pôde-se atingi-lo até o ponto de que, ainda que obstando a diferente realidade do Rio de Janeiro (estudada por Alba Zaluar) e do Recife, a hipermasculinidade parece predominar sim nas dinâmicas e realidades nas quais estes jovens homicidas se encontravam. Estes justificam muitos dos seus crimes por dizer precisar estar no mesmo nível moral, ou além, dos demais jovens de suas localidades, no âmbito da posição/status/poder sociais e por uma sensação de necessidade de impressionar os demais através da imposição do medo e de ameaças. Daí, uma vez no mundo do crime, estes jovens não se respeitam mais e não se sensibilizam com a possível dor dos seus pares.

De fato, estes jovens dispõem e compartilham de um próprio mapa simbólico – disposições, valores e crenças específicas – , que se concretiza também no ethos

guerreiro, que valoriza e alimenta o comportamento violento. Se traduz, portanto, numa dinâmica do crime específica dos crimes cometidos por jovens e também sofridos por jovens, na qual este homicídio jovem certamente se diferencia dos demais homicídios de outros grupos sociais.

Vale ressaltar que as contribuições desta dissertação provocam ainda mais questionamentos sobre o problema de pesquisa em questão. Trata-se de uma análise realizada sob uma perspectiva inovadora, de análise configuracional dos homicídios, que identificou aspectos particulares dos homicídios praticados e sofridos por jovens, bem como características destes homicidas e destas vítimas, e ainda momentos cruciais para a opção pela carreira criminosa na trajetória de vida dos homicidas. Por se tratar de uma pesquisa de campo que buscou dados em um período de tempo definido, o ano de 2009, a análise aqui desenvolvida não esgota o campo da sociologia do crime acerca dos homicídios praticados por jovens no Recife. No entanto, é válido reconhecer que traz contribuições sociológicas que não só complementam a agenda de pesquisa de homicídios no país, como também podem ser levadas em consideração na elaboração de políticas públicas de segurança e conseqüentemente na prática e na dinâmica do trabalho dos aparelhos policiais e de justiça.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena; BRANCO, P. P. M. (Orgs). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ADORNO, S.; BORDINI, E. B. T.; LIMA, R. S. **O Adolescente e as Mudanças na Criminalidade Urbana**. São Paulo em Perspectiva, 13(4), 62-74, 1999.

BEATO, C. Determinantes da criminalidade em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 37, 1998. p. 74-87.

BEATO, C.; PEIXOTO, B. e ANDRADE, M. (2004), Crime, oportunidade e vitimização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 19, 55: 73-90.

BECKER, Gary S. Crime and Punishment: An Economic Approach. **The Journal of Political Economy**, Vol. 76, No. 2 (Mar. - Apr., 1968), The University of Chicago Press, 1968.

BECKER, H. **Outsiders: studies in the sociology of deviance**. New York: The Free Press, 1973.

\_\_\_\_\_. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CALDEIRA, T. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/EDUSP, 2000.

CANO, I.; RIBEIRO, E. Homicídios no Rio de Janeiro e no Brasil: dados, políticas públicas e perspectivas. **Homicídios no Brasil**. Cruz & Batitucci (org.). Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CASTRO, M. G. Jovens em Situação de Pobreza, Vulnerabilidades Sociais e Violências. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, julho/ 2002.

\_\_\_\_\_. O que Dizem as Pesquisas da Unesco sobre Juventudes no Brasil: Leituras Singulares. **Juventude, Cultura e Cidadania**, Comunicações do ISER, ano 21, edição especial, 2002-p 63-90.

COELHO, E. C. **A Oficina do Diabo e Outros Estudos sobre Criminalidade**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 2005.

CONDEPE FIDEM. **Condepe Fidem**. Disponível em: <http://www2.condepefidem.pe.gov.br/c/portal/layout>. Acesso em 10 de jan 2012, 10h.

COSTALONGA, E. M. F. **O ato de pesquisar e a responsabilidade do pesquisador**. Disponível em <http://www.ce.ufes.br/educacaodocampo/down/cdrom2/pdf/texto3.pdf>. Acesso em 10dejan 2012, 10h.

- ELSTER, J. **Marxismo, funcionalismo e teoria dos jogos Argumentos em favor do individualismo metodológico.** Lua Nova no.17 São Paulo, 1989.
- FELSON, M. **Crime and Everyday Life.** California: Pine Forge, 1994.
- FERREIRA, H.; ARAÚJO, H. E. **Transições Negadas: Homicídios entre os Jovens Brasileiros.** 2006.
- GOTTFREDSON, M.; HIRSCHI, T. **A General Theory of Crime.** Stanford: Stanford University Press, 1990.
- IBASE, PÓLIS. **Diálogo nacional para uma política pública de juventude.** Ibase e Pólis: Rio de Janeiro, 2005.
- IBGE. **Censo 2000.** Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 10jan 2012, 10h30.
- IPEA. **Juventude e Políticas Sociais no Brasil.** IPEA, Brasília: 2008.
- IPEA. **Juventude e Políticas Sociais no Brasil.** IPEA, Brasília: 2009.
- KATZ, J. **Seductions of Crime: Moral And Sensual Attractions In Doing Evil.** Estados Unidos: Basic Books, 1988.
- MACHADO DA SILVA, L. A. SOCIABILIDADE VIOLENTA: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004
- \_\_\_\_\_. **Vida Sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Faperj, 2008.
- MAGUIRE, M. *et al.* **The Oxford Handbook of Criminology.** Oxford: Oxford University Press, 2005.
- MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MATOS, P. *et al.* **Análise espaço-temporal dos homicídios nas regiões do Brasil: 1980 a 2005.**
- MENESES, R.; QUINTANA, M. Los Motivos para Matar: Homicidios Instrumentales y Expresivos em la ciudad de México. **Número 58.** CIDE: México, 2012.
- MIETHE, T. D.; REGOEZI, W. C. **Rethinking Homicide: Exploring the structure and process underlying deadly situations.** Cambridge: United Kingdom, 2004.
- MINAYO, M. C. S. Seis características das mortes violentas no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, vol.26 n.1, 2009.

MISSE, M. **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo: Estudos de Sociologia do Crime e da Violência Urbana**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

MISSE, M. **Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”**. Lua Nova, São Paulo, 79: 15-38, 2010

PACTO PELA VIDA: PLANO ESTADUAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. (2007), Secretaria da Casa Civil, Governo de Pernambuco. Disponível em: <http://www2.portaltransparencia.pe.gov.br/c/portal>. Acesso em 25 de fevereiro de 2008.

PAIXÃO, Antonio L., Crimes e Criminosos em Belo Horizonte: Uma Exploração Inicial das Estatísticas Oficiais e Criminalidade. Boschi, R. (Ed.), **Violência e Cidade**. Rio de Janeiro. Zahar, 1989.

PERES, M. F. T. Homicídios, risco e vulnerabilidade: para uma discussão da dinâmica da vitimização por homicídio. **Homicídios no Brasil**. Cruz & Batitucci (org.). Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PORTELLA, A.; GALVÃO, C.; ABATH, M.; RATTON, J. L. Análise configuracional de homicídios: Velhas e novas situações de violência letal contra as mulheres em Recife. **Dilemas**. Vol. 4 - n. 3 - jul-ago-set, 2011.

RAMÃO, F. P.; WADI, Y. M. **Espaço urbano, desigualdade socioespacial e a dinâmica dos homicídios em Cascavel/PR**. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.

RATTON, J. L. **Violência e crime no Brasil contemporâneo: homicídios e políticas de segurança pública nas décadas de 1980 e 1990**. Brasília: Editora Cidade, 1996.

RATTON, *et al.* **Relatório de Pesquisa ‘Configurações de Homicídios no Recife’**. NEPS, Recife: 2011.

REZENDE FILHO, Cyro de B. e CÂMARA NETO, Isnard de A. **A evolução do conceito de cidadania**. Disponível em: <http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/aevolucao-N2-2001.pdf>. 2004. Acesso em: 31 de julho de 2012.

SALFATI, C. G. A European Perspective on the Study of Homicide. **Homicide Studies**, vol. 5 no. 4, November 2001 286-291. London: Sage Publications, 2001.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, M. As Gangues e a Estrutura da Sociedade Norte-Americana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 12, n. 34. 1997.

SENASP. **O Panorama dos Homicídios no Brasil**. SENASP: Brasília, 2011.

SHAW, C.R. e MCKAY, H. D. **Juvenile delinquency and urban areas**. Chicago, University of Chicago Press, 1942.

- SMITH, D. A New era of homicide studies? **Homicide Studies**, v. 4, n. 1, 2000.
- SOARES, L. E. A política nacional de segurança pública: histórico, dilemas e perspectivas. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, 2007.
- TITTERINGTON, V.; VOLLUM, S.; DIAMOND, P. M. Neighborhoods and Homicide: Sex and Type-Specific Variation Across Three Cities. **Homicide Studies**, vol. 5 no. 4, November 2001. London: Sage Publications, 2001.
- VIANNA, T. L. Hackers: um estudo criminológico da subcultura cyberpunk. CERQUEIRA, T. Q., IRIARTE, E., PINTO, M. M. (Coords.) **Informática e Internet**: aspectos legais internacionais. Rio de Janeiro: Esplanada, 2001.
- WACQUANT, L. Mapa da violência dos municípios brasileiros. Brasília, **Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)**, 2007. Disponível em: [http://www.oei.org.br/mapa\\_da\\_violencia\\_baixa.pdf](http://www.oei.org.br/mapa_da_violencia_baixa.pdf). Acesso em 10 de janeiro de 2008.
- WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2011**: Os Jovens do Brasil. Instituto Sangari: São Paulo, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Mapa da Violência 2010**: Panorama dos Homicídios no Brasil. Instituto Sangari: São Paulo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Mapa da Violência IV**: Os Jovens do Brasil. Instituto Sangari: São Paulo, 2004.
- ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: UFRJ/Editora Revan, 1994.
- \_\_\_\_\_. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 35, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- \_\_\_\_\_. Juventude e Tráfico de Drogas na Cidade do Rio de Janeiro. **Novas Abordagens para Segurança Pública e Políticas de Drogas**. Rio de Janeiro: 2008.
- ZALUAR, A. e LEAL, M. C. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 45, 2001.

## ANEXO 1: DEMONSTRAÇÃO DO CÁLCULO UTILIZADO PARA A

### DEFINIÇÃO DA AMOSTRA

Desvio padrão	2
p	50
q	50
N	522
Erro amostral	5

Fórmula  $DP^2 \times p \times q \times N / E^2 (N-1) + p \times q \times$   
DP2

5220000  
23025  
Amostra 226,7 Confiança de 95%

PARA NÍVEL DE CONFIANÇA DE 94% A  
AMOSTRA É DE

Desvio padrão	2
p	50
q	50
N	522
Erro amostral	6

Fórmula  $DP^2 \times p \times q \times N / E^2 (N-1) + p \times q \times$   
DP2

5220000  
28756  
Amostra 181,5 Confiança de 94%

## ANEXO 2: A MÁSCARA UTILIZADA NA COLETA DOS DADOS

Caso N°: xxx

### MÁSCARA DE INQUÉRITO

#### INSTRUÇÕES GERAIS

O NOME DO ARQUIVO DEVE SER O NÚMERO DO IP E NOME DA(S) VÍTIMA(S).

QUANDO A RESPOSTA PROCURADA NÃO CONSTAR DO INQUÉRITO, REGISTRAR NO LOCAL DA RESPOSTA N/C (NADA CONSTA).

TRANSCREVER AS RESPOSTAS DIRETAMENTE DO RELATÓRIO DO INQUÉRITO.

COLOCAR ENTRE PARÊNTESES QUALQUER OBSERVAÇÃO DO PESQUISADOR.

REGISTRAR NAS OBSERVAÇÕES DO PESQUISADOR TODAS AS DÚVIDAS QUE SURGIREM E COMUNICAR SEMPRE AO GRUPO.

REVISAR A MÁSCARA ANTES DE DEVOLVER O IP E ANTES DE REPASSÁ-LA.

ATENTAR PARA A DIFERENÇA ENTRE NÃO CONSTA E NÃO TEM (NÃO CONSTA É QUANDO NÃO EXISTE A INFORMAÇÃO NO IP E NÃO TEM É QUANDO HÁ A INFORMAÇÃO NA FORMA DE UMA NEGAÇÃO. EX: EMPREGO: NÃO TEM, OCUPAÇÃO: DESOCUPADO, FILHO: NÃO TEM ETC.)

**Pesquisador(a):**

**Delegacia Pesquisada :**

**Nº do Inquérito:**

**Artigo(s) do Código Penal:**

**Data do fato: Hora:**

**Dia da semana:**

**Data de conclusão do inquérito:**

**Vítima (s):**

**Nº de vítimas:**

**Autor (es):**

**Nº de autores:**

**Local:**

**Endereço:**

**Arma utilizada:**

#### **1. Relação do crime com droga**

1. Sim \_\_\_\_\_

2. Não \_\_\_\_\_

97. N/C \_\_\_\_\_

<b>Crack</b>	1. Crime cometido sob efeito da droga	2. Crime gerado pelo vício	3. Crime gerado pela dinâmica do mercado ilícito	4. Presença do crack nas narrativas sem ser localizado como motivação	97. Não consta
--------------	---------------------------------------	----------------------------	--	---	----------------

<b>Outras drogas ilícitas</b>	1. Crime cometido sob efeito da droga	2. Crime gerado pelo vício	3. Crime gerado pela dinâmica do mercado ilícito	4. Presença das drogas nas narrativas sem ser localizado como motivação	97. Não consta
-------------------------------	---------------------------------------	----------------------------	--	---	----------------

<b>Álcool</b>	1. Crime cometido sob efeito do álcool	2. Presença do álcool nas narrativas sem ser localizado como motivação	97. Não consta		
---------------	--	--	----------------	--	--

**2. Distância entre residências de vítima e indiciado:**

1. Coabitação\_\_\_\_\_
2. Vizinho de muro (pode ser o vizinho da frente)\_\_\_\_\_
3. Mora na mesma rua\_\_\_\_\_
4. Mora na mesma comunidade\_\_\_\_\_
5. Territórios rivais no mesmo bairro\_\_\_\_\_
6. Territórios rivais em bairros diferentes\_\_\_\_\_
7. Não tem relação de “vizinhança”\_\_\_\_\_
97. NC\_\_\_\_\_

**3. Interação vítima e indiciado:**

**Vítima- indiciado:**

1. Amigos	2. Inimigos	3. Parentes	4. Relação amorosa	5. Conhecidos (com interações prévias)	6. Conhecido de vista (sem interação prévia, só sabe quem é)	7. Desconhecido	97. NC
-----------	-------------	-------------	--------------------	--	--	-----------------	--------

**Indiciado - indiciado**

1. Amigos	2. Inimigos	3. Parentes	4. Relação amorosa	5. Conhecidos (com interações prévias)	6. Conhecido de vista (sem interação prévia, só sabe quem é)	7. Desconhecido	97. NC
-----------	-------------	-------------	--------------------	--	--	-----------------	--------

**4. Motivação:**

1. Conflito intra Gang (membros da mesma gang morte relacionada à dinâmica da gang)
---

2. Conflito entre Gang (morte relacionada à dinâmica da gang)
3. DROGA: Usuário-Usuário
4. Tráfico: Traficante-Usuário
5. Tráfico: Traficante-Traficante
6. Auto-de-resistência (morte produto de uma reação a um mandado policial)
7. Estrito cumprimento do dever legal (morte em defesa da ordem ou da vida de um cidadão)
8. Legítima Defesa
9. Justiça Privada (justiça feita com recursos privados, não se confunde com nem com transação criminal. O autor não está envolvidos com atividades criminosas)
10. Crime Passional
11. "Motivo Imediato" (Chamamos aqui de motivo imediato aqueles crimes que não se encaixam em nenhum tipo de conflito interpessoal com histórico anterior de disputas entre acusado e vítima e que não se encaixa em outros motivos instrumentais específicos ou expressivos. A idéia de motivos imediatos tenta captar esta dinâmica imediatamente anterior ao crime como uma categoria <i>sui generis</i> .)
12. Rixa (inimizade histórica)
13. Conflito entre torcedores
14. Brigada de trânsito
15. Relações de trabalho/negócio: patrão-empregado, empregado-empregado, entre sócios, entre concorrentes
16. Relações Domésticas/Familiares
17. Transação Criminal (tipo de acerto de contas exclusivo do mundo do crime. Os sujeitos envolvidos devem ser criminosos)
18. Acidental (engano, bala perdida, por exemplo)
19. Latrocínio (roubo seguido de morte)
20. Reação a ameaça de morte (o sujeito falando para o outro)
21. Notícia de ameaça de morte
22. Delação
23. Boato (masculinidade, gaia, etc.)
24. Outra. Qual?
97. Desconhecido (97)

**5. Houve crime de mando:**

1. Sim_____	2. Não_____	97. NC_____
-------------	-------------	-------------

**5.1 Se sim, qual?**

1. Grupo de Extermínio\_\_\_\_\_
2. Pistolagem\_\_\_\_\_
3. Outro (ex: adolescentes que são utilizados para matar, noiados que são utilizados para matar)\_\_\_\_\_

## 6. Resumo do fato

### I. VÍTIMA

Nome:

---

Codinome:

Nome da  
Mãe ou do  
Pai:

---

Sexo:

1.  
Feminino

2. Masculino

Idade:

---

Residência:

---

Cor:

---

Ocupação:

---

Se estava  
trabalhando  
na época do  
crime:

1. Sim
2. Não
3. Aposentado
97. Não consta

Se sim, qual \_\_\_\_\_ ( ) Formal ( ) Informal

---

Estado Civil: ( ) Solteiro

---

Escolaridade:

- ( ) Analfabeto
  - ( ) Alfabetizado
  - ( ) Ensino Fundamental I – até a 4ª Completo
  - ( ) Ensino Fundamental I – até a 4ª INcompleto
  - ( ) Ensino Fundamental II – 5ª a 8ª Completo
  - ( ) Ensino Fundamental II – 5ª a 8ª INcompleto
-

- ( ) Ensino Médio – 1º ao 3º Completo
  - ( ) Ensino Médio – 1º ao 3º INcompleto
  - ( ) Ensino superior Completo
  - ( ) Ensino superior Incompleto
  - ( ) NC
- 

**Prole:**

---

**Histórico Criminal da Vítima:**

**Responde(u) a outro inquérito e/ou processo anterior? Por qual crime?**

1. Sim

2. Não

3. Não  
consta

**Foi-lhe atribuído o cometimento de outro crime? Qual crime?**

1. Sim

2. Não

3. Não  
consta

**II. INDICIADO**

**Nome:**

---

**Codinome:**

**Nome da  
Mãe ou do  
Pai:**

---

**Sexo:**

1.  
Feminino

2. Masculino

**Idade:**

---

**Residência:**

---

**Cor:**

---

**Ocupação:**

---

**Se estava  
trabalhando  
na época do**

1. Sim

2. Não

3. Aposentado

---

crime: 97. Não consta  
Se sim, qual \_\_\_\_\_ ( ) Formal ( ) Informal

---

Estado Civil: ( ) Solteiro

---

Escolaridade: ( ) Analfabeto  
( ) Alfabetizado  
( ) Ensino Fundamental I – até a 4ª Completo  
( ) Ensino Fundamental I – até a 4ª INcompleto  
( ) Ensino Fundamental II – 5ª a 8ª Completo  
( ) Ensino Fundamental II – 5ª a 8ª INcompleto  
( ) Ensino Médio – 1º ao 3º Completo  
( ) Ensino Médio – 1º ao 3º INcompleto  
( ) Ensino superior Completo  
( ) Ensino superior Incompleto  
( ) NC

---

Prole:

---

**Histórico Criminal da Vítima:**

Responde(u) a outro inquérito e/ou processo anterior? Por qual crime?

1. Sim

2. Não

3. Não  
consta

Foi-lhe atribuído o cometimento de outro crime? Qual crime?

1. Sim

2. Não

3. Não  
consta

**OBSERVAÇÕES DO PESQUISADOR:**

**ANEXO 3 – TABELAS DE DADOS DE CARACTERIZAÇÃO DOS AGRESSORES, DAS VÍTIMAS E DO CONTEXTO SITUACIONAL – SEGUNDO DADOS OBTIDOS NOS INQUÉRITOS POLICIAIS**

**Tabela A1: Recife - Vítimas de homicídios por mês de ocorrência do crime, 2009**

Mês do crime	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Janeiro	20	13,1	13,1	13,1
Fevereiro	6	3,9	3,9	17,0
Março	10	6,5	6,5	23,5
Abril	19	12,4	12,4	35,9
Maiο	17	11,1	11,1	47,1
Junho	23	15,0	15,0	62,1
Julho	6	3,9	3,9	66,0
Agosto	8	5,2	5,2	71,2
Setembro	9	5,9	5,9	77,1
Outubro	11	7,2	7,2	84,3
Novembro	14	9,2	9,2	93,5
Dezembro	10	6,5	6,5	100,0
Total	153	100,0	100,0	

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A2: Recife - Vítimas de homicídios por turno do dia de ocorrência do crime, 2009**

Turno do crime	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Manhã (06:00 às 11:59)	7	4,6	4,7	4,7
Tarde (12:00 às 17:59)	33	21,6	22,3	27,0
Noite (18:00 às 23:59)	78	51,0	52,7	79,7

Madrugada (24:00 às 5:59)	30	19,6	20,3	100,0
Total declarado	148	96,7	100,0	-
Não informado	5	3,3	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A3: Recife - Vítimas de homicídios por dia da semana de ocorrência do crime, 2009**

Dia da semana	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Domingo	68	25,2	25,2	25,2
Segunda	40	14,8	14,8	40,0
Terça	21	7,8	7,8	47,8
Quarta	28	10,4	10,4	58,1
Quinta	31	11,5	11,5	69,6
Sexta	26	9,6	9,6	79,3
Sábado	56	20,7	20,7	100,0
Total	270	100,0	100,0	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A4: Recife - Vítimas de homicídios por local de ocorrência do crime, 2009**

Local de ocorrência	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Bar/festa	4	2,6	2,6	2,6
Estabelecimento comercial	4	2,6	2,6	5,2
Outros	4	2,6	2,6	7,8
Residência da vítima	13	8,5	8,5	16,3
Via pública	128	83,7	83,7	100,0
Total	153	100,0	100,0	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A5: Recife - Homicídios por tipo de arma utilizada, 2009**

Tipo de arma	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Espancamento/esganadura	22	14,4	14,4	14,4
Arma branca	126	82,4	82,4	96,7
Arma de fogo	5	3,3	3,3	100,0
Total	153	100,0	100,0	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A6: Recife - Distância principal entre residências de vítima e indiciado, 2009**

Distância principal	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Coabitação	6	3,9	3,9	3,9
Vizinho de rua	3	2,0	2,0	5,9
Vizinho de comunidade	90	58,8	59,2	65,1
Territórios rivais no mesmo bairro	9	5,9	5,9	71,1
Territórios rivais em bairros diferentes	11	7,2	7,2	78,3
Sem relação de vizinhança	33	21,6	21,7	100,0
Distância total	152	99,3	100,0	-
Não informado	1	0,7	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A7: Recife - Relação principal entre vítima e indiciado, 2009**

Relação principal	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Desconhecido	11	7,2	7,2	7,2
Conhecido	141	92,2	92,8	100,0
Relação total	152	99,3	100,0	-
Não informado	1	0,7	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A8: Recife - Homicídios por estado civil da vítima, 2009**

Estado civil	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Solteiro	96	62,7	66,2	66,2
Casado ou unido	46	30,1	31,7	97,9
Separado ou divorciado	3	2,0	2,1	100,0
Estado civil total	145	94,8	100,0	-
Não informado	8	5,2	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A9: Recife - Homicídios por estado civil do indiciado, 2009**

Estado civil	Frequência	Porcentagem geral	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Solteiro	178	66,7	70,4	70,4
Casado ou unido	73	27,3	28,9	99,2
Separado ou divorciado	2	0,7	0,8	100,0
Estado civil total	253	94,8	100,0	-
Não informado	14	5,2	-	-
Total	267	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A10: Recife - Estatísticas etárias das vítimas de homicídio, 2009**

Estatística	Valor
Média de idade	21,76
Desvio padrão	3,93
Amostra	153

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A11: Recife - Número de homicídio por idade da vítima do crime, 2009**

Idade	Frequência	Porcentagem geral	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
15 anos	4	2,6	2,6	2,6
16 anos	5	3,3	3,3	5,9
17 anos	19	12,4	12,4	18,3
18 anos	7	4,6	4,6	22,9
19 anos	18	11,8	11,8	34,6
20 anos	14	9,2	9,2	43,8
21 anos	11	7,2	7,2	51,0
22 anos	10	6,5	6,5	57,5
23 anos	16	10,5	10,5	68,0
24 anos	8	5,2	5,2	73,2
25 anos	8	5,2	5,2	78,4
26 anos	8	5,2	5,2	83,7
27 anos	8	5,2	5,2	88,9
28 anos	9	5,9	5,9	94,8
29 anos	8	5,2	5,2	100,0
Total	153	100,0	100,0	-

**Tabela A12: Recife - Vítimas de homicídio por ocorrência de processo criminal, 2009**

Crime de acusação	Frequência	Porcentagem geral	Porcentagem válida	Porcentagem cumulativa
Assalto	1	0,7	2,0	2,0
Assalto a mão armada	2	1,3	4,0	6,0
Associação com o tráfico de drogas	1	0,7	2,0	8,0
Furto	4	2,6	8,0	16,0
Homicídio	5	3,3	10,0	26,0
Lesão corporal	1	0,7	2,0	28,0
Porte ilegal de arma	3	2,0	6,0	34,0
Porte ilegal de arma de fogo	6	3,9	12,0	46,0
Porte ilegal de arma de fogo ; furto	1	0,7	2,0	48,0
Porte ilegal de arma de fogo ; homicídio	1	0,7	2,0	50,0
Porte ilegal de arma de fogo ; tráfico de drogas	1	0,7	2,0	52,0
Porte ilegal de arma e roubo	1	0,7	2,0	54,0
Processo na vara de entorpecentes	1	0,7	2,0	56,0
Roubo	14	9,2	28,0	84,0
Roubo; formação de quadrilha	1	0,7	2,0	86,0
Roubo; porte ilegal de arma fogo	1	0,7	2,0	88,0
Roubo e furto	1	0,7	2,0	90,0
Roubo e porte ilegal de arma	1	0,7	2,0	92,0
Tentativa de roubo	1	0,7	2,0	94,0
Tráfico de drogas	2	1,3	4,0	98,0
Tráfico de drogas e tentativa de homicídio	1	0,7	2,0	100,0
Acusação total	50	32,7	100,0	-
Não informado	103	67,3	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A13: Recife - Vítimas de homicídio por ocorrência de crime lhe foi atribuído, 2009**

Crime atribuído	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Roubo e tráfico de drogas	1	0,7	1,8	1,8
Tráfico de drogas e roubo	1	0,7	1,8	3,6
Assalto	1	0,7	1,8	5,4
Estupro	1	0,7	1,8	7,1
Furto	3	2,0	5,4	12,5
Furto; roubo; homicídio	1	0,7	1,8	14,3
Furtos	1	0,7	1,8	16,1
Homicídio; tráfico de drogas	1	0,7	1,8	17,9
Homicídio; tráfico de drogas	1	0,7	1,8	19,6
Homicídio; tráfico de drogas; roubo	1	0,7	1,8	21,4
Lesão corporal	1	0,7	1,8	23,2
Porte ilegal de arma de fogo; tráfico de drogas	1	0,7	1,8	25,0
Roubo	7	4,6	12,5	37,5
Roubo; homicídio	2	1,3	3,6	41,1
Roubo; tráfico de drogas	1	0,7	1,8	42,9
Roubo e tráfico de drogas	2	1,3	3,6	46,4
Tentativa de homicídio	1	0,7	1,8	48,2
Tráfico de drogas	24	15,7	42,9	91,1
Tráfico de drogas e assalto	1	0,7	1,8	92,9
Tráfico de drogas e furto	1	0,7	1,8	94,6
Tráfico de drogas e homicídio	1	0,7	1,8	96,4
Tráfico de drogas e roubo	1	0,7	1,8	98,2
Violência doméstica	1	0,7	1,8	100,0
Atribuição total	56	36,6	100,0	-
Não informado	97	63,4	-	-
Total	153	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A14: Recife - Estatísticas etárias dos indiciados por homicídio, 2009**

Estatística	Valor
Média de idade	21,71
Desvio padrão	3,53
Amostra	267

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A15: Recife - Número de homicídio por idade do agressor, 2009**

Idade	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
15 anos	2	0,7	0,7	0,7
16 anos	5	1,9	1,9	2,6
17 anos	21	7,9	7,9	10,5
18 anos	22	8,2	8,2	18,7
19 anos	44	16,5	16,5	35,2
20 anos	28	10,5	10,5	45,7
21 anos	16	6,0	6,0	51,7
22 anos	21	7,9	7,9	59,6
23 anos	24	9,0	9,0	68,5
24 anos	19	7,1	7,1	75,7
25 anos	23	8,6	8,6	84,3
26 anos	9	3,4	3,4	87,6
27 anos	11	4,1	4,1	91,8
28 anos	12	4,5	4,5	96,3
29 anos	10	3,7	3,7	100,0
Total	267	100,0	100,0	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A16: Recife - Número homicídios por ocorrência de processo criminal anterior ao agressor, 2009**

Crime de acusação	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Ameaça	1	0,4	0,8	0,8
Assalto a mão armada	1	0,4	0,8	1,6
Assalto a mão armada, tráfico de drogas e homicídio	1	0,4	0,8	2,5
Assalto, tráfico de drogas e homicídio	7	2,6	5,7	8,2
Estupro	1	0,4	0,8	9,0
Formação de quadrilha, tráfico de drogas e porte ilegal de arma	2	0,7	1,6	10,7
Furto	2	0,7	1,6	12,3
Homicídio	20	7,5	16,4	28,7
Homicídio ; grupo de extermínio ; formação de quadrilha ; tráfico de drogas	1	0,4	0,8	29,5
Latrocínio	1	0,4	0,8	30,3
Porte ilegal de arma de fogo	20	7,5	16,4	46,7
Porte ilegal de arma de fogo; formação de quadrilha	1	0,4	0,8	47,5
Porte ilegal de arma de fogo; homicídio	1	0,4	0,8	48,4
Porte ilegal de arma de fogo; roubo	2	0,7	1,6	50,0

Crime de acusação (continua)	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Porte ilegal de arma de fogo; tráfico de drogas	3	1,1	2,5	52,5
Porte ilegal de arma de fogo; tráfico de drogas ; homicídio	1	0,4	0,8	53,3
Porte ilegal de arma e tráfico de drogas	2	0,7	1,6	54,9
Porte ilegal de arma, tráfico de drogas e cárcere privado	1	0,4	0,8	55,7
Roubo	14	5,2	11,5	67,2
Roubo; homicídio	3	1,1	2,5	69,7
Roubo; homicídio; agressão contra mulher	1	0,4	0,8	70,5
Roubo; tráfico de drogas	1	0,4	0,8	71,3
Roubo e homicídio	2	0,7	1,6	73,0
Roubo e porte ilegal de arma	1	0,4	0,8	73,8
Roubo, furto e tráfico de drogas	1	0,4	0,8	74,6
Roubo; homicídio	4	1,5	3,3	77,9
Roubo; homicídio; tráfico de drogas; porte ilegal de arma de fogo	1	0,4	0,8	78,7
Tentativa de homicídio	1	0,4	0,8	79,5
Tentativa de homicídio, porte ilegal de arma e tráfico de drogas	1	0,4	0,8	80,3
Tentativa de latrocínio	1	0,4	0,8	81,1
Tráfico de drogas	18	6,7	14,8	95,9
Tráfico de drogas; formação de quadrilha	1	0,4	0,8	96,7
Tráfico de drogas; formação de quadrilha; roubo	1	0,4	0,8	97,5
Tráfico de drogas; roubo	1	0,4	0,8	98,4
Tráfico de drogas e porte ilegal de arma	1	0,4	0,8	99,2
Tráfico de drogas, tentativa de homicídio e violência doméstica	1	0,4	0,8	100,0
Acusação total	122	45,7	100,0	-
Não informado	145	54,3	-	-
Total	267	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

**Tabela A17: Recife - Número de homicídio por ocorrência de crime anteriormente atribuído ao agressor, 2009**

Crime de atribuído	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Tráfico de drogas e porte ilegal de arma	1	0,4	0,6	1,1
Ameaça; homicídio	1	0,4	0,6	1,7
Ameaça com uso de arma e tentativa de homicídio	1	0,4	0,6	2,2
Ameaça de morte e outros delitos violentos na comunidade	1	0,4	0,6	2,8
Arrastões	1	0,4	0,6	3,4
Assalto	2	0,7	1,1	4,5
Assalto e homicídio	1	0,4	0,6	5,1
Formação de quadrilha, homicídio, tráfico de drogas e assalto	1	0,4	0,6	5,6
Furto	5	1,9	2,8	8,4
Grupo de extermínio	8	3,0	4,5	12,9
Grupo de extermínio; homicídio	2	0,7	1,1	14,0
Homicídio; roubo; tráfico de drogas	1	0,4	0,6	14,6
Homicídio	18	6,7	10,1	24,7
Homicídio; assaltos	1	0,4	0,6	25,3
Homicídio; furto	1	0,4	0,6	25,8
Homicídio; grupo de extermínio	1	0,4	0,6	26,4
Homicídio; roubo	1	0,4	0,6	27,0
Homicídio; roubo; tráfico de drogas	1	0,4	0,6	27,5
Homicídio; tráfico de drogas	7	2,6	3,9	31,5
Homicídio; tráfico de drogas; roubo	5	1,9	2,8	34,3
Homicídio e tráfico de drogas	2	0,7	1,1	35,4
Homicídio	1	0,4	0,6	36,0
Invasão de propriedade	1	0,4	0,6	36,5
Porte ilegal de arma de fogo	4	1,4	2,2	38,8
Porte ilegal de arma de fogo; tráfico de drogas	1	0,4	0,6	39,3
Porte ilegal de arma, tráfico de drogas e homicídio	2	0,7	1,1	40,4
Porte ilegal de armas e tráfico de drogas	1	0,4	0,6	41,0
Roubo	7	2,6	3,9	44,9
Roubo; homicídio; agressão contra mulher	1	0,4	0,6	45,5
Roubo; tráfico de drogas; formação de quadrilha	1	0,4	0,6	46,1
Roubo; tráfico de drogas; grupo de extermínio	1	0,4	0,6	46,6
Tentativa de homicídio	1	0,4	0,6	47,2
Tráfico de drogas	48	18,0	27,0	74,2
Tráfico de drogas; formação de quadrilha	1	0,4	0,6	74,7
Tráfico de drogas; homicídio	17	6,4	9,6	84,3
Tráfico de drogas; homicídio; roubo	9	3,4	5,1	89,3
Tráfico de drogas; porte ilegal de arma de fogo	1	0,4	0,6	89,9
Tráfico de drogas; roubo	4	1,5	2,2	92,1
Tráfico de drogas; roubo; homicídio	3	1,1	1,7	93,8

Tráfico de drogas e homicídio				
	7	2,6	3,9	97,8
Crime de atribuído (continua)	Frequência	Percentagem geral	Percentagem válida	Percentagem cumulativa
Tráfico de drogas e homicídios	1	0,4	0,6	98,3
Tráfico de drogas e tentativa de homicídio	1	0,4	0,6	98,9
Tráfico de drogas	1	0,4	0,6	99,4
Tráfico ilegal de arma de fogo	1	0,4	0,6	100,0
Atribuição total	178	66,7	100,0	-
Não informado	89	33,3	-	-
Total	267	100,0	-	-

Fonte: Inquéritos Policiais de Homicídios do DHPP, 2009

## **ANEXO 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA – HISTÓRIA DE VIDA**

### **INTRODUÇÃO**

Bom dia/boa tarde, eu sou Fulano, sou pesquisador da UFPE, e estou fazendo uma pesquisa que procura conhecer a realidade dos apenados no Brasil, hoje. Eu queria conhecer um pouco a sua experiência de vida. Vou perguntar algumas coisas sobre o que você acha sobre a sua história, as coisas que você acha que foram importantes, etc. Antes de mais nada, eu queria te dizer que essa pesquisa é sigilosa, e nada do que você disser aqui vai ser publicado, tudo o que conversamos aqui vai servir apenas para fins da pesquisa, para a gente tentar entender a história de quem está no sistema penal, hoje. Você aceita participar dessa entrevista? Você permite que eu grave essa entrevista?

EM TODA A ENTREVISTA, É IMPORTANTE ESTAR ATENTO PARA OS TERMOS USADOS PELO ENTREVISTADO, E PELOS TEMAS TRAZIDOS POR ELE PARA A ENTREVISTA. É IMPORTANTE PRESTAR ATENÇÃO NA TRAJETÓRIA QUE ELE DESCREVE, PRINCIPALMENTE NOS MOMENTOS EM QUE SE PERCEBE UMA MUDANÇA DE RUMO, MOMENTO EM QUE O ENTREVISTADO EXERCEU SEU PODER DE ESCOLHA. NESSES MOMENTOS, É IMPORTANTE PERGUNTAR O QUE O LEVOU A TOMAR TAL OU TAL ESCOLHA, EXPLORANDO ASSIM OS MOTIVOS QUE O LEVARAM PARA TAL CAMINHO, PRINCIPALMENTE NA ESCOLHA PELO CRIME.

### **1) ORIGENS**

É importante aqui tentar resgatar a lembrança do entrevistado o máximo possível para ele falar sobre a sua história, sobre as relações que teve na infância e adolescência, fazendo com que ele construa narrativas sobre a sua trajetória e sobre a trajetória de seus amigos/primos/irmãos, etc. É importante aqui explorar o máximo possível o histórico familiar, tentando entender como eram as relações familiares, que tipos de problemas ele percebia dentro de casa, como era a convivência dentro de casa, se convivia com o pai e com a mãe, com quem morava, se teve experiências de violência doméstica, se presenciou o uso de drogas dentro de casa, alcoolismo, etc.

Nesse ponto, é importante também entender a relação com a escola, assim como se houve algum tipo de envolvimento com trabalho, os motivos pelos quais abandonou a escola, se isso ocorreu, etc.

EM TODA A TRAJETÓRIA, É IMPORTANTE BUSCAR PONTOS DE CONFLITO, BUSCANDO ENTENDER SE AS RELAÇÕES FORAM PERMEADAS POR VIOLÊNCIA.

### **Infância**

- Qual é a primeira lembrança da sua vida?
- Onde você nasceu? Onde você cresceu?
- Como era esse lugar? O que mais você se lembra de lá?
- Como era a sua família? Quantos irmãos você tinha?
- Como era seu relacionamento com seus pais? E irmãos?
- Alguém em casa tinha problemas com álcool ou drogas?
- Você tinha amigos?
- O que você mais fazia naquela época? O que mais gostava de fazer?
- Do que você brincava? Quem eram seus amigos?
- Do que você tinha medo?

- Como eram seus vizinhos?
- Você trabalhava? Em quê? Como era essa experiência de trabalhar?
- Quais eram os ídolos da sua infância/ Quem você admirava? O que você dizia que queria ser quando crescesse?

## **SE VOCÊ FOSSE CONTAR A HISTÓRIA DA SUA VIDA PRA ALGUÉM? COMO É QUE VOCÊ CONTARIA?**

### **Adolescência**

- E a sua adolescência, como foi (por volta dos 12, 13 anos)?
- O que você fazia?
- Quais eram suas atividades preferidas nessa época?
- Quem eram seus ídolos nessa época?
- Com que tipo de música você se identificava?
- Que lugares você frequentava?
- Quem eram seus amigos?
- Como era seu relacionamento com pais e irmãos nessa época?
- Qual é a melhor lembrança que você tem dessa época?
- E a pior?
- E os namoros, as paqueras, os rolos?
- Teve alguém importante na sua vida? Como foi essa história?

### **Escola**

- Você já frequentou a escola?
- O que você mais gostava na escola?
- Você tinha muitos amigos?
- O que você e seus amigos faziam quando se encontravam na escola?
- E depois, o que faziam fora da escola?
- Você chegou a parar de estudar alguma vez? (*Em caso afirmativo*) Quantas vezes?
- O que você acha que poderia ter te ajudado você a continuar estudando?
- Dos seus amigos, quantos continuaram estudando?
- O que eles estão fazendo hoje?

## **2) TRABALHO E VIDA ANTERIOR À PRISÃO**

Explorar aqui toda a trajetória no trabalho, indo do último ao primeiro emprego, estimulando o entrevistado a contar histórias relacionadas ao mundo do trabalho, se gostava de trabalhar, como era a rotina, que tipo de trabalho tinha, se teve algum trabalho com carteira assinada, se era o responsável pelo sustento da família, se ajudava, com quem gastava o dinheiro que ganhava, etc. Tentar apreender também a rotina de vida dele, antes da prisão, com foco nos relacionamentos (família, amigos, vizinhança).

### **Trabalho**

- Antes de ser preso você já fez algum tipo de atividade para ganhar dinheiro?
- O que você fazia?
- Você gostava do que fazia?
- O que mais você gostava nessa atividade? E do que menos gostava?
- Você ajudava em casa com o dinheiro que ganhava?
- Como você gastava o seu dinheiro?

- *(Se nunca trabalhou)* Você já procurou trabalho?
- Se achou: por que deixou o trabalho?
- Se não achou: por que acha que não achou?

### **Relações anteriores à prisão/internação**

- Logo antes de ser preso, como era a sua vida? O que você fazia?
- Você tinha amigos?
- Como vocês faziam para se divertir?
- Com quem você morava antes de ser preso?
- Como era a convivência na casa em que você morava?
- Você tem algum primo, irmão ou outro parente que também está internado?
- Como é que você definiria a “família” em uma frase?
- Do que você mais gosta na sua família? E do que menos gosta?

### **Redes de proteção**

É importante tentar apreender o impacto que as redes de proteção tiveram na vida do entrevistado. Não apenas a religião, mas questões como prática de esportes, participação em alguma atividade comunitária, envolvimento com outros jovens, meios de lazer, etc.

- Você já participou de algum tipo de associação, como grupos de música, grupos religiosos, projetos sociais? Essa experiência mudou alguma coisa em sua vida?
- Antes de ser preso/internado, você praticava alguma religião?
- Alguém da sua família praticava alguma religião?
- E hoje, você pratica alguma religião? A religião mudou alguma coisa na sua vida? O quê?
- *(se não)* Por que você nunca frequentou nenhuma religião? Você acredita em Deus?

### **3) VIDA APÓS A PRISÃO**

É importante aqui tentar apreender um pouco a rotina dele na instituição, o que é mais importante para ele hoje, o que ele sente mais falta em relação à vida dele antes de ser preso/internado. Saber se ele tem amigos, dentro e fora da instituição. Se já passou por outras internações, de medidas socioeducativas ou prisão. O que fez no período em que esteve fora, e por que voltou são pontos importantes. Nesse ponto, tentar apreender o impacto que a internação/prisão teve para a sua vida, principalmente, se teve impacto na visão que ele tem sobre a sua trajetória no crime.

### **Vivência na instituição**

- Antes de entrar aqui, você já tinha caído antes?
- Você lembra por quais instituições você passou?
- E qual foi o motivo pelo qual você foi internado dessas vezes?
- No período que você ficou fora (quanto tempo), o que você fez?
- Como você se sentiu quando entrou num presídio pela primeira vez?
- Como é a sua rotina aqui dentro da prisão? O que você faz quando acorda?.....
- Você tem amigos que estão presos com você?
- Você fez amigos quando entrou aqui?
- Você vai à escola aqui? Você trabalha?
- Você já sofreu algum tipo de castigo aqui dentro? O que aconteceu? Como é o castigo?

### **Relações com a família**

- Alguém vem visitar você? Quem?
- Seu relacionamento com a sua família mudou depois da sua prisão?
- Como você descreveria o seu relacionamento com a sua família hoje?
- Como vivem seus pais hoje?
- E seus irmãos?
- Você tem mulher e filhos? Como é seu relacionamento com eles? Mudou depois da prisão?

### **4) TRAJETÓRIA NO CRIME**

É importante tentar apreender a forma como o entrevistado pensa a sua própria trajetória, ou seja, o que ele entende ser importante, as decisões que tomou durante a vida, porque se envolveu no crime. É importante também tentar apreender se o envolvimento com o crime se deu por conta das amizades, ou seja, se ele se envolveu porque outras pessoas o levaram a isso, assim como o peso do envolvimento com as drogas possui na sua trajetória. O que aconteceu com os amigos de infância etc.

- Há quanto tempo você está aqui?
- Por que você foi preso?
- Qual foi o delito que você cometeu?
- Você pode contar como foi? O que te levou a fazer isso?
- Tinha outras pessoas com você ou você estava sozinho (ATENÇÃO, NÃO PERGUNTAR QUEM ERAM ESSAS PESSOAS, APENAS SE HAVIAM OUTRAS PESSOAS ENVOLVIDAS).
- Outras pessoas estão cumprindo pena pelo mesmo crime?
- Como se deu a sua prisão? Onde foi?
- Foi agredido pela polícia? O que eles fizeram com você?
- Antes desse delito, você já tinha cometido outros? Quais?
- Você já se envolveu com drogas? Como: consumia, vendia? Você tinha uma relação regular com traficantes?
- Se vendia: o que você fazia com o dinheiro das drogas?
- E o crack, você já consumiu? O que é que você acha do crack? Você conhece muita gente que consome?
- Você já perdeu muitos amigos pro crime/drogas?

### **Expectativas**

- Do que é que você mais gosta na sua vida?
- Se você pudesse escolher uma vida pra você, como ela seria?
- E do que você menos gosta?
- Se você pudesse mudar algo em sua vida, o que você mudaria?
- O que você pretende fazer quando sair daqui?
- Você tem projetos para o seu futuro? Quais são eles? Você acredita que pode realizá-los?
- Quais são os seus maiores sonhos?